



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social

Rodrigo de Araujo Monteiro

Prevenção da Violência:
O caso de projetos sócio-esportivos nos subúrbios cariocas

Rio de Janeiro
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Rodrigo de Araujo Monteiro

**Prevenção da Violência:
O caso de projetos sócio-esportivos nos subúrbios cariocas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós graduação em Saúde Coletiva, do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde.

Orientador: Profa. Dra. Alba Maria Zaluar

**Rio de Janeiro
2009**

C A T A L O G A Ç Ã O N A F O N T E
U E R J / R E D E S I R I U S / C B C

M775 Monteiro, Rodrigo de Araujo.

Prevenção da violência: o caso de projetos sócio-esportivos nos subúrbios cariocas /
Rodrigo de Araújo Monteiro. – 2009.
193f.

Orientadora: Alba Maria Zaluar.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Juventude e violência – Teses. 2. Esportes – Aspectos sociais – Teses. 3. Projetos sociais – Teses. 4.
Violência – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 5. Pobreza – Rio de Janeiro (RJ) I. Zaluar, Alba. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 301.162.2:796

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à professora e orientadora Alba Zaluar, que sempre me incentivou, com diálogo intenso e sincero, respeito, carinho e cuidado desde o mestrado e com quem aprendi - além de antropologia - que era possível manter e cultivar utopias. Sou agradecido, ainda à Alba Zaluar, pelo fato de em muitos momentos resgatar-me a auto-estima.

Quero agradecer ao professor Mário Monteiro que, pacientemente, me levou a entender um pouco das engrenagens estatísticas e dos softwares usados por essa ciência. Além de compartilhar bons momentos de prosas nos corredores do IMS.

Ao professor Luiz Antonio Castro Santos, pelas abordagens generosas e carinhosas, sempre instigando a reflexão - tanto por indagações quanto pelo humor inteligente e rápido.

À professora Maria Lina Teixeira agradeço a maneira sempre carinhosa e sincera de fazer observações.

À antropóloga Regina Novaes, pelas carinhosas e necessárias ponderações feitas na defesa de tese.

À Délia Conceição, pela dedicação e pela doação na correção gramatical e ortográfica do texto.

Às amigas que cultivo desde os primeiros passos no NUPEVI: Maria Alice Gonçalves, e Fátima Cecchetto. Agradeço todo o estímulo, diálogo e reconhecimento.

Um especial e carinhoso agradecimento à Ana Paula Alves Ribeiro, amiga, parceira, leal e, sobretudo, capaz de ouvir e compreender.

Ao amigo e colega Luiz Fernando Pereira, agradeço as sugestões e o senso de realidade que marcam nossa amizade.

Aos colegas de muitas fases do NUPEVI, especialmente a Márcio Dark, Isabel Siqueira, Geraldine André Roth, Fabiane Camilo e Alessandra Tomé.

A Luiz Antonio Zaluar por me mostrar outros lados do mundo do esporte.

Aos funcionários e colegas do IMS e a todos do CEPESC que sabem entender como ninguém os anseios e necessidades dos alunos, e com especial abraço aos funcionários do setor de informática: sempre solícitos.

Quero agradecer, com especial carinho, aos amigos de batalhas, de angústias e de diálogos profundos: Carlos Henrique Assunção Paiva e Úrsula Farias.

Aos amigos Danielle Morais e Cassius Schnell, Roberto Prata.

A todos aqueles que me acolheram com paciência e carinho nas duas Vilas Olímpicas.

Aos amigos desde os tempos de graduação no IFCS: Cristiano Monteiro, Ivia Maksud, Nalayne Mendonça, Andréa Osório, Marcelo Guilhon e Bianca Leite.

Aos colegas docentes: Cláudio Baptista, José Eduardo Filho, Marcelo Jácomo, Koffi Djima, Márcio Albuquerque, Miriam Dolzani, Márcio Bispo, Dayse Rosas e Hugo Freitas.

Agradeço aos amigos com quem cultivo uma sólida, honesta e durável relação e que sempre estimularam a investigação intelectual: José Machado e Claudia Sussekind, Eduardo Pacheco, Cleiton Baptista e Adriana, Sérgio Adelson, Flávio Alonso, Luiz Eduardo Vianna, Marcelo Rego, Aylson Manoel, Rafael Mendes, Márcia Cristina, Luis Marcelo Velasques, Carlos Schubert, Ketlin Ohara, Egberto Miranda e Alessandra Lee.

Agradeço a novos, mas não menos leais e caros amigos: Marco Aurélio, Brunno Braga, Marcos Cruz e Sandro Gomes.

E à Ana Paula Novaes que sempre me estimulou em momentos de hesitações e inseguranças.

Por último, agradeço aos familiares que sempre apostaram e compartilharam de momentos delicados nesse percurso: Luiz Santos e família, Sílvia Araujo, Élide Santos, Elza e Juvenal.

E para os que foram, simplesmente, o começo de tudo e que desde cedo me mostraram a importância de estudar, meus pais: Edna Maria e Marco Antonio.

Resumo

A presente tese pretende analisar como as mais variadas práticas esportivas (futebol, basquete, *tae kwon do*, natação, vôlei e outras) realizadas por jovens pobres em algumas localidades do subúrbio carioca têm se estabelecido dentro de territórios marcados pela intensa e vasta experiência de violência. O esporte, muitas vezes, é apresentado como solução para a prevenção à violência em comunidades carentes e para jovens em situações de risco, vulneráveis ao canto e encanto de armas, carros, dinheiro fácil e rápido, que tem um lado menos sedutor: a morte, as perdas de amigos, vizinhos e parentes, ou as sequelas deixadas para o resto de suas vidas.

Aposta-se no esporte como uma alternativa, entre outras, para tentar conter a vulnerabilidade de parcela da juventude pobre – que pode ser seduzida pelo encanto das armas e poder dos traficantes. A aposta - se não bem trabalhada - pode se constituir numa armadilha, uma vez que há forte sedução também pelo mundo do esporte. Parece, portanto, que estamos diante de um remédio que - se prescrito e ingerido erradamente - pode ajudar a aumentar a doença do paciente ou mesmo a matá-lo.

Para a tese, o trabalho de campo foi feito no subúrbio carioca, região fortemente marcada pela violência, mas que possui imenso histórico de contribuições para o esporte e para a música. Fato confirmado em duas pesquisas de vitimização realizadas pelo NUPEVI.

Para vencer esse jogo é preciso que os projetos sociais, a escola e os demais campos da sociedade civil - como as associações vicinais, por exemplo - passem a desmontar a hipermasculinidade e o etos guerreiro como modos de afirmação de homens, apontando-o como causa de malefícios à sociedade e à saúde - principalmente dos próprios homens que morrem, por causa dele, muito prematuramente, como demonstram as estatísticas oficiais e os dados da pesquisa de vitimização.

Palavras-chave: prevenção da violência; juventude; pobreza; projeto sociais; esportes.

Abstract

This thesis aims to analyze as many different sports (football, basketball, Tae Kwon Do, swimming, volleyball and others) made by young people in some poor districts in the Rio suburb have been established in areas marked by intense and extensive experience of violence . The sport often is presented as a solution to preventing violence in poor communities and for youth at risk, vulnerable to the corner and charm of weapons, cars, money, quick and easy, which has a less alluring: death , the loss of friends, neighbors and relatives, or the sequels left for the rest of their lives.

Bet on the sport as an alternative, among others, to try to contain part of the vulnerability of poor youth - who can be seduced by the charm and power of arms of traffickers. The challenge - if not well managed - can be a trap, since there are also strong seduction by the world of sport. It seems therefore that we are faced with a remedy that - if wrongly prescribed and ingested - can help increase the patient's disease or even kill him.

For the thesis, the fieldwork was done in the Rio suburb, region heavily dominated by violence, but which has immense historical contributions to the sport and the music. Was confirmed in two of victimization surveys conducted by NUPEVI and some data used for this thesis.

Even with all the changes that the sport has suffered due to be part of an industry (entertainment) whose primary goal is profit - and not the re-socialization - the figures provided by modern sports remain key elements for the transmission of social values.

To win this game we need the social projects, schools and other fields of civil society - such as neighborhood associations, for example - will disassemble hipermasculinidade and the warrior ethos and modes of expression of men. indicating it as a cause of harm to society and health - especially the men who killed themselves because of him very early, as shown by official statistics and data from the search of victimization.

Key words: prevention of violence, youth, poverty, social projects, sports.

Siglas Utilizadas:

AP – Área de Planejamento

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

IMS – Instituto de Medicina Social.

NUPEVI – Núcleo de Pesquisa das Violências.

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PCRJ – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas.

VO – Vila Olímpica

VOM – Vila Olímpica Municipal

VOMCC – Vila Olímpica Municipal Carlos Castilho

VOMCN – Vila Olímpica Municipal Clara Nunes

Sumário

	Página
Introdução	08
Capítulo 1 - Globalização, desagregações e individualismos	18
Capítulo 2 – O esporte na era da Globalização e da Fragmentação	35
Capítulo 3 – Desigualdade, Violência e Pobreza no Brasil	54
Capítulo 4 – O Esporte e a Escola: Alternativas?	68
Capítulo 5 – A cidade do Rio de Janeiro	89
Capítulo 6 – Masculinidade, juventude e vizinhança no Rio de Janeiro	105
Capítulo 7 – Etnografia do campo esportivo no subúrbio carioca	127
Conclusões	177
Bibliografia	184
Websites visitados	191

Introdução

A presente tese pretende analisar como as mais variadas práticas esportivas - futebol, basquete, *tae kwon do*, natação, vôlei e outras, realizadas por jovens pobres, em algumas localidades do subúrbio carioca - têm se estabelecido dentro de territórios marcados pela intensa e vasta experiência de violência - seja em função do conflito armado entre traficantes, por confrontos entre bandidos e policiais, ou brigas de galeras funks, ou de torcidas organizadas. Some-se a isso o fato de que a experiência cotidiana dos moradores dessas regiões tem sido, constante e profundamente marcada, pela relação com a dor da perda de amigos, parentes, vizinhos. Registre-se ainda que se trata de pessoas vivendo em áreas degradadas econômica e socialmente, como nos mostram as duas pesquisas de vitimização realizadas pelo NUPEVI (Núcleo de Pesquisa das Violências) e que exploraremos em capítulos à diante.

O esporte é, muitas vezes, apresentado como solução para a prevenção à violência em comunidades carentes e para jovens em situações de risco, vulneráveis ao canto e encanto de armas, carros, dinheiro fácil e rápido, que oculta um lado menos sedutor: a morte, as perdas de amigos, vizinhos e parentes, ou as sequelas deixadas para o resto de suas vidas. Mas será o esporte capaz de 'salvar' e apresentar aos jovens pobres novas perspectivas, novos projetos de vida, bem como ampliar os campos de possibilidades na Área de Planejamento 3 (AP 3) - região da cidade mais marcada pela presença do tráfico de drogas, pelo barulho de tiros e altas taxas de crimes violentos, em especial o homicídio?

Essa foi a região que, quando investigada por duas das Pesquisas de Vitimização realizadas pelo NUPEVI, mostrou-se também como uma das mais violentas da cidade, de acordo com as suas vítimas: alto índice de agressão entre homens em ruas e praças de seus próprios bairros. Além disso, as proporções de perdas de parentes, amigos e vizinhos assassinados são as mais altas da cidade para os moradores dessa área. Moradores também relataram ouvir ali barulhos de tiros com mais frequência que em outras áreas da cidade. Não é de se espantar. Quanto aos locais públicos de esporte e lazer são bem avaliados pelos entrevistados, ou seja,

apresentam bom estado de conservação, sendo considerados agradáveis e propícios para práticas esportivas. Veremos esses dados em detalhes mais à frente.

Eis aqui o que pode ser uma contradição: por que os bem avaliados locais de esporte e lazer não conseguem impedir que, em praças e bairros, os homens se agriam, se matem e instaurem pequenas guerras cotidianas? Estaria o esporte perdendo seu papel no que tange à pacificação dos costumes?

Com todas as transformações ocorridas no mundo dos esportes, tais como: a globalização, a exportação de pés-de-obra¹, a transformação dos esportes em *show business*, ou seja, um conjunto de fatores que em larga medida alteraram o sentido e os valores do esporte, poder-se-ia ainda pensá-lo como capaz de (res)socializar jovens vulneráveis às atrações do mundo do crime?

Se pensarmos que o esporte não se limita à ações espetaculosas, à indústria do entretenimento, à exportação de pés-de-obras, à transmissões televisivas globais, à transações milionárias e, muitas vezes, com motivos duvidosos e ilícitos, a resposta é que ele possui um arsenal de ferramentas capazes de transformar, sugerir oportunidades e abrir caminhos ou lançar luzes – tornando possível a compreensão desse universo para aqueles que se interessam por ele e nele mergulham, sejam: espectadores, atletas, estudiosos e todos os tipos de profissionais envolvidos.

Em um contexto marcado pela violência destruidora da sensibilidade pelo terror e pelo medo socializados, pela presença reduzida (ou ilegal) do Estado e pela família desmantelada, que usos e representações podem se fazer do esporte?

Para tentar responder a essas perguntas, apresentarei trabalho de campo desenvolvido em dois bairros da Área de Planejamento 3 (AP 3), justamente a área mais marcada pela violência e onde se localizam os principais e violentos complexos de favelas da cidade: Alemão, Maré, Juramento, Jacarezinho e Penha.

O trabalho de campo com observação participante foi realizado em duas Vilas Olímpicas Municipais: A Vila Olímpica Clara Nunes e a Vila Olímpica Carlos Castilho, localizadas, respectivamente, em Costa Barros e na Grota (Complexo do Alemão).

¹ Os jogadores de futebol são assim chamados por Arley Damo, um dos estudiosos do futebol no Brasil, por conta do uso que é feito dos seus pés para o trabalho nos campos do esporte pelo mundo afora. É uma analogia com mãos de obra, termo usado para os trabalhadores braçais. No futebol, seriam trabalhadores pernais.

O termo Vila Olímpica, inicialmente utilizado para designar os espaços onde delegações de atletas se concentram durante as Olimpíadas. Tal nome passou a ser usado também no Brasil na década de 1980, cabendo à escola de samba Mangueira, a estréia do nome. E será precisamente em 1987 que a Mangueira criará a sua Vila Olímpica, com o intuito de – através do esporte – profissionalizar e ressocializar jovens em situação de risco, ou não. E nos anos de 2000, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro irá implementar as suas Vilas, como resultado de adoção de políticas públicas voltadas para o esporte e lazer.

Durante a graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o tema de projetos esportivos já me despertava interesse. De tal maneira que realizei, como bolsista de iniciação científica no Laboratório de Pesquisa Social, sob orientação da professora Regina Novaes, um estudo sobre o então chamado “Campeonato de Favelas”, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol e a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Por essa ocasião, em uma primeira aproximação de jovens de comunidades carentes, foi possível perceber, então, como o esporte ocupa papel central na vida desses indivíduos e de suas comunidades, seja o esporte entendido como lazer, seja como possibilidade de profissionalização ou como um mero passatempo.

Anos mais tarde, durante o mestrado, realizado no Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde fui orientado pela professora Alba Zaluar, investiguei a torcida organizada Raça Rubro Negra, com foco na violência de alguns de seus componentes. No campo etnográfico dessa pesquisa foi possível notar uma constante guerra marcada por aspectos de um *ethos* guerreiro exibicionista e agressivo, portanto, com características da hipermasculinidade². Esse *ethos* está presente ou faz parte da formação subjetiva de jovens em todas as classes sociais.

Posteriormente, como pesquisador do NUPEVI, foi possível acumular experiência em outras pesquisas, como a intitulada “Violência, associativismo e religiosidade em três bairros do Rio de Janeiro”, onde, em conjunto com a equipe e, em

² Hipermasculinidade: a exacerbação de valores e práticas masculinas associadas ao poder e controle pelos “machos” (Zaluar, 2004; Holand & Scourfield, 2000).

especial com Luiz Fernando Almeida Pereira, pudemos observar traficantes, atravessadores de drogas ilícitas, policiais, moradores e líderes comunitários, bem como usuários e suas relações, interações e representações sociais. Tendo o bairro de Copacabana como foco de nossas avaliações, com o desenrolar do tempo e dos trabalhos, descortinamos ali aspectos de uma noite com menos *glamour* e, a partir de nossas observações foi possível verificar, portanto, diferenças significativas em relação a configurações sociais de outros bairros cariocas, como Madureira e Tijuca.

Na pesquisa sobre sambistas, “Noções de Masculinidade, Nação e Cidade no Samba Carioca” onde foi desenvolvido trabalho de campo etnográfico junto a sambistas, dirigentes de escolas de samba, bicheiros, gestores, compositores e membros das mais variadas associações carnavalescas, analisamos aspectos relativos à masculinidade, ao estabelecimento de laços sociais e à interações sociais tão dinâmicas quanto ambíguas, também visando entender o papel dessas organizações como fonte de prevenção à violência.

Outra pesquisa de volumosa importância na minha formação profissional, foi a de Avaliação do Projeto Mel (Movimento Esporte e Lazer da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer) realizada entre 2004 e 2005, quando foram pesquisados mais de 30 núcleos esportivos em toda a cidade. O projeto - com atividades culturais, esportivas, recreativas e, até mesmo, educacionais - atende, essencialmente, a jovens oriundos das classes trabalhadoras. Em tal empreendimento, conseguimos perceber a vital importância das práticas de esporte para jovens em situações de risco, moradores de comunidades carentes ou mesmo de regiões imediatamente próximas.

Ainda dando prosseguimento ao conjunto de pesquisas de que pude participar ativamente no NUPEVI, nos anos de 2005 a 2007, experimentei a rica, intensa e esclarecedora prática de uma pesquisa de vitimização. A primeira pesquisa, realizada em toda a cidade com mais de 3.400 entrevistas, me despertou o interesse por dados quantitativos. A segunda - menor em números mas não em importância, pois realizada apenas com moradores de favelas - abarcando 660 entrevistas, realizadas em mais de 60 favelas da cidade do Rio de Janeiro - confirmou o valor dos métodos quantitativos, mas fomentou paradoxalmente a necessidade de investigar ainda mais, desta vez

etnograficamente, questões levantadas pelos números: buscar a carne e o sangue por detrás dos números, no sentido que Malinowski empresta à expressão.

Creio, com toda certeza, que seria elucidativo, se algum dia um antropólogo resolvesse fazer etnografia de uma pesquisa de vitimização. Trata-se de um ambiente rico na diversidade de profissionais, experiências de vida e carregado de expectativas em relação aos resultados da pesquisa. Esses, se por um lado foram intrigantes, perturbadores e reveladores, por outro lado, exigiu aprofundar reflexões pela comparação dos problemas da cidade relacionados à violência, às segmentações e às interações sociais.

Todas essas experiências me capacitaram de alguma forma a entrar em campo com questões efervescentes, inquietantes e importantes. E, ao mesmo tempo, me deixaram mais atento para possíveis contradições e desinformações trazidas pelos informantes durante o trabalho de campo.

Porém, foi sobretudo em relação ao esporte que essas pesquisas mais me chamaram a atenção. Por que as mais diversas formas de prevenção à violência apostam na prática esportiva como uma de suas alternativas? A idéia, a princípio romantizada e inocente do esporte, poderia não dar conta dos inúmeros desdobramentos e percalços que esse - sobremaneira o futebol - vem demonstrando nas últimas décadas.

Ao entender também que o esporte, decididamente, faz parte da concepção de saúde coletiva - que não pensa apenas na doença afligindo corpos e células mas que inevitavelmente entende o indivíduo como um todo - as práticas esportivas, além de contribuírem para a saúde do corpo, podem, certamente, ser pensadas para a saúde da alma. Nesse sentido é que, através dessas práticas, podemos pensar o esporte como fator de prevenção à violência - que, positivamente, já é considerada questão de saúde.

No capítulo 1, discuto autores que apostam em uma fragmentação, aumento do individualismo e fim da comunidade e apresentamos, também, as possibilidades a essas tendências, como a eficácia coletiva, o fortalecimento do capital social, a construção do respeito e do caráter.

No capítulo 2, apresento um panorama do esporte e suas dimensões econômicas, socializadoras, históricas e seus usos - tanto para propiciar a melhoria da vida coletiva, quanto para beneficiar grupos sociais, políticos e econômicos.

No capítulo 3, discuto o papel do Estado brasileiro e da sociedade civil no combate à pobreza e à desigualdade, tentando perceber os avanços e retrocessos dessas políticas.

No capítulo 4, busco discutir de como os projetos sociais (educacionais, esportivos) e a educação são encaradas como alternativas no combate à pobreza e na prevenção à violência. A partir do depoimento de entrevistados, apresento um quadro de reflexões sobre esse tema.

No capítulo 5, discuto como a cidade do Rio de Janeiro reagiu às transformações na economia e na sociedade e também às mudanças históricas no próprio Brasil - como a transferência da capital, a fusão da Guanabara com o Rio de Janeiro e a consolidação de São Paulo como centro econômico e financeiro do país.

No capítulo 6, apresento dados das duas Pesquisas de Vitimização realizadas pelo Nupevi, com enfoque na agressão entre homens – que tem caráter público (Zaluar, 2007) - e sua relação com os espaços públicos de esporte e lazer.

Já o capítulo 7 contempla o trabalho de campo realizado nas duas Vilas Olímpicas supracitadas, onde discuto a relação e a expectativa dos alunos das mesmas vilas, com relação ao esporte, as interações sociais entre alunos, funcionários, professores, pais e demais membros das comunidades locais.

Fontes de dados primários

Como fontes de dados primários, foi possível lançar mão de quatro pesquisas com distintas metodologias que focalizaram, sobretudo, o chamado subúrbio carioca, definido como AP 3:

1. Mergulhamos na Pesquisa de Vitimização da Cidade do Rio de Janeiro, realizada pelo NUPEVI em 2005-06, que contou com 3435 entrevistas, observando o critério da aleatoriedade em três fases, quais sejam, a escolha do setor, a escolha do domicílio e a escolha do entrevistado. Foram arrolados mais de 200 setores censitários espalhados

por toda a cidade, e a coleta de dados, que durou mais de seis meses, se baseava em um questionário com mais de 40 páginas, abordando questões sobre renda familiar, escolaridade e ocupação, percepção de segurança, convivência com vizinhos, percepção do bairro, informações sobre furtos, roubos, agressão sexual, opiniões sobre as polícias, sobre os hospitais e sobre os mais diversos serviços públicos essenciais.

2. Além dessa pesquisa de vitimização, que se deu em toda a cidade (asfalto e favela), também foi possível recorrer a uma segunda, realizada em 2007 - que contou com a mesma metodologia da anterior - estando voltada para as favelas cariocas, apresentando 660 entrevistas, espalhadas por 60 setores censitários da cidade do Rio de Janeiro, localizados exclusivamente em favelas.

3. Aliado a essas duas pesquisas quantitativas, recorri à pesquisa de avaliação do Projeto Germinal Mel realizada pelo NUPEVI, em 2005, que contou com a observação participante e entrevistas qualitativas e quantitativas em mais de 30 núcleos esportivos de toda a cidade. Esses núcleos também foram escolhidos com o caráter da aleatoriedade. O Projeto é gerenciado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

4. E, por fim, mas não menos importante, todo o cabedal das atuais pesquisas desenvolvidas pelo NUPEVI, que visa identificar a relação entre as comunidades (seus líderes, moradores, políticos locais), sua dinâmica interna na relação com traficantes e policiais, projetos esportivos comandados ou não por ONGs e ainda o papel da educação formal e profissionalizante na formação social da juventude pobre dos subúrbios cariocas, incluídas aí as favelas.

Também foram realizadas entrevistas com profissionais dos esportes - técnicos de futebol, auxiliares técnicos, gerentes de escolinhas - e com gestores de projetos esportivos do terceiro setor, além de líderes comunitários que trabalham com projetos sociais e esportivos, bem como de observação participante em locais de práticas esportivas - como praças, campos de várzea e centros esportivos - onde foi possível perceber as dinâmicas tanto dos jogadores quanto das platéias.

O trajeto nas Vilas Olímpicas:

O trabalho de campo realizado nas duas Vilas Olímpicas Municipais que não foi feito somente com entrevistas semi-estruturadas, abordou também:

1. Como se dão as relações entre os alunos, os pais, os professores, coordenadores de projetos, platéias, possíveis “olheiros” e lideranças comunitárias. Essa comparação ajudou a visualizar se existem ou ocorrem conflitos entre os moradores desses bairros e como eles se apresentam.
2. Coube investigar em cada uma das Vilas Olímpicas, como é pensada a possibilidade de frustração nos jovens pretendentes a profissionais do futebol - uma vez que o jovem faz a aposta no futebol para “salvação” da vida em terra e não nos céus - e como a família o vê pós-desilusão. Também foi investigado: como fica o futuro do jovem, sobretudo no caso daqueles que não fizeram investimentos em educação; em que medida o futebol ainda é desejado como profissão para os jovens, ou se a aposta no esporte é apenas como lazer.
4. Foram contempladas pela observação participante, as atividades esportivas das Vilas Olímpicas - seja sob forma de “pelada” (partidas informais disputadas entre os alunos das VOs), seja nos momentos de treino e com maior formalidade e rigor tático - quando o intuito era perceber se as atividades estão sendo realizadas com descontrolado das emoções (no sentido de Elias), e em caso positivo, quais têm sido as reações dos profissionais e dos alunos aos descontrolados.
5. Foi possível refletir sobre a eficácia dos projetos esportivos na prevenção à violência, e além disso, tento mostrar que as Vilas Olímpicas acenam com outras possibilidades de profissionalização - e de futuro fora das quadrilhas de traficantes - para os jovens envolvidos nesses projetos.
6. O campo possibilitou perceber quais as outras dimensões que vão para além do esporte, e dizem respeito à socialização, à formação de novos amigos, ao restabelecimento de redes sociais, e à descoberta de novos valores sociais, tanto por conta dos praticantes, como por conta apenas dos expectadores.

Assim, em um local com ampla e rica história no campo da produção cultural e esportiva nacional - o subúrbio carioca - mas que, hoje, apresenta, ao mesmo tempo,

dados que o configuram como uma das áreas mais violentas da cidade, mas que também é visto como um local onde se encontram fortes traços de sociabilidade - sobretudo entre vizinhos - com um cenário cercado por um contexto de troca de identidades (do trabalhador ao consumidor, da certeza da família à constante do divórcio e da comunidade fragmentada), os dados oriundos dessas investigações nos ajudaram a perceber até que ponto a coesão social foi destruída (se é que o foi) e qual é o papel que a prática dos esportes têm na reconstrução e reinvenção desses laços e interações sociais.

Se todos os modelos de políticas de combate e prevenção ao crime tem como protagonista central as comunidades locais - e as estratégias que visam o seu fortalecimento - com destaque para a reintegração da civilidade, ou seja, o que Carter (apud Giddens, 2001, p. 97) define como “a soma dos muito sacrifícios que somos chamados a fazer em prol da vida em comum”, a pesquisa possibilitou perceber como as Vilas Olímpicas cumprem esse papel nos subúrbios pobres e favelas analisados.

Será que o combate à criminalidade teria saído do modelo hobbesiano - que trabalha com a lógica da adesão ao Estado pelo medo, e pelo grande medo (medo da morte)? Terá sido abandonado aquilo que vem a ser uma das características dos subúrbios pobres e favelas, entendido por Robert Putnam como capital social? São as Vilas Olímpicas um exemplo de formação desse capital, pensada a partir do constante incremento das relações interpessoais, da sociabilidade baseada na confiança mútua e na noção de co-responsabilidade dos cidadãos?

Outro ponto importante foi o de tentar filtrar como minha presença durante o trabalho de campo pôde ter influenciado no comportamento de alunos, pais e profissionais desses projetos. Isso foi possível até mesmo durante as entrevistas, quando repetia perguntas de diferentes formas, ou ainda quando checava a validade da informação recebida de um informante com a de um outro. Essas ações permitiram ver o objeto de pesquisa não como inocente, ou mesmo, a partir de uma visão romantizada de que são sempre vítimas indefesas de circunstâncias macro-sociais e econômicas injustas, mas como indivíduos com voz ativa e com capacidade de darem - novos - rumos a seus próprios destinos.

Além disso, o fato de o outro - ou do objeto - não ser tão distante assim para um pesquisador que é morador do subúrbio desde sempre, exigiu maior dedicação ao estranhamento em todas as suas dimensões. Uma vez que o pobre do subúrbio ou o favelado não é tão “estranho”.

Estranhamento que se somou ao que o sociólogo britânico Ian Burkit (2008) define como o modo de configuração dos *social selves*. Conceituação que coloca em cheque a idéia de identidades rígidas, fixas e com pouco espaço para a mudança. No conceito desse autor o *self* é entendido como sendo construído em diversos contextos sociais e por uma heteroglossia³ de discursos dentro do qual o *self* deve lutar para encontrar sua própria voz unificada”, ou seja, uma espécie de indivíduo constituído em uma identidade em constante transformação. Nessa interpretação, nossos discursos - internos e externos - se adaptam, mas não deixam de encerrar nossa história, nossos habitus, nossa sexualidade e nossa própria biografia.

³ Pode ser entendido como a diversidade social dos tipos de linguagens que é produzida pela profissão, formação familiar, ou seja, pelos contextos sociais.

Capítulo 1

Globalização, desagregações e individualismos

Para entendermos a conjuntura na qual se aplicam os temas abordados por esse texto - tais como violência, masculinidade, juventude, educação, pobreza e esporte - é preciso refletir sobre as questões que perpassam a aldeia global, e que penetram no Brasil, afetando a cidade do Rio de Janeiro, sobretudo seus bairros suburbanos em seus mais corriqueiros e cotidianos modos de vida.

Nos últimos anos, transformações sociais sem precedentes históricos têm sido registradas na área das ciências sociais, tanto pela literatura nacional e quanto pela internacional. Tais mudanças – que concernem não apenas à família, à tradição, à globalização, ao modelo econômico implementado na grande maioria dos países ocidentais, mas também à democracia e suas instituições – sinalizaram para a necessidade de reformulação de paradigmas e obrigou que tradicionais e, até então consolidadas teorias sobre as sociedades, fossem reformuladas. Teorias que, por um lado poderiam estar sendo esquecidas, foram revividas e outras passaram a ser revisitadas com maior assiduidade.

No início dos anos de 1990, o governo Collor de Melo-Itamar Franco deu claros sinais de que o modelo neoliberal - ou seja, a idéia do estado mínimo - seria adotado no Brasil com a instituição do Programa Nacional de Desestatização, o PND, pela Lei nº 8.031, de 1990⁴, privatizando algumas empresas nacionais, como a Usiminas, a Embraer e a Companhia Siderúrgica Nacional - marco da presença do Estado brasileiro na economia desde os anos 1930. Essa política dava início a uma série de mudanças que seriam colocadas em prática nos anos seguintes. Outras medidas que reduziam o papel do Estado também foram adotadas, limitando-o à regulação de serviços públicos como telefonia, aviação civil, energia elétrica e outros.

A continuidade das políticas baseadas no neoliberalismo pelo governo posterior foi logo anunciada quando o presidente Fernando Henrique Cardoso vaticinou em sua posse, a primeiro de janeiro de 1995: “A Era Vargas acabou”. Estaríamos assistindo ao

⁴ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8031.htm. Acesso em 14 de outubro de 2007.

início do fim do *Welfare State* brasileiro? Essa transição, no entanto, não atingiu todos os setores e nem teve a amplitude que o autor da frase talvez desejasse. Algumas heranças da Era Vargas persistem até hoje, como, por exemplo, as leis trabalhistas⁵.

Recentemente, a Crise Econômica Mundial tem servido para repensar o papel do Estado e do Mercado, de tal forma que se observa uma revalorização do primeiro, visto por muitos como “salvador”⁶. O tema do controle e da maior regulação do mercado pelo Estado volta ao debate público em âmbito nacional e internacional. Todavia, esse controle, ou regulação, precisará ser global, pois trata-se de mercados absolutamente voláteis e “sem pátria”, cuja regulação dificilmente será exercida apenas por estados nacionais.

Quais seriam, entretanto, as implicações do modelo neoliberal no mundo social? Como uma de suas implicações, Anthony Giddens (2001) aponta para o fato de que o Estado baseado nas políticas do neoliberalismo não trabalha com a idéia de fornecer aos seus cidadãos proteção “do berço ao túmulo” como tentava fazer o Estado pensado e gerido pelos moldes do *Welfare State*. Nesse modelo neoliberal, o Estado passa apenas a fornecer a “rede de segurança”⁷, deixando o bem estar social como um “caminho natural” ou ainda entendendo que os direitos se transformam em serviços, que seriam encontrados e disponibilizados pelo próprio processo de desenvolvimento econômico, ou seja, pelo mercado, mesmo que esse se mostrasse cada vez mais distante.

Ainda nesse sentido, para Giddens, o modelo do *Welfare State* permitiria um pouco de espaço para a sociedade civil, enquanto que, nas políticas neoliberais, a sociedade civil seria deixada à sua própria sorte. Entretanto, segundo o mesmo autor, no modelo neoliberal, a sociedade civil há de conviver com o que ele chama de “fundamentalismo de mercado”, qual seja, uma ideologia de caráter fortemente dogmático que aposta na resolução de quase todos, ou todos os problemas da

⁵ No caso das reformas implementadas pelo thatcherismo, modelo mundial de implementação neoliberal, as leis trabalhistas foram logo afetadas, com o objetivo específico de fortalecer os sindicatos e dar poder de fogo às empresas para que pudessem aumentar seus lucros, pagando menos tributos sobre o trabalho. O momento extremo de Margareth Thatcher foi a tentativa de implementação do *Poll tax*, imposto famigerado que taxava todos os cidadãos, independente, de suas rendas.

⁶ Nesse sentido, vale lembrar que o *Premier* britânico tem sido chamado de *Flash Gordon* por ter elaborado plano de socorro aos bancos que foi adotado pelo resto do mundo.

⁷ Dois direitos básicos desse conceito são saúde e previdência social.

sociedade sem a participação do Estado, sob o manto da liberdade econômica, livrando o Estado de qualquer papel de regulação ou de decisão. A função deste último seria legislar e tributar (Pereira, 2006).

O crescente individualismo - outra marca desse período - tem sido muito mais associado ao fim da tradição (ou sua possível reinvenção dentro de novos símbolos), com novas lógicas de relações sociais, com novas formas de interação social, assim como o crescimento contínuo dos processos de globalização, do que à ascensão do mercado e à sua ideologia desagregadora. Porém, o mercado tem, inegavelmente, sua parcela de responsabilidade, sobretudo quando se apresenta acompanhado de um capitalismo do tipo selvagem, e da idéia de vencer a qualquer custo. Lógica que pode colonizar toda a esfera do social, inclusive penetrando no dia a dia das práticas esportivas.

Esse padrão de individualismo sem limites morais e institucionais, desagrega laços sociais, isola e atomiza os indivíduos - em seus novos e cada vez menores lares - e mina a confiança que cada indivíduo depositava no outro. Ora, o processo oposto, que criava a confiança e a interação entre as pessoas, foi muito importante na formação do Parlamento britânico e no desenvolvimento da democracia moderna, pois garantia que não haveria morte por conflitos entre os grupos políticos do Parlamento. Esse jogo sem a morte dos adversários tem parâmetros na prática esportiva, que, segundo Elias e Dunning (2003), vai civilizar a Grã Bretanha, aumentando a tolerância para quem age, pensa, fala, reza, se manifesta ou se veste diferentemente dos grupos hegemônicos.

O individualismo - sobretudo para Zygmunt Bauman (2003) - serve como impeditivo para o resgate da vida em comunidade e da vida coletiva, pois o espaço público torna-se privatizado - inclusive o espaço físico com o advento dos condomínios fechados. Já os sonhos coletivos - ou mesmo, as utopias - foram trocados por sonhos individuais; os direitos sociais cederam seu lugar à luta por direitos humanos, o que seria um retrocesso histórico, uma vez que os direitos humanos são consagrados em nossa era moderna juntamente com a Revolução Francesa, e os direitos sociais só são consagrados mais tarde com o *welfare state*, no século XX. Perde-se o sonho de transformar toda a sociedade com base nas narrativas que tentavam abranger todo o contexto social; valores sólidos da modernidade - como a segurança de um emprego

estável - se desmancham e a incerteza da permanência passa a ser a única certeza; a identidade de trabalhador - tão solidificada no começo da modernidade e que deu origem às lutas sindicais e sociais para se conquistar direitos sociais mundo afora - dá lugar a um novo padrão de identidade, baseada e centrada, na lógica do consumo.

Deixamos a sociedade de produtores - que também se convencionou chamar de sociedade moderna ou de sociedade industrial - para entrarmos na era da sociedade dos consumidores - sociedade pós-moderna ou sociedade pós-industrial.

A sociedade industrial educou e preparou os indivíduos para o trabalho e para a produção, formando identidades que seriam úteis para toda a vida. Essa sociedade criava fortes e robustos laços entre os trabalhadores, pois eram necessárias atividades sindicais e reivindicativas em conjunto e dentro de certa harmonia. Além disso, o fato da produção ser piramidal e centralizada em grandes fábricas facilitava a “luta” dos trabalhadores contra empregadores. Nessa sociedade o tipo de trabalho predominante era o do tipo braçal - pouco reflexivo e com baixa exigência de formação educacional.

A sociedade do pós-industrial, por outro lado, necessita preparar os seus indivíduos para o consumo (mesmo com todos os seus percalços) e, ainda que conte com templos coletivos para exercê-lo (como os *shoppings centers*), “*lo que se celebra colectivamente, en estos casos y otros similares, es el carácter individual de la elección y del consumo*”⁸.

O tipo de trabalho predominante, na sociedade pós-industrial, seria o do tipo intelectual, subjetivo e reflexivo, e a configuração dessa nova sociedade - a pós-industrial - condenaria boa parte dos trabalhos braçais ao fim - tão logo pudessem vir a ser substituídos por máquinas. Nesse modelo de sociedade, o trabalho agora se dá em rede, sem as famosas pirâmides hierárquicas que deixavam clara a cadeia de comando.

A indústria da era pós-industrial dispensou o trabalho bruto e sem capacitação, por um lado, e fragilizou a “luta de classes”, diminuindo a capacidade mobilizadora dos sindicatos através da dispersão da mão-de-obra, que agora fabrica componentes para um mesmo produto em várias partes do planeta.

⁸ Bauman, Zigmunt. “*Trabajo, consumismo y nuevos pobres*”. Barcelona: Gedisa, 2003.

Sennett aponta - em “A Corrosão do Caráter” (1999) - para as transformações no mundo do trabalho como sendo centrais nas transformações do caráter dos indivíduos na sociedade pós-industrial.

Se na sociedade industrial era possível - através de empregos com longa duração e das relações sociais oriundas do trabalho - que os indivíduos construíssem histórias cumulativas, na sociedade pós-industrial, entretanto, a capacidade de possuir histórias cumulativas se perde e perde potencial - uma vez que os empregos, a moradia e a rede de relações sociais construídas em função dessas se volatilizam. A sociedade de curto prazo inviabiliza relações de longo prazo, sejam essas na esfera do trabalho, da família ou da vizinhança.

Simultaneamente, a vida pública está corrompida, para Sennett (1989), pois o homem público deixa de existir na medida em que necessita exibir traços de sua intimidade em público - para estranhos e desconhecidos. Ou seja, a exibição das intimidades, nas mais variadas demonstrações de subjetividades, por exemplo, leva ao esfacelamento do espaço, da vida e do caráter público dos homens e das cidades.

Em todos os estudos a respeito das relações de trabalho nas sociedades contemporâneas fica clara a idéia de que a identidade e o perfil do trabalho mudaram.

Especialistas em sociologia do trabalho no Brasil (Santana & Ramalho, 2003) também chamam a atenção para o fenômeno das relações trabalhistas, uma situação na qual o desemprego - categorizado como “desemprego estrutural” - não é mais o resultado de uma conjuntura específica de crise econômica, ou de baixo índice de desenvolvimento econômico, mas condição permanente da sociedade contemporânea em função da globalização, do avanço tecnológico e da “re-engenharia produtiva” que diminui o número dos postos de trabalho em todos os setores da produção. Nesse contexto, os sindicatos perderiam força reivindicativa, tendo que reformular suas estratégias em um cenário onde os valores coletivos e de solidariedade evoluíram em relação inversamente proporcional ao risco de desemprego.

Comunidade

O termo comunidade que nos remete à idéia de homogeneidade e interesse comum é para Bauman:

“...trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranqüilidade comunitárias terão que passar a maior parte de seu tempo...

Esta parece uma observação que chega às raias da trivialidade: uma vez ‘desfeita’, uma comunidade, ao contrário da fênix com sua capacidade mágica de renascer das cinzas, não pode ser recomposta. E se isso acontecer, não será da forma preservada na memória...Isso parece óbvio, mas a lógica e os sonhos humanos dificilmente andam juntos.” (Bauman, 2003; p. 19)

Portanto, com a destruição do espaço público, do interesse coletivo, das grandes marcas clássicas da modernidade que foram reformuladas com a liquefação dos laços sociais e a exacerbação do individualismo, como os valores ligados ao trabalho (que passa a ter papel secundário, dando lugar ao consumo), como a família que foi desestruturada para uns ou democratizada para outros e com o Estado sendo reduzido em tamanho, apostar na comunidade para a resolução da insegurança generalizada passa a ser utópico dentro desse referencial teórico.

A redefinição do mundo do trabalho parece ter implicado em conseqüências ainda mais graves para as comunidades e suas associações. Ou seja, a transformação da identidade do indivíduo - antes como trabalhador e agora como consumidor - teve como conseqüência o enfraquecimento das associações de trabalhadores. Isso pode acontecer porque os indivíduos ainda podem estar desorientados frente a essas mudanças tão profundas.

Algumas associações vicinais, na cidade do Rio de Janeiro, também perderam a sua força por conta desses e de outros processos, muito próprios de grandes cidades. Associações de moradores, associações de sambistas, líderes locais (Zaluar, 2004):

“ organizações voluntárias que marcavam a vida social dos pobres – reclamavam da perda de autoridade e apontavam sua causa: o efeito subversivo das armas moderníssimas e poderosas nas mãos de rapazes e meros garotos. Estes, afastados de forma muito mais completa das atividades conjuntas com os adultos da famílias e do bairro, terminavam sua socialização onde aprendem os princípios da sociabilidade negativa, baseada no conflito pelo conflito, na vingança pessoal e na ausência de mecanismos de negociação verbal”.

Como pensar a sociabilidade diante de todo esse quadro?

Como as sociedades não são homogêneas e são internamente cindidas, é mister notar que essas transformações mencionadas não as afetam igualmente. Antigos bairros operários, vizinhanças pobres são conhecidas por ainda desenvolverem os laços de solidariedade e sociabilidade entre vizinhos (Zaluar, 1985; 1994; 2004). A diferença pode estar em graus maiores ou menores de desenvolvimento do capital social, da eficácia coletiva e da cultura cívica.

Cidades - e setores dessas - que desenvolveram maior interação entre seus indivíduos, onde o diálogo é ferramenta comum entre vizinhos, e onde os moradores são mais ativos em decisões das questões locais, têm mais chances de se fortalecer contra a atual conjuntura global de fragmentação e ruptura, aumentando a chance de bem estar⁹ entre os moradores, como mostram Mandeep Hothi, e Nicola Bacon (2007) em uma pesquisa sobre esse tema na cidade de Manchester.

Em função das transformações que volatilizaram não só as mercadorias, mas, principalmente, as relações sociais, e em uma conjuntura na qual a pergunta “quem precisa de mim?” passa a ser recorrente, a aposta no capital social pode representar uma possibilidade real, servindo como alternativa à fragmentação e ao crescente individualismo.

⁹ Termo que é resultado de alegria, qualidade e satisfação de vida, para os pesquisadores do mesmo estudo referido em seguida.

Pois a noção de capital social parte da pressuposição de que os indivíduos são capazes de estabelecer laços sociais baseados na confiança e na cooperação em redes com o fim de construir bens coletivos (D´Araujo, 2003). O capital social, no Brasil e nos subúrbios cariocas, foi capaz de criar e se estabelecer em associações vicinais - tais como associações de moradores, escolas de samba, clubes esportivos, associações religiosas, sindicatos e movimentos sociais. Essas associações, no entanto, não podem ser pensadas sem crítica e nem de forma romantizada ou inocente (Zaluar, 1994; Novaes, 2004, Alvito, 2001)¹⁰.

A capacidade que uma vizinhança tem para agir no coletivo com vistas à resolução de problemas que dizem respeito a toda a comunidade, ou seja, a eficácia coletiva, é outro elemento chave para contextos sociais de desagregação - em função da alta criminalidade ou outros fatores quaisquer. Para que a eficácia coletiva seja viabilizada, parte-se do pressuposto de que os laços sociais entre os vizinhos estejam fortalecidos, o que fortalece a própria comunidade e a prepara para agir coletivamente.

São conhecidas as transformações ocorridas nas sociedades e nas cidades globais (Sassen, 2001), todavia, sem a intenção de romantizar a sociologia e de defender que os laços individuais e comunitários continuam os mesmos de priscas eras da sociedade industrial, o próprio Giddens é quem lança sua aposta no restabelecimento dos laços comunitários como saída e como alternativa para a violência:

“...Enfatizar essas estratégias não significa negar as ligações entre desemprego, pobreza e crime. Ao contrário, a luta contra esses males sociais deveria ser coordenada com abordagens de prevenção ao crime baseadas na comunidade. Essas abordagens podem de fato contribuir direta e indiretamente para promover a justiça social. Onde a ordem civil se desintegrou juntamente com os serviços públicos e as moradias, outras oportunidades também

¹⁰ Mesmo que não estejam sempre voltadas para o bem comum, tais organizações podem ajudar no engajamento e mobilização social por uma causa.

declinam. Melhorar a qualidade de vida num bairro pode fazê-las reviver” (Giddens, 2001, p.98)

Reformar as praças e os espaços públicos e despejar recursos em obras não implica, necessariamente, em melhorar a qualidade de vida em um bairro. Todos os recursos empregados em obras e reformas terão pouca eficácia, se não forem tomadas outras medidas - como investimento em educação, saúde e recomposição dos laços sociais.

Soluções (com destaque para a que aposta em uma reformulação cultural dos movimentos sindicais) são apontadas no campo da sociologia do trabalho - um dos setores onde as transformações sociais são sentidas logo de início - para que sindicatos consigam superar as crises que os sacudiram nas duas últimas décadas, entre elas, as apontadas por Marco Antunes e José Ricardo Ramalho:

“a retomada das organizações de base...a incorporação de novos temas e demandas, a articulação em rede com outras formas de representação dos trabalhadores, a assunção do caráter transnacional de sua luta e organização...e por fim, o resgate da dimensão cultural em sua política – fazendo com que as entidades deixem de ser vistas como máquinas de guerra na luta de classes e recuperem, no bolo dessa luta, também seu aspecto de produtoras de novas sociabilidades entre os seus membros”.
(Antunes & Ramalho, 2003)

Para além de pensarmos no fim da comunidade e na pulverização dos laços sociais, o que podemos concluir quando acessamos a Internet e encontramos uma diversidade infinita de fóruns e comunidades voltadas para a troca de informações, idéias, produtos ou mesmo arquivos musicais, cinematográficos? E quanto a softwares gratuitos - que se colocam como alternativa a produtos “globais” e com preços considerados abusivos - e que operam com construção em rede, como o sistema operacional Linux?

Ou ainda, o que pensar do eMule, Kazaa e seus similares, por exemplo, que são espaços onde se compartilham vídeos e arquivos das grandes corporações multinacionais de forma absolutamente gratuita, mas que contam, por exemplo, com o trabalho não remunerado dos que traduzem os filmes para os idiomas locais? E quanto aos sites de relacionamento - verdadeiras febres no Brasil - que fazem com que amizades antigas e perdidas ao longo do ritmo da vida sejam recuperadas? Ou dos que constroem novas amizades a partir desses espaços? Há também a wikipedia, fonte de consulta sobre os mais variados temas na Internet e que é alimentada abertamente com informações em rede.

Esses novos locais de socialização têm mais relação com a reinvenção da tradição do que com o fim da comunidade e a exacerbação do individualismo.

Há ainda os grupos de mútua-ajuda - difundidos pelo mundo afora - que são baseados nas trocas de experiências em comunidade para resolução de problemas individuais. Esses grupos de mútua-ajuda, mais a internet podem ser exemplos do modelo pensado por Jacques Godbout (1999) sobre a dádiva e seus circuitos e, nesse caso, a classificação colocada por Alba Zaluar (Zaluar, 2004, p. 293), apoiada nos autores que criticaram a lógica utilitarista como a que explica o comportamento humano, seria no:

“quarto setor, o da reciprocidade moderna, a dádiva seria enfim baseada na generosidade para com estranhos, advindo de um ato gratuito e livre do doador. Ela pode ser impessoal ... mas não exclui totalmente o cálculo de um possível retorno através dos intermediários que atuam como agentes redistribuidores”.

Analisando o discurso neoliberal, Anthony Giddens encontra um paradoxo: por um lado, o conservadorismo neoliberal é defensor da nação (chegando a estágios xenofóbicos como os encontrados nos partidos “nacionalistas” como o *National Front* e o *British National Party*¹¹), por outro lado, o discurso neoliberal é defensor da família de

¹¹ Tais partidos chegam a possuir ligações com grupos de *Hooligans*.

tipo tradicional. Ao mesmo tempo, o discurso neoliberal é defensor da globalização, apresentando esta como uma esfera apenas econômica, e como se fosse, tão somente, benéfica aos seus próprios países.

A defesa da nação pelos neoliberais, entretanto, é pertinente quando também encontramos no seu discurso uma série de restrições ao multiculturalismo, mas não faz sentido ao defender o nacionalismo e a globalização com o livre mercado.

Família

Giddens analisa a apologia ao modelo de família tradicional feita pelos neoliberais, como sendo muito pouco baseado nos fatos, mas como uma espécie de idealização do passado. Para ele, esse discurso se explica pelo fato de que, para os neoliberais, a família cumpriria uma função na ordem social: a de amparar os entes desempregados, os entes necessitados - tirando essa tarefa do colo do Estado - e a função de manter o *status quo*.

Ser defensor das forças de mercado e apostar nelas como salvação mágica e miraculosa para todos os problemas sociais, inclusive como saída para a recuperação da família tradicional, é alimentar a própria serpente, pois o mercado livre e desregulado é um dos elementos destruidores da família, até mesmo a do tipo mais tradicional, haja visto o nefasto efeito das propagandas comerciais sob famílias pobres, impondo (ou sugerindo) aos pobres produtos e padrões de consumo muito além de suas possibilidades. Essa é uma característica do sistema capitalista que já se definiu como “socialização do sonho e privatização dos bens”, qual seja, a idéia de que todos podem sonhar (com carros importados, tênis, produtos de marcas), mas só alguns podem possuí-los.

A natureza desagregadora do mercado e do capital que tem avançado sob os países ocidentais caminha no sentido inverso da integração e conservação da família, na medida em que sua ideologia valoriza o consumo como marco de identidade. A demonstração de status e poder por quem alcança os degraus mais altos do extrato social também não contribuem para a manutenção dos valores familiares tradicionais.

Giddens (2001) observa ainda que a defesa que os neoliberais fazem é da família de tipo conservador, tradicional, que renega as famílias “como lares com uma única figura parental, ou relações homossexuais”, que “só contribuem para a deterioração social”.

Essa ideologia segue a direção inversa da realidade: reviver o modelo de família tradicional, não será possível por meio de decretos, ou políticas governamentais.

Vale acrescentar que Bauman também entende que, por influência do individualismo crescente, a família está se tornando uma instituição fluida e não-estruturada.

Em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, segundo dados do IETS¹² (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade), as mulheres representavam 22,3% dos chefes de família, valor que aumenta consecutivamente até chegar, em 2005, ao percentual de 35,4%, mesmo valor do IBGE¹³ e da Pesquisa de Vitimização da Cidade (Zaluar et alli, 2007), realizada pelo Nupevi no mesmo ano.

Segundo o IBGE, em todo o Brasil, no ano de 2005, o índice é de 30%¹⁴.

Vale notar que em 1992¹⁵, também na cidade do Rio de Janeiro, segundo o IETS, 12,2% desses chefes de família tinham o ensino superior incompleto ou mais, já em 2005 esse índice chega a 16,7%.

No que diz respeito às faixas etárias, a cidade tinha em 1992, 7,2% de chefes de família entre 15 e 24 anos, em 2005 eram 5,8%. Enquanto os chefes de família com 50 anos e mais sobem de 30% para 38%. Chefes de família brancos correspondiam a 69,7% e passam a 63,1%.

A quantidade de divórcios vem aumentando¹⁶ em todo o Brasil, tendo passado de 1,0 por mil pessoas (1996), para 1,2 (2004) e, finalmente, 1,3 (2005) com pessoas de 20 anos ou mais.

¹² Cf.: www.iets.org.br/biblioteca/Dados/Indicadores_PNAD_1992_2005/Familia/Tabela_Familia_RM.htm

¹³ Disponível em:

http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1762_restudos%20234%20pesquisa%20aponta%20melhorias%20nas%20favelas%20do%20rio.PDF. Acesso em 14 de outubro de 2007.

¹⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u332058.shtml>. Acesso em 14 de outubro de 2007.

¹⁵ Cf. IETS. Disponível em:

http://www.iets.org.br/biblioteca/Dados/Indicadores_PNAD_1992_2005/Familia/Tabela_Familia_RM.htm. Acessado em 18 de outubro de 2007.

¹⁶ <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2006/12/05/286900291.asp>. Acesso em 14 de outubro de 2007.

Isso caminha a passos largos com o estabelecimento e consolidação da democracia na sociedade brasileira, na medida em que suas instituições se consolidam como espaços necessariamente democráticos, a família também perde os limites rígidos que tinha na sociedade tradicional.

Giddens chama a atenção para a família reformulada em uma ordem pós-tradicional, e ele mesmo reconhece que uma de suas principais mudanças está no fato de que:

“os filhos eram a *raison d’être* do casamento. Famílias grandes eram desejadas ou aceitas como normais. Hoje vivemos na era do “filho valorizado”, em que os filhos já não são um benefício econômico e sim um comparável custo. A natureza da infância e da criação das crianças mudou profundamente.” (Giddens, 2001, p.98)

Acrescente-se a essa análise o fato de que no Brasil, em pesquisa recém divulgada pelo IBGE, o tamanho da família brasileira caiu de 3,6 pessoas em 1996 para 3,2 em 2006¹⁷.

Esporte e fragmentação

Como é possível explicar que os torcedores, no Brasil, escolham um clube e não outro como alvo de paixões?

Entre uma parte dos torcedores, a resposta encontrada é a de que torcem pelos mesmos times de seus pais, pois foram levados a torcer por esses clubes desde a infância (Damo, 2005).

Essa “herança” pode ter um papel especial na (re)composição da ordem familiar, da tradição e dos laços sociais, pois fortalece a interação e os laços sociais e cria identidades sociais. Além disso, em um contexto sócio-esportivo marcado pela

¹⁷ Cf. Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 14 de outubro de 2007.

constante circulação de jogadores, técnicos e demais profissionais por clubes de toda a parte do globo, manter o clube do pai parece ser uma opção menos vulnerável a essa nova realidade do esporte. Ou seja, se o ídolo não é mais uma figura exclusiva e particular ao seu clube “de coração”, torcer pelo clube do pai, pode ser uma razão forte para não mudar de clube.

Cumprir dizer que existem outras razões para torcer por um clube, ou mesmo para torcer por um clube diferente ao do pai. Essas razões podem ser a saída de algum ídolo, a conquista de títulos por parte de outro clube, o baixo desempenho do então clube do coração nos campeonatos disputados, entre outras.

Ratificar ou negar a “herança” significa entrar na juventude, dentro do conceito construído por Pierre Bourdieu (1983) em “Questões de Sociologia”, quando o autor entende que a juventude é marcada pelo momento em que o indivíduo passa a escolher seus amigos (como já dissemos anteriormente), sua religião, a roupa a vestir, a igreja a freqüentar e, no nosso caso, o pertencimento identitário a um clube de futebol.

Ainda podemos identificar outro fator de fortalecimento dos laços familiares através do futebol: o que Arley Damo (2005) identificou como papel do Dom, ou seja, da reciprocidade que os filhos buscam exercer em relação aos pais na hora de alcançar a carreira de futebolistas e dar-lhes melhores condições de vida, retribuindo, assim, o esforço e o investimento que lhe foram feitos durante toda a vida.

Mas não podemos ver o dom/talento e dom/dádiva ligados exclusivamente aos “futebolistas”. Essa lógica do circuito da dádiva pode, perfeitamente, ser bem aplicada a outras profissões onde também haja algum tipo de investimento, expectativa e retribuição por parte da família:

“Se no caso do dom/talento aquele que o possui é sinônimo de investimentos visando aprimorá-lo, no caso do dom/dádiva aquele que o herdou da natureza (genética) ou divindade torna-se o centro dos interesses de uma configuração social de pequena escala aqui definida como entourage. Os que fazem parte dela são, preferencialmente, os familiares e os amigos daqueles em

quem o dom se manifesta, influenciando nos usos dos produtos do dom, entre os quais o dinheiro.¹⁸ (Damo, 2005, p.106)

Uma das maneiras de formação do caráter e de resgate do homem público, para Sennett, se daria através da formação do respeito que um indivíduo pode conquistar, ou não, ao longo de sua vida.

Sennett (2004) afirma que existem três maneiras para que os indivíduos se façam respeitar ou não, através da formação do caráter: a primeira, pelo desenvolvimento de suas habilidades e capacidades; a segunda, pela capacidade de cuidar de si; e a terceira se constitui na retribuição aos outros.

O dia a dia comunitário, as práticas esportivas e os projetos educacionais e socializadores podem estar presentes nos três aspectos.

Os que são conhecidos, no primeiro tipo (que envolve o desenvolvimento das habilidades e capacidades), pelo desperdício de talentos e pelo uso incompleto de suas capacidades, não adquirem respeito dos demais, ao contrário. Entretanto, aqueles que buscam dar o máximo de si, o comumente chamado de “esforçado”, ou seja, aquele que busca compensar as suas deficiências demonstrando maior empenho e afinco em suas funções é considerado digno de respeito.

Ainda dentro dessa primeira forma, estão os “talentosos”, os que mais se destacam pelos seus próprios méritos. Esses podem ser alvos de inveja, atenção desmedida e se transformarem em celebridades, em “ícones” que passam a atrair amores e ódios. A inveja também será carregada por esses atores sociais. Aqui estão os casos de alunos que ganham destaque em suas modalidades, seja vencendo campeonatos, seja por receberem atenções exclusivas ou serem promovidos a clubes e espaços, de fato, profissionalizantes. Nesse caso, o excesso de holofotes e *flashes* da mídia – bem como da sociedade em geral – pode gerar, ao fim e ao cabo, vaidades incomensuráveis. Da mesma forma, expor o então “talentoso”, forçando-o a lidar com

¹⁸ Cf: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000468905&loc=2005&l=24a7bc666aac4e57>. Acesso em 14 de outubro de 2007.

situações para as quais, muitas vezes, não estão preparados¹⁹ pode representar um final melancólico para a carreira. Nesses casos, a fama positiva pode, rapidamente, converter-se em fama negativa, seguindo a máxima de Berman: “tudo que é sólido desmancha no ar”.

O segundo modo de adquirir respeito está ligado à capacidade de cuidar de si, de não ser dependente dos outros, de evitar a exposição à humilhação e ao constrangimento, sobretudo no que se refere aos cuidados pessoais mais íntimos.

Um fator gerador de desrespeito estaria, ainda nesse segundo modo, em gerar demandas desnecessárias. Ou seja, alguém que potencialmente possa tomar conta de si próprio, mas parece buscar, cultivar e incentivar os cuidados e as atenções dos outros em demonstrações claras de dependência.

Embora costume-se aceitar determinados graus de dependência nas relações interpessoais, como o próprio autor admite:

“Imagine um namorado que declara, ‘Não se preocupe comigo, posso cuidar de mim mesmo, eu nunca serei um fardo para você’. Deveremos mostrar a porta de saída a este namorado; esta criatura jamais levará nossas necessidades a sério. Na vida privada, a dependência une as pessoas.” (Sennett, 2004)”

A dependência também cria laços sociais. Mas até que ponto esses laços sociais conferem respeito para os que são dependentes? Até que ponto a ausência de autonomia nas vidas privada e pública não é a causa do desrespeito aos mais dependentes? Sobretudo aos que forçam a dependência, evitando o momento de alçar os próprios vãos.

Os dependentes e os auto-suficientes também são encontrados no mundo dos esportes. O caso de Romário - que se dispensava dos treinos táticos e tácitos das equipes pelas quais passou, porquanto se recusava a receber ensinamentos dos técnicos e compartilhar com os demais jogadores - ficou famoso por frases que afirmam

¹⁹ Faço referência aqui ao caso de jogadores que, com muita fama, não estão preparados para lidar com ela e acabam por cometer excessos ou mesmo demonstrar despreparos emocionais, envolvendo-se em escândalos, geralmente ligados a sexo ou às drogas.

essa auto-suficiência como “Quando eu nasci, Deus apontou o dedo e disse: esse é o cara²⁰”.

A reciprocidade, de onde viriam, segundo o autor, os laços sociais mais fortes, “universais, intemporais e profundos” é o terceiro modo de conquistar o respeito.

Nas relações entre alunos e professores das Vilas Olímpicas, esses podem ser fatores decisivos para que os alunos sejam reconhecidos pelos mestres como bons esportistas, ou mesmo, como pessoas dignas de respeito.

Nesse terceiro e último modo, o limite entre dar, receber e retribuir precisa ficar demarcado para que não seja entendido como piedade por uma das partes que interagem socialmente. Ou seja, é preciso que professores, alunos e todos aqueles que circulam em um espaço esportivo reconheçam que não estão apenas dando, mas recebendo e retribuindo, através de ensinamentos técnicos ou de lições de vida.

É possível afirmar, como foi visto, que nem tudo está perdido no desejo de resgate da comunidade, do capital social e do engajamento cívico. Reconhecer a própria “doença” ou o “vício” após um auto-exame - no sentido socrático de “conhece-te a ti mesmo” - é o primeiro passo para a “cura” que implica em reconstruir laços perdidos e fragilizados ao longo das últimas décadas nesse desgastante processo. Estado e Sociedade Civil têm papel primordial na recomposição desses laços. Cabe-nos, portanto, assumir a responsabilidade que cada um vai ter daqui para frente.

As práticas esportivas - em sua história no Brasil e no atual contexto de globalização - podem contribuir no sentido de promover a ressocialização? Como os valores apresentados pelo esporte, sobretudo o futebol, podem ser elementos ativos na formação do caráter, na construção de laços sociais e na construção de valores sociais baseados em regras universais e na reconstrução da sociabilidade positiva?

²⁰ Disponível em: <http://www.esportesite.com.br/2007/12/09/romario-e-suas-frases-de-efeito/>. Acessado em 30 de janeiro de 2009.

Capítulo 2

O Esporte na Era da Globalização e da Fragmentação

Um dos objetivos desta tese é discutir se é possível pensar em práticas esportivas como maneira de prevenção da violência e dos seus nefastos efeitos não apenas sobre o corpo humano, mas também sobre o tecido social. A pergunta é: a prática do esporte pode prevenir e “tirar” jovens do caminho da violência? Mas como o esporte e as práticas esportivas podem se desenvolver em um contexto de fragmentação, atomização do indivíduo, acentuação da lógica neoliberal ou da colonização do social pelo mercado e da decomposição dos laços comunitários?

Dizemos práticas esportivas, pois não nos limitamos à observação de práticas futebolísticas, mas buscamos observar todos os tipos de esportes praticados nas Vilas Olímpicas estudadas.

É importante assinalar ainda que as práticas de futebol observadas no trabalho etnográfico que serão exploradas no capítulo 7 não são tais e quais as que são adotadas e exigidas pelo *International Board* e pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*). Isto porque o futebol, embora tenha um corpo central adotado universalmente (times com número igual de jogadores, vitória sendo conferida pelo número de gols marcados, tamanho do campo visualmente igual para cada time, por exemplo), nas práticas em ruas ou em projetos esportivos, sofre pequenas reinvenções e adaptações em relação ao esporte bretão: regras oficiais como impedimento, laterais de campo, recuo para goleiros nem sempre são as praticadas nesses jogos informais. Falaremos disso no capítulo sobre o trabalho etnográfico.

Não é possível pensar no esporte de forma separada da sociedade. O surgimento do futebol moderno, por exemplo, acontece ao mesmo tempo em que se dão os primeiros passos da formação da sociedade burguesa, criando através do futebol, por exemplo, ocupações para os tempos livres sob forma de lazer, e, posteriormente, de profissionalização.

Até mesmo na área das ciências sociais brasileiras, sobretudo na Antropologia, os estudos a respeito dos esportes, e do futebol em particular, ganharam músculos, força e dimensões que permitiram sua expansão para congressos científicos,

publicações especializadas e núcleos de estudos espalhados por diversas universidades brasileiras, além do importante fato do diálogo ter se ampliado até pesquisadores de outras áreas do conhecimento, com destaque especial para profissionais da Educação Física. Enumere-se o fato de que há diálogo acadêmico internacional sobre o esporte, com destaque para o âmbito do Mercosul.

Por fim, estudar futebol e esportes em geral passou a ser algo legítimo e desejável dentro das ciências sociais e da universidade brasileira, fato não considerado até os anos 1970 quando estudar futebol ainda era motivo para “patrulhas ideológicas”, visto que o futebol era um dos “ópios do povo” (ROSENFELD, 1974).

Inicialmente, partimos da seguinte reflexão para pensar o papel das práticas esportivas: se os jovens frustrados pela educação oficial oferecida pelo Estado²¹, desencantados com a política formal imersa em escândalos ocorridos nos últimos anos que levaram a um enfraquecimento e desengajamento da sociedade civil (Souza & Lamounier, 2006), apostam no esporte como meio de “vencer na vida”, mas sobremaneira no futebol, e se no esporte também não alcançam êxitos em resgatar a si mesmos e às suas famílias da pobreza, e, além disso, são informados pelo discurso dos projetos sociais, da escola e até mesmo de seus familiares, da importância do esporte na socialização, cabe indagar também que efeitos podem cumprir os projetos sociais esportivos naquilo a que se propõem?

Todavia, antes de prosseguirmos, é necessário responder o que é ser jovem e fazer parte da juventude. Certamente, critérios rígidos e naturais, tais como a data de nascimento e a faixa etária, pouco ajudam e são de baixo potencial sociológico para respondermos a esta pergunta. A saída, portanto, pode estar no fato de que ser jovem tem um significado específico em cada cultura, sendo assim, uma construção social e não biológica. Além disso, em cada grupo social há disputas geracionais e sociais, com várias representações de juventude, algumas colidindo entre si.

A resposta que adotamos aqui nessa tese é a definição de Pierre Bourdieu (1983), que entende juventude como sendo o momento a partir do qual o indivíduo passa a fazer suas próprias escolhas - desde a roupa que vai vestir até aos amigos com

²¹ Segundo o Armazém de Dados do IPP, a média de anos de estudo dos chefes de família de Vigário Geral é de 4,5 anos.

que vai compartilhar experiências e interagir na sua vida, e aos grupos a que vai pertencer, as músicas vai ouvir, ou até mesmo se vai manter o time de futebol do seu pai. Este mesmo autor também afirma, relativizando a categoria em questão, que “somos sempre o velho ou jovem de alguém”.

No entanto, para as análises estatísticas que pretendemos desenvolver aqui, essa resposta não se mostra inteiramente aplicável, pois o seu critério implica a subjetividade do jovem, enquanto que a estatística usa o critério objetivo da faixa de idade. A UNESCO, por exemplo, adota a faixa etária de 15 a 24 anos para tal categoria em suas análises estatísticas e demográficas.

Embora saibamos que as práticas esportivas também são apresentadas e usadas como prevenção a problemas de saúde, tanto na infância quanto na juventude e na terceira idade, nosso objetivo aqui não é entender essa dimensão. Mas a dimensão de socialização dos jovens visando a prevenção da violência. Neste sentido, entendemos a prevenção em três dimensões (ROLIM, 2004):

- a) prevenção primária, centradas em ações focalizando os fatores sociais, culturais, psicológicos e ambientais que aumentam o risco de agressão e/ou vitimização. Exemplos: políticas de renda mínima, políticas de emprego, políticas de inclusão social, políticas de inclusão escolar, políticas de saúde pública, políticas de revitalização de espaços públicos, com atenção prioritária para áreas de alto risco de violência e para os jovens que ali moram.
- b) prevenção secundária, centradas em ações dirigidas às pessoas em grupos e/ou situação de risco de se tornarem agressores e/ou vítimas. Exemplos: medidas dirigidas às crianças e adolescentes, jovens, membros de famílias e comunidades desestruturadas, membros de grupos minoritários e de grupos marginalizados, pessoas que têm acesso a armas de fogo, pessoas que abusam de álcool e drogas.
- c) estratégias de prevenção terciária, centradas em ações dirigidas às pessoas que já se tornaram agressores e/ou vítimas

da violência, visando prevenir a reincidência (no caso dos agressores) e a retaliação ou reprodução da violência (no caso das vítimas). Exemplos: medidas para reinserção social e/ou tratamento dos agressores; medidas de orientação, proteção e assistência social, psicológica e jurídica para vítimas de agressão.

Dentro deste modelo conceitual de prevenção, os projetos esportivos podem ser inseridos nas três categorias: como prevenção primária, secundária e terciária, visto que não há restrições à entrada de jovens que já trabalharam para o tráfico de drogas. Na pesquisa de campo, foram relatados casos de alunos atendidos na Vila Olímpica que já haviam atuado como traficantes ou mesmo numa aproximação já estabelecida. Esses projetos esportivos visam o que se chama a “inclusão social”, a “revitalização de espaços públicos” e a atenção a pessoas vulneráveis.

Além de serem pensados como prevenção à violência, o esporte e o lazer são direitos garantidos na Constituição de 1988²², bem como o acesso universal à saúde, fazendo parte do conjunto de direitos sociais conquistados pelo conjunto da sociedade brasileira através do processo de redemocratização e consagrados na Carta Magna do país:

“Art. 217 - É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional.”

²² Constituição Federal, Art. 217.

Tal direito possibilita a expansão para as classes trabalhadoras das práticas de esporte e lazer, garantidas pelo Estado, uma vez que nem sempre tais classes puderam ter acesso a essas práticas em clubes tradicionais, academias, praças, etc, exceto nos clubes e associações populares ou corporativas. Mesmo assim, a prática só seria viável mediante algum desembolso financeiro, pois alguns desses espaços cobram pelo ingresso ou pela mensalidade. A garantia do esporte como direito pode ser vista como uma expansão do *welfare state*, cunhado inicialmente como direitos sociais na área de saúde, educação e previdência social, mas também implica na percepção de que a saúde e a educação são bem maiores do que apenas a cura da doença, o fornecimento de remédios, a doação de livros didáticos, entre outros.

Porém, é preciso lembrar que, ainda nos anos 1970, antes da Constituição de 1988, projetos esportivos tais como o PRIESP (desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho) e o RECRIANÇA (desenvolvido pelo então MPAS – Ministério da Previdência e Assistência Social), estavam espalhados pelo Brasil, tendo sido estudados por Alba Zaluar (1991). Esses projetos tiveram um caráter pioneiro. Também é nesta década que, como dissemos anteriormente, cria-se a Vila Olímpica da Mangueira, mais exatamente em 1987, justamente como extensão do projeto PRIESP e RECRIANÇA que funcionaram na favela da Mangueira nos anos 1970 e no início da década 1980.

Reflexo prático deste artigo constitucional e das políticas públicas desenvolvidas por governos federais, estaduais e municipais, as Vilas Olímpicas Municipais implantadas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, a partir da atual década, e dos mais diversos projetos esportivos, como o MEL (Movimento Esporte e Lazer), também custeado pela Prefeitura do Rio, formam os maiores empreendimentos de política social esportiva na cidade do Rio de Janeiro. O esporte, finalmente, entrou na agenda permanente de políticas públicas da cidade.

Por que o esporte e suas práticas nos interessam? Pois sabemos da força atrativa e do apelo que este acena para a juventude, sobretudo a mais pobre, e também porque ele é encontrado na sociedade moderna como uma das principais formas de lazer, embora possa ser, sobretudo para as camadas mais pobres, uma opção de trabalho remunerado ou meio de vida. Como exploraremos mais à frente, o esporte pode estar sendo utilizado como ferramenta para vencer na vida, fugir da pobreza ou

mesmo encontrar alternativas e ampliar o campo de possibilidades em uma sociedade onde o acesso ao ensino formal não é igualmente distribuído e em localidades onde a escola sofre constantemente com a violência e a baixa qualidade do ensino.

Durante o trabalho de campo, por exemplo, era comum encontrar alunos que voltavam da escola ou não tinham aula por conta de falta de professores em dias violentos (como trocas de tiros), falta de condições materiais ou mesmo desorganização da escola. Muitos reclamavam de professores desestimulados e até mesmo assustados com o dia-a-dia local.

Para além da educação, qual é, de fato, a dimensão que o esporte tem tomado para a juventude pobre? A aposta na educação formal tanto no ensino fundamental, quanto no médio e técnico, pode se apresentar como alternativa viável, desde que se criem meios reais de acesso a novos empregos e que esses jovens, embalados pelo sonho de enriquecer na trajetória de seus ídolos (Romário, Ronaldo etc.) estejam dispostos a encarar a diferença entre as representações do emprego de futebolista, envolto no encanto do craque, para o emprego de trabalho formal (Cossio & Schwartzman, 2007), com todas as representações pejorativas a este associadas: baixa remuneração, pouco status ou prestígio, instabilidade e poucas garantias. Certamente, os jovens que apostam no esporte pouco percebem as inseguranças relativas à profissionalização neste setor. E sequer fazem idéia de que a grande parte dos futebolistas brasileiros recebe não mais do que três salários mínimos.

A simples aposta no esporte (e no futebol) como meio de ascensão social já revela uma fuga da lógica do crime e da criminalidade. Se está claro, como todos os estudos e pesquisas mostram, que ser traficante significa, entre outras coisas, a negação da vida construída no trabalho e, portanto, de todos os valores atribuídos a ele, como a disciplina, o baixo salário, as dificuldades cotidianas no trato com os superiores e a marca de “otário”, optar por ser um esportista representa uma escolha por um caminho de dedicação, suor, esforço físico, disciplina, e de todos os demais valores negados pela “malandragem” do tráfico. Embora, por outro lado, possa ter aspectos e características em comum com traficantes de drogas, tais como a possibilidade de demonstração de poder econômico, através da exibição de jóias, carros, roupas de marca, “conquista” e acesso a mulheres que se dizem e se deixam

seduzir por estes símbolos de “poder”, além da baixa escolaridade predominante tanto em futebolistas quanto em traficantes de drogas. Por outro lado, está claro que o pé-de-obra se trata de uma profissão legalizada, dentro da lei, e que implica na necessidade de um grande investimento para o sucesso nem sempre garantido, nem sempre alcançado, mas constantemente almejado.

Não podemos e não devemos pensar o esporte como uma prática impermeável às mudanças ocorridas no mundo e na configuração dos subúrbios cariocas marcadas pela disputa entre quadrilhas de traficantes, compondo um ambiente muito próprio e é necessário estar atento para a forma como essas mudanças estão alterando a prática esportiva em suas mais variadas dimensões.

Entender isso requer uma reflexão acerca dos cenários que se configuram no âmbito global, nacional e local: a globalização, as mudanças na área do trabalho, o papel do Estado nas políticas públicas, a nova (?) configuração da família, a pobreza, a exclusão, a masculinidade e a violência.

Esporte e Lazer: alguns passes.

É certo que, em todas as sociedades, encontra-se alguma forma de jogo ou esporte que promove interações baseadas em competições entre pessoas ou grupos. Um exemplo de uma competição que não tem as características do esporte moderno são os grandes espetáculos promovidos no Coliseu Romano. Os duelos entre os gladiadores, também denominados de *muneras*, ou a morte de animais selvagens e até mesmo a simulação de batalhas navais faziam parte dos espetáculos esportivos propiciados por essa civilização. Mas as práticas esportivas ou lúdicas não são as mesmas em todas as sociedades, nem em todos os tempos. Diferentes formações sociais podem incentivar o agonismo, outras o lúdico; o profissionalismo ou o amadorismo; a integração dos diferentes grupos via competição ou o grande espetáculo para um público espectador.

Lévi-Strauss (1962) relata que os nativos de Nova Guiné praticavam um tipo de futebol no qual o resultado deveria ser um empate não importando quantas partidas fossem necessárias e assim se produzisse igualdade entre as partes concorrentes a fim de que se diminuíssem as tensões entre os indivíduos, o que demonstra um esporte não baseado em regras universais, nem tão pouco está preocupado com a concorrência estabelecida no futebol bretão. Assim, os nativos de Nova Guiné estavam preocupados na manutenção da igualdade

Na atualidade, em quase todos os países do mundo, o esporte que mobiliza profissionais e amadores em torneios e copas que se tornam espetáculos, para grandes ou pequenos públicos, é o futebol. Instituído mediante regras no século XIX pelos ingleses e rapidamente espalhado não somente pelo império britânico mas por todo o mundo, este esporte começava a trilhar seu caminho no sentido de se constituir como um jogo cujas regras visavam a não eliminação física do adversário, elemento fundamental na noção de processo civilizatório desenvolvida por Norbert Elias. E se desenvolve no contexto social mais amplo que incluía também o aprimoramento do jogo parlamentar, ou seja, que o fato de um grupo estar no poder, no caso do jogo parlamentar, ou com a vitória, no caso do esporte, não significa que o outro grupo derrotado deva ser destruído, violentado ou morto.

Isto quer dizer que o futebol introduziu alguns elementos novos na história dos jogos: a) a idéia de que qualquer equipe poderia vencer a partida; b) o fato de que ambas as equipes jogam sob as mesmas regras; c) a transmissão das noções de respeito às regras e de trabalho em equipe; d) a idéia de imprevisibilidade, que faz aumentar a atenção e a tensão de jogadores e torcedores ansiosos pelo resultado do jogo e que transforma o futebol em algo mágico, onde o mais fraco pode vencer o mais forte como num conto encantado.

A imprevisibilidade, o inesperado, o acaso são componentes essenciais do futebol que merecem destaque. Dos poucos esportes onde o resultado final pode ser definido por conta de um acidente no campo, um “montinho artilheiro”, onde a lama e a chuva fazem parte do jogo, onde não há a necessidade de uma quadra urbanizada e sem poças d’água, mas todos estes elementos estão interagindo com o jogador e com os espectadores por mais profissionalizado, preparado e treinado que este seja. Ou

seja, por mais “teatralizado” que o futebol possa se apresentar em jogadas ensaiadas (elas nunca são ensaiadas com o adversário), o imponderável pode fazer parte da jogada e surpreender a todos em uma partida. São esses fatos que conferem magia, emoção e encantamento a este esporte em toda a parte do globo terrestre, o que o antropólogo Clifford Geertz chamou de jogo denso.

Como lugar do imponderado, do incomensurável, da incerteza, do imprevisível, da disciplina, do auto-controle, das regras universais, do acaso e da valorização da equipe, ele é capaz de renovar esperanças no sentido de que qualquer equipe pode ganhar uma partida: tanto as mais ricas e de maior investimento quanto as menos ricas e de menor investimento.

Pelo futebol, descobre-se que não é necessário destruir fisicamente o adversário para ser vencedor de uma partida, um torneio ou um campeonato. Ao contrário, destruí-lo pode implicar em sanções, punições, constrangimentos legais estabelecidos por normas universais que valem para ambos os times e seus partícipes. Nessa perspectiva, entende Norbert Elias que o futebol cumpre papel no processo civilizatório, pacificando os costumes e levando as rivalidades construídas pelos mais diversos grupos sociais para um campo de grama retangular com duas metades iguais e no qual são necessárias regras válidas para ambos os lados e que servem para que os jogadores que estão em representações opostas não se matem, se destruam ou sejam beligerantes, mas ao contrário, exerçam a hombridade, ou o orgulho masculino, de maneira controlada, limitada e regulada.

Atualmente, o alcance do futebol é, de fato, impressionante. Tanto para profissionais quanto para meros espectadores: não é exclusividade de uma classe social, abrangendo todas as classes e possibilitando o acesso de ricos e pobres tanto na profissionalização quanto na torcida; sua importância e relevância atravessa oceanos de todo o planeta, não ficando restrito a uma região; desta forma, também abraça culturas, etnias e indivíduos de todas as cores.

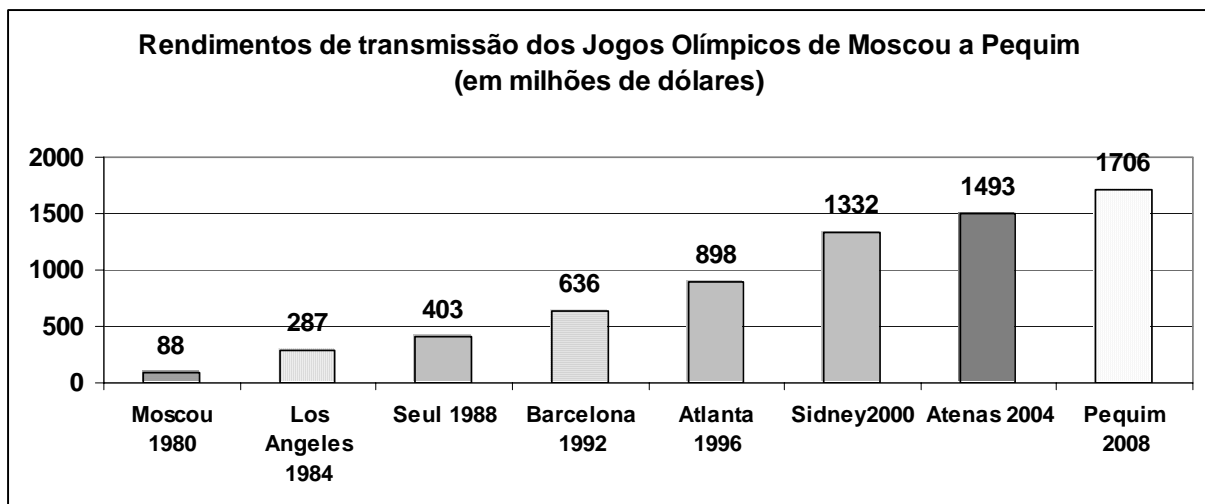
Em âmbito mundial, a Copa do Mundo de 2006 foi assistida ao vivo por 50 milhões de pessoas e a FIFA congrega maior número de países (208) do que a ONU (Organização das Nações Unidas), e, segundo o Jornal O Globo, de 4 de novembro de 2007, no triênio 2005-2007, a organização máxima do futebol teve lucro de 1,2 bilhões

de dólares, e 301 mil clubes com 265 milhões de jogadores estão filiados às associações nacionais que compõem a FIFA. É a maior entidade internacional do planeta.

Neste aspecto, o historiador social inglês Eric Hobsbawn chama a atenção para o futebol e a possibilidade de ser pensado como paradoxo para a globalização na medida em que põe em confronto nações a partir de seus selecionados nacionais dando vazão a xenofobias e a identidades nacionais, ao mesmo tempo em que os clubes teriam se transformado em entidades transnacionais e, portanto, teriam perdido a possibilidade de representar com mais efervescência e vigor suas próprias nações²³.

No âmbito dos jogos olímpicos, observar a evolução dos rendimentos de transmissão das olimpíadas de Moscou a Pequim, também ajuda a perceber o esporte como mercadoria global, como podemos observar no Gráfico 1:

Gráfico 1



Fonte: Giullianotti et alli, 2007

Que papel teriam as seleções nacionais neste contexto? Ou mesmo as delegações olímpicas que representam nações inteiras em Jogos Olímpicos? Delegações que muitas das vezes também se dão com jogadores naturalizados apenas para representarem tal nação nessas competições.

²³ Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332395.shtml>. Acessado em 17 de outubro de 2007.

Sobretudo porque, tal qual o jogador de futebol, parte significativa dos competidores em esportes olímpicos (individuais ou coletivos) se prepara ou defende clubes em países que não os seus, fato que os distancia das torcidas locais, dos torcedores nacionais e de suas próprias nações a fim de uma melhor preparação ou remuneração.

Por um lado, se o futebol se globaliza, contando com ‘pés-de-obras’ de várias partes do mundo, por outro lado, as razões para torcer por um *Manchester United*, *Liverpool*, *Chelsea*, *Juventus*, *Inter de Milão*, *Roma*, *Barcelona*, *Real Madrid*, *Olympique de Marseille*, *Bayern München*, ou mesmo, Fluminense, Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama, Corinthians, São Paulo, Resende, Juventude, Fortaleza e outros, continuam trazendo componentes locais: a família, como já dissemos, o pertencimento a uma região do país, estado ou cidade, além de laços múltiplos que conectam um torcedor a um determinado clube. Entre elas, o pertencimento a uma torcida organizada, fato que leva muitos a brigas, agressões, mortes e outros comportamentos pouco civilizados.

Suas torcidas, sua história com as cidades, bairros, regiões, vínculos sociais formados por e em função deste esporte, e lembrar que, por mais globalizada que seja uma partida entre, por exemplo, o clube *Manchester United* e o *Inter* de Milão, será sempre uma partida entre ingleses e italianos.

Seriam os aspectos locais do futebol globalizado? O “Glocalize” (CANCLINI, 1997).

Some-se a tudo isso o fato de tal prática ser hegemonicamente masculina, chamada até mesmo por Norbert Elias e Eric Dunning (1993) como “espaço masculino reservado”, onde os homens são informados desde cedo a praticá-lo e as mulheres desencorajadas de fazê-lo, a exceção de países como Estados Unidos da América, onde o futebol americano e o basquete são os principais esportes ocupados pelos homens, enquanto o futebol tem mais força entre as mulheres além de ser mais consolidado e relevante internacionalmente do que o futebol masculino.

Outra dimensão do futebol é o fato de ser multi-geracional tanto para profissionais, quanto para amadores e para espectadores. Basta lembrar que os pais introduzem os filhos no futebol e ao mesmo tempo os pais podem praticar futebol com

seus amigos em jogos de “pelada”, assim como seus filhos em praças públicas, escolinhas profissionalizantes, vilas olímpicas, escolas oficiais e clubes.

Alguns historiadores do esporte atribuem esta dimensão e alcance à precoce profissionalização do futebol. Entre outros motivos, a profissionalização acabou permitindo que se recebesse pagamento por jogar e atuar profissionalmente, o que viabilizou que qualquer um com talento e condições pudesse engrossar as fileiras de clubes por todo o mundo.

Além disso, há o fato de ter sido criado e desenvolvido na Inglaterra em plena era do *British Empire* o que facilitou sua expansão mundo afora. Entretanto, o cricket e o rugby também foram criados nesta mesma época e lugar e não tiveram tal expansão.

Tais aspectos de pluralidade não impedem, no entanto, a existência de conflitos violentos e manifestações de ódio. O *hooliganism* com forte marca xenofóbica, a violência de torcidas organizadas no Brasil com forte componente de disputa territorial e de controle da vizinhança, a exclusão ou inclusão tardia de mulheres como profissionais ou como espectadoras são alguns dos percalços que abordaremos a seguir.

Possuidor de uma história muito singular no Brasil²⁴, o futebol foi marcado pela transição de um esporte de elite ao chegar ao país no final do século XIX, para um esporte adotado, amado e praticado pelas grandes massas, décadas mais tarde. Isto não se deu sem que antes passasse por toda uma história de exclusão e inclusão de trabalhadores brancos operários das fábricas têxteis cariocas, posteriormente, de negros e mulatos que só vieram a ser aceitos como jogadores nos clubes cariocas por conta da vontade, manobra e decisão política do clube de origens portuguesas, o Vasco da Gama (Soares, 1999). Tal pioneirismo pode ter se dado também em função de que jogadores negros seriam pés-de-obra mais baratos, causando menos impacto aos cofres do clube.

Hoje, o futebol é praticado por 30 milhões de pessoas no Brasil, gera 300.000 empregos diretos, tem 30 milhões de praticantes (formais e não formais); cerca de 500

²⁴ Como nos mostram Eduardo Archetti (Archetti, 1999) e Pablo Alabarces (Alabarces, 2002) em suas obras o futebol é também na Argentina formador da identidade nacional, junto com o pólo e o tango. Mas mesmo assim, observam-se diferentes formas de relacionamento da sociedade para com o futebol.

clubes profissionais disputam uma média de 90 partidas por ano e movimentam mundialmente cerca de 250 bilhões de dólares por ano (Leoncini & Silva 2005)²⁵.

Porém, nos últimos anos, temos observado o crescimento de mulheres como comentaristas esportivas, auxiliares e árbitras, sem contar o atual crescimento do destaque na mídia à seleção de futebol feminino brasileiro²⁶, e, como nos lembraria o professor Christian Bromberger, em palestra proferida em julho de 2007 na Escola Superior de Educação Física da UFRGS “homens e mulheres fazem diferentes apropriações das práticas esportivas”.

Mas está claro que, enquanto em amplos setores da sociedade, homens e mulheres diminuem as diferenças e desigualdades entre os sexos, reduzindo também a divisão sexual do trabalho, no futebol brasileiro, esses avanços estão em ritmo muito lento. De tal maneira, que nos Jogos Olímpicos de Pequim, a seleção feminina, tendo conquistado a medalha de Prata, não obteve investimento ou mesmo apoio da iniciativa privada ou estatal para o selecionado feminino ou as diversas equipes existentes no país. Ao contrário, sem opção de trabalho no futebol profissional brasileiro, muitas delas têm encontrado trabalho nos clubes da Alemanha e Estados Unidos.

Desta forma, os projetos sociais e as práticas esportivas que visem atender não só aos homens, também devem buscar outros esportes: natação, vôlei, basquete, capoeira, *jiu-jitsu*, ou mesmo, quando houver meninas que queiram praticar o futebol, que o seja feito de forma a integrá-la junto com os meninos, uma vez que como veremos adiante, não encontramos nenhum time formado só por meninas, mas eventuais e rarefeitos times “mistos”.

Na seleção masculina, entretanto, tem se observado outra peculiaridade. Como parte dos jogadores de melhor qualidade e talento estariam trabalhando fora do Brasil, pode estar acontecendo um estranhamento da torcida em relação à sua seleção, uma vez que os jogadores não fazem mais parte dos clubes locais, mas só são vistos em jogos de campeonatos europeus, representando clubes ingleses, alemães, italianos,

²⁵ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Out 2007. Apud **FGV**, Plano de Modernização do Futebol Brasileiro.

²⁶ Embora devamos ressaltar matéria publicada pelo jornal O Globo do dia 01 de outubro de 2007, até aquela data, as jogadoras da seleção feminina de futebol não haviam recebido os créditos pelos jogos do PAN deste mesmo ano.

portugueses, turcos e até mesmo russos²⁷. Alguns jogadores recentemente chamados para a seleção brasileira, sequer passaram por qualquer clube brasileiro ou tiveram participação muito efêmera. Isto sem falar em brasileiros que se naturalizaram nos países onde atuam como futebolistas e acabam por representarem as seleções de suas novas nacionalidades, como o meio-campista Marcos Sena, brasileiro, naturalizado espanhol que jogou na seleção campeã da Eurocopa em 2008.

Ainda podemos falar nas agremiações de torcedores organizados que se difundiram pelo país com a idéia original de reivindicar espaço político decisório junto aos seus clubes, sugerir compra de jogadores, técnicos, e ganhar espaço nas administrações dos clubes (MONTEIRO, 2003). Não nos interessa aqui entrar em outra característica destes grupos organizados que é a violência praticada nos estádios, aos seus redores, ou no caminho para eles em dias de jogos, assunto já tratado na tese de mestrado.

Relacionado ainda a essa dimensão espetaculosa, pela presença e criação de grandes fenômenos, ícones e ídolos, o futebol passou a ser visto como saída da pobreza para boa parte da juventude que perdeu as perspectivas de empregos no mercado formal, pois este passou a ter pouca capacidade de absorver essa mão-de-obra mal formada e educada e, além disso, quando absorve, acaba resultando em salários e representações muito distantes dos sonhados pelos pretendentes a jogadores de futebol. Vale lembrar que não só o esporte (sobretudo o futebol), mas também a música acena com a possibilidade de ascensão social, seja através do samba – que envolve toda a indústria carnavalesca – seja através até mesmo do *funk*, *charme* e outros estilos musicais jovens.

Entretanto, os jovens sonhadores não percebem que a grande maioria de futebolistas oscila entre salários muito baixos e sem garantias trabalhistas, ficando até meses sem receber de seus respectivos clubes, muitos devedores do INSS. Também

²⁷ Abordei este aspecto do futebol contemporâneo em minha dissertação de mestrado onde estudei a torcida organizada Raça Rubro Negra, e já em 1999 alguns grupos de torcedores organizados chamavam de mercenários os jogadores que deixavam o C.R. Flamengo para jogar em clubes do exterior. Geralmente, tal fato era atribuído a jogadores mais identificados com a torcida ou que tivessem feito “juras de amor” ao clube em questão. Entretanto, são poucos os jogadores que permanecem por muito tempo em um clube de futebol. No Brasil, o primeiro caso que nos ocorre é o de Rogério Ceni, goleiro do São Paulo Futebol Clube, na Inglaterra ocorre o caso com Ryan Giggs, o Mr. Manchester United e Steven Gerrard no Liverpool.

não visualizam o fato de que a carreira de futebolista apresenta demasiadas inconstâncias e é efêmera: a fama positiva pode se desfazer em rápido tempo, a carreira é, em geral, curta²⁸, e pode nem ter começo, além disso, quando encerrada a carreira, o ostracismo é uma real possibilidade e aí todo o mundo mágico (carros, mulheres, consumo exagerado, fama, ostentação) encontrado na carreira pode se “desmanchar no ar”. Ainda não falamos que o final da carreira às vezes é melancólico para os que já tiveram glórias midiáticas internacionais e terminam jogando em times de pouca expressão nos cenários estaduais e nacional, como os que se apresentam neste ano de 2009 em times do interior do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e outros. Entre estes, destacam-se Júnior Baiano, Túlio, Viola, Danrlei e Giovanni. Sem mencionar aqueles que caíram em profunda desgraça social através do envolvimento com drogas ilegais, ruínas financeiras, desagregações familiares, entre outros.

Para além das inseguranças próprias da carreira, a Rede Globo²⁹ denunciou recentemente golpistas que se dizem passar por empresários de futebol, e em troca da profissionalização de crianças e adolescentes, o estelionatário cobra determinada quantia dos pais. Os pais entrevistados, moradores de subúrbios e favelas cariocas embarcaram na história e, impulsionados pelo sonho, chegam a pagar R\$ 10.000,00, vender a própria casa ou pedir demissão para conseguir indenização e honrar o compromisso com o escroque. A facilidade com que jovens e seus pais caem no golpe nos faz pensar na força que este sonho representa para os jovens e suas famílias.

Por outro lado, o esporte, mas, principalmente, o futebol por seu aspecto socializador e por seu grande apelo e popularidade nacional, passou a ter papel importante nas políticas de prevenção à violência, políticas essas geridas por governos municipais, estaduais e federais e organizações não governamentais e que apostaram no esporte como um forte aliado. Tais projetos precisam de planejamento rigoroso, credibilidade e recursos para que sejam bem sucedidos em alcançar tal objetivo, uma vez que se fazem dentro de contextos sociais por demais complexos.

²⁸ Vale lembrar que a carreira do traficante também é curta, mas ao contrário do futebolista, o fim da carreira do traficante significa o fim da própria vida.

²⁹ <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL982835-16022,00-GOLPISTA+ENGANA+JOVENS+QUE+SONHAM+JOGAR+FUTEBOL+NA+EUROPA.html> Acessado em 02 de fevereiro de 2009.

Sonho de muitos jovens pobres, não é novo no Brasil a transferência de jogadores para o exterior.

É comum ouvirmos no trabalho de campo histórias de jovens que foram levados para o exterior como jogadores e muitas das vezes precisam levar familiares, com os relatos como estes tendo se tornado cada vez mais constantes nos últimos anos, e se localizam dentro da globalização. Entretanto, embora jogar no exterior pareça como algo apenas presente na última década, sabemos que em 1958 um jogador brasileiro já fazia parte de clubes europeus: Mazola, campeão do Mundo em 1958, que jogou no *AC Milan* no mesmo ano.

Também na década de 1950, outro jogador latino americano deixava seu país para atuar na Europa, era o argentino Alfredo di Stéfano, que jogou pelo Real Madrid, e depois se naturalizou espanhol, podendo então jogar pelo selecionado nacional deste país. Vale registrar que a contratação de Di Stéfano pode também estar associada ao seu uso político pela ditadura de Franco. Uso político que, aliás, está presente atualmente no A.C. Milan, cujo presidente é também Primeiro Ministro italiano, Silvio Berlusconi.

Na década de 1970, outro jogador brasileiro se destacaria no exterior: Paulo Cezar Lima, também conhecido como PC Caju, jogador negro, nascido em 1949, que atuou pelo *Olympique de Marseille*.

O caso de Paulo César Caju seria sintomático nos dias de hoje, uma vez que havia morado na favela da Cocheira em Botafogo, durante sua infância e juventude, nos anos 1950 e 1960. Revelado pelo Botafogo nos anos 1960, logo estaria na Seleção Brasileira campeã mundial na Copa de 1970. Em seguida, ainda jogaria pelos times cariocas, incluindo a famosa “Máquina Tricolor”, e depois por outros clubes nacionais até que se tornasse público seu vício em drogas ilícitas, segundo ele³⁰, só adquirido no exterior e depois de se decepcionar com clubes nacionais, vindo a se recuperar anos mais tarde até que nos dias atuais seja constantemente chamado para palestras sobre o tema onde fala sobre prevenção e alerta sobre os riscos que o consumo de drogas pode ter na vida de jovens.

³⁰ Entrevista ao programa “Tá na Área”, do canal SPORTV em 26 de dezembro de 2008.

O que parece novo, portanto, é o apelo e a massificação que tem tomado conta desta questão nas favelas e bairros pobres das grandes cidades, uma vez que através dos meios de comunicação de massa, informações sobre jogadores no exterior, partidas internacionais, clubes e disputas internacionais chegam para a maioria das residências.

O componente novo, no caso dos jogadores oriundos de favelas, não é também o discurso de salvação da família, fato que já foi usado pelo próprio PC Caju em recente programa de televisão³¹, não é somente a saída da pobreza, mas também a saída de regiões marcadas pela violência do tráfico.

Ainda neste contexto de redenção, também assistimos a jogadores de futebol atribuírem aos filhos suas justificativas para assinarem contratos com clubes europeus, como se deu com Thiago Silva, ex-zagueiro do Fluminense³².

Outra novidade no setor esportivo é a profissionalização do empresário. Se na metade do século passado, os relatos de ex-jogadores de futebol dão a impressão de que se tratava de coisa muito amadora, mesmo prosaica, onde o empresário tinha esta atividade como uma remuneração secundária, hoje, no entanto, observa-se a existência de estruturas altamente complexas envolvendo toda uma rede de “olheiros” espalhados em todos os estados da federação, com capilaridade em diversos espaços de práticas esportivas, além de diversos centros de treinamento capacitados para o recebimento de candidatos a futebolistas, incluindo até mesmo a moradia destes em albergues coletivos, com acompanhamento e orientação jurídico-trabalhista destes mesmos empresários. É preciso perceber também que estes empresários não limitam sua esfera de atuação à formação de futebolistas, mas possuem vasta influência em clubes, representando também técnicos de futebol e, ainda, intermediando a negociação destes.

O contrário também pode ocorrer: um técnico pode ser ele mesmo o empresário, influenciando na contratação de jogadores pelos clubes, e ajudando a insuflar carreira de determinado futebolista. Este emaranhado não se encerra por aí: segundo algumas

³¹ Id.

³² Cf:

http://oglobo.globo.com/esportes/brasileiro2008/mat/2008/11/12/filho_de_thiago_silva_nasce_no_rio_zag_ueiro_confirma_que_deixara_flu_no_fim_do_ano-586369840.asp. Acesso em 13 de dezembro de 2008.

entrevistas registradas para esta tese, profissionais da imprensa esportiva fazem parte desta 'indústria', onde o papel que lhes cabe é o de elogiar e promover na mídia o desempenho de determinados jogadores.

Há também pouca ou quase nenhuma percepção de que estes jogadores também se transformam em mercadorias: o fetiche da mercadoria finalmente no mundo da bola.

Como exemplo de mercadorias com valores altamente elevados e rapidamente inflados citamos como exemplo o jogador brasileiro Kaká. Formado no São Paulo Futebol Clube e vendido ao *Milan* por US\$ 8,5 milhões de dólares em 2006, em fevereiro o *Manchester City* negociava o jogador com seu atual time por 100 milhões de Euros.

Ao ver partidas de futebol na televisão, um observador menos atento pode não identificar em que lugar do mundo ela está sendo realizada. Isso porque o futebol e os estádios se tornam cada vez mais parecidos, patrocinadores anunciados nas camisas dos clubes e nas placas de publicidade espalhadas pelos gramados são cada vez menos locais.

Estariam os estádios de futebol se tornando o 'não local' como o Shopping de Nestor Garcia Canclini (1997)?

Observemos que este é um exemplo de mão-de-obra do futebolista, ou pés-de-obra, como diria Arlei Damo (2005), que se globaliza fazendo com que os jogadores não sejam mais limitados a seus países e integrem equipes de qualquer lugar do mundo, dando diversidade étnica aos clubes.

Um clube inglês, por exemplo, como o *Manchester United*, encontra em seu atual elenco jogadores dos quatro cantos do planeta: asiáticos, latino-americanos, africanos e europeus. Além disso, a partida de futebol dos campeonatos da Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha e França se transformam em espetáculos globais, televisionados para o mundo inteiro, comentados em jornais e que leva torcedores de todo o mundo a se envolverem neste espetáculo. Até porque um destes clubes pode ter em seu elenco o jogador pelo qual o torcedor local tem admiração.

Os patrocinadores de esportes saem dos tradicionais e locais para os globais, sem localização precisa, fixa, rígida, exceto a de seus lucros.

Neste contexto, onde o esporte interfere no local e no global, onde a família é ator preponderante e não um mero coadjuvante, onde nacionalidades são colocadas em xeque e ao mesmo tempo ratificadas, onde a cor, a geração, não são fatores que impossibilitam a prática esportiva, onde parte da indústria do entretenimento se alimenta visceralmente do esporte, através de vendas de produtos oficiais e não oficiais dos clubes, como o esporte e suas práticas podem contribuir como agente de reformas sociais? Por outro lado, na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo em seu subúrbio, já chamado de celeiro de craques, mas hoje profundamente marcado pela decadência econômica e pelo controle territorial de boa parte de suas favelas por quadrilhas de traficantes como o esporte e suas práticas podem prevenir a violência nas relações sociais e ser uma forma de integração para o jovem pobre? É o que tentaremos entender melhor a seguir.

Capítulo 3

Desigualdade, Violência e Pobreza no Brasil

As Vilas Olímpicas e o sonho de profissionalização pelo esporte estão mais presentes como ideário para as camadas menos privilegiadas da sociedade brasileira, e especificamente, da cidade do Rio de Janeiro. Consequentemente, esse contingente reúne não só os mais vulneráveis à sedução dos comandos de traficantes como também suas maiores vítimas. Entender a dinâmica e os processos que levaram essas parcelas da população à condição de pobreza, é importante para compormos o contexto das condições sociais e dos mecanismos de reprodução de desigualdade e da exclusão que atingem esses grupos.

O combate à pobreza entrou na agenda política dos anos 1990 a partir de novos paradigmas colocados para a sociedade, seja por pressões de organismos de financiamento internacionais, organizações não governamentais nacionais e internacionais e até mesmo da sociedade civil³³ que fizeram repensar a questão da pobreza, da exclusão e a desigualdade no Brasil, não mais considerando que o combate à pobreza deveria ser feito por meio de filantropia ou caridade, mas como resultado de uma política pública estratégica que envolvesse também acesso à educação, saúde e previdência social³⁴. As mais variadas nuances ideológicas concordam em que se tornou imperativa a necessidade de reduzir as desigualdades, a exclusão e a pobreza no Brasil. Até como forma de ampliar o mercado consumidor, aumentando a distribuição de renda, ou como forma de qualificar e ampliar a qualidade da mão-de-obra brasileira, tornando-a mais competitiva em âmbito internacional e mais preparada para lidar com os novos desafios e avanços tecnológicos presentes nas indústrias do século XXI.

³³ Uma boa definição de sociedade civil foi apresentada por Alba Zaluar em 17/09 em sua coluna na Folha de São Paulo: “o conjunto da sociedade que se organiza em múltiplos grupos para aderir ao estado de direito e fazer avançar as regras da civilidade.”

³⁴ Esse é o setor em que o Governo Federal mais destina recursos. Segundo Camargo (2004), em 2003 a Previdência Social gastou R\$ 125 bilhões. O autor também ressalta que como os beneficiários já financiaram esses recursos, isso pode caracterizar a compra de um seguro. A esses números, some-se a quantia de mais R\$ 5 bilhões em gastos com assistência social para idosos.

Dessa maneira, a diminuição da pobreza no país se deu, nos últimos anos, como resultado de tais políticas públicas, inicialmente com o programa Bolsa Escola, e, posteriormente, com o programa Bolsa Família, e também em menor dimensão como resultado do crescimento econômico. Voltaremos a esse assunto mais à frente.

Não nos é permitido, enquanto cientistas do social, ignorar o fato de que a pobreza no país não poderá ser bem compreendida sem uma reflexão sobre a complexa história da escravidão e em particular com a questão das *plantations* aqui desenvolvidas. Além de termos sido o último país a abolir a escravidão, dado que se agrava quando observamos que, em todo o Brasil, em 1875, o número de trabalhadores livres desocupados era maior do que o número de escravos e também era maior que o número de braços livres empregados na lavoura: 2.822.583 braços livres desocupados de 13 a 45 anos de idade, 650.540 braços escravos empregados na lavoura e 1.434.179 braços livres empregados na lavoura (Schwartzman, 2004). Todavia, não é nossa intenção buscar um aprofundamento nas causas mais distantes, históricas e na nossa formação enquanto nação, mesmo reconhecendo que isso é vital para entendermos a pobreza hoje.

Com a República, passou-se a pensar em resolver as questões sociais no Brasil, como o combate à pobreza, e como a busca por resolução de problemas de saúde (Schwartzman, 2001). Para os problemas sociais, ou eram apresentadas saídas - baseados no positivismo - com argumentos que defendiam a tese de um governo centralizador, poderoso, que re-educasse o proletariado e adotasse uma economia planejada, onde a idéia de que grupos privilegiados e mais “capazes” que os outros estariam aptos para a resolução de problemas de toda a nação era preponderante. Ou então, se apresentavam opções na lógica da eugenia, entendendo a questão das raças inferiores presentes no país como causa de seus problemas sociais, o que fazia pensar na alternativa de clarear a população, incentivando a imigração de trabalhadores de países da Europa, como a Itália, por exemplo.

Mesmo quando o Estado brasileiro inicia o empreendimento do *welfare state* nos anos 1930 e cria leis trabalhistas, com Getúlio Vargas, o Estado do bem Estar foi implementado de maneira a segmentar, dividir e classificar os trabalhadores, uma vez que sua implantação se deu corporativamente, agindo por criação de institutos, serviços

públicos e benefícios específicos aos sindicatos mais fortes e com mais expressão no cenário político e econômico. Essa estratégia seria advinda do modelo fascista italiano e de setores da Igreja católica, além do fato de não incluir os trabalhadores do campo no *welfare*, o que seria só mais um triste “detalhe”, não fosse o Brasil àquela época um país predominantemente rural e que excluiu do acesso à previdência boa parte de sua mão-de-obra empregada. Some-se a isso, o fato de que além de excluir os trabalhadores rurais, nosso *welfare* corporativo segmentava também os direitos e benefícios, geralmente pela criação dos institutos de patrões e empregados, formalizando a hierarquização da sociedade (Santos, 1987).

Alguns direitos sociais são criados pelos militares e confirmados na Constituição de 1988, passando, entretanto, a previdência a uma nova divisão, mas agora em apenas duas partes: a dos funcionários públicos e a dos funcionários da iniciativa privada. A primeira, dos servidores públicos, garantidora de benefícios nos mesmos valores dos salários, ou seja com correção dos benefícios iguais aos salários dos funcionários da ativa, e a segunda, transmissora de benefícios com correções menores que a inflação e sujeita aos percalços da instabilidade das empresas privadas nacionais, alguns direitos mais ligados ao trabalho são criados, como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o Programa de Integração Social e o FUNRURAL.

Se nos restringirmos aos anos de 1970 observaremos que alguns economistas voltados a entender a questão da pobreza no Brasil chamam a atenção para o fato da má qualidade da mão-de-obra formada e, por consequência, a má qualidade também na oferta de empregos. Entre esses estão Ricardo Paes de Barros e José Márcio Camargo que afirmam:

“políticas voltadas para reduzir os elevados níveis de pobreza no Brasil deverão se concentrar em aumentar a qualidade da força de trabalho (aumento do nível de escolaridade) e em aumentar a qualidade dos empregos gerados no país e/ou em reduzir o grau de variabilidade destes dois fatores geracionais de pobreza.”
(Barros & Camargo, 1994)

Em outra análise, com maior amplitude histórica a respeito da mobilidade social no Brasil, Pastore e Archibald (1993) analisam dados dos anos 1970 dando conta de que, naquela década, o país avançou na questão da mobilidade social e a maior parte dos trabalhadores subiu na escala social. Isso se devia, segundo os autores, à forte expansão do setor público, à consolidação do processo de urbanização do país, à expansão do emprego na indústria e ao próprio desempenho da economia internacional. Os filhos subiam na escala quando comparados com seus pais e também quando se comparavam com o começo de suas atividades profissionais e isso vai ocorrer até meados dos anos 1970. Era a chamada mobilidade estrutural, e que estava muito baseada na comparação com empregos dos pais que eram do tipo rural (últimos da escala hierárquica de ocupações). Por mobilidade estrutural, os autores entendem aquela na qual há transformação na composição setorial do mercado de trabalho, nem sendo necessária boa qualificação e formação profissional.

Por outro lado, nos anos 1980 se consolida o fim desse avanço na mobilidade social, chegando até mesmo ao índice de 27% de trabalhadores que caem na escala da mobilidade quando comparados a seus pais, índice que nos anos 1970 atingia ao percentual de apenas 11%. E a mobilidade social deixou de ser estrutural, passando a ser circular, ou seja, para que uma nova vaga seja preenchida no “andar de cima”, será preciso que alguém se mova, circule. De qualquer maneira, mesmo quando se observaram grandes mudanças nas posições de pais e filhos, foram poucos os que percorreram grandes distâncias na pirâmide social, saindo dos estratos mais baixos para os mais altos. Em outras palavras, o forte desenvolvimento do país nos anos 1970 não serviu para reduzir a desigualdade social e a pobreza. Embora perdessem um pouco de força, continuavam sendo predominantes.

Assim, mesmo que criássemos mais empregos de qualidade e oferecêssemos profissionais com melhor qualificação, como proposto por José Márcio Camargo e Paes de Barros, não haveria emprego para todos e, para os que conseguiam empregos formais, isso não significava avanço na mobilidade, ou, mobilidade ascendente, e muito menos, largas caminhadas que avançassem nesse sentido.

Caminhamos, portanto para uma redução do percentual de homens chefes de família partícipes dos segmentos mais pobres da população. Na presente década

(2000), todos os indicadores estão confirmando essa tendência. A pobreza, observariam os sociólogos e antropólogos, tem outras implicações, não só informadas pelas estatísticas, mas também por sua natureza simbólica, seu conjunto de significados e representações que podem ter continuidade ou não, dependendo de uma série de fatores: políticas públicas voltadas para eliminá-la, o *network*³⁵ que os pobres possuam e suas capacidades para utilizá-lo a seu favor, e é claro, da disposição e da capacitação para alcançar essas possibilidades que os ajudem no afastamento da pobreza.

Podemos afirmar, com segurança, que a pobreza tem sido combatida no país, e alguns dados apontam avanço nesse quadro, mas o fato de estarmos em um mundo com economia globalizada nos obriga a olhar essas melhoras, ressaltá-las e exaltá-las, mas não devemos esquecer que quando pensamos na questão do emprego e na geração de renda, é necessário comparar o Brasil com outros países que estejam em seu patamar de competição global. Assim, observaremos se temos avançado muito ou pouco, e até mesmo se já atingimos os níveis desejados e satisfatórios, mas não é nosso desejo desenvolver esse tema aqui.

E também cumpre lembrar que o desemprego, para alguns autores se tornou estrutural, devido não só ao avanço do capital sobre o trabalho, mas, até mesmo, às novas tecnologias modernas que dispensam mão-de-obra, além de diferentes dinâmicas trazidas para as empresas como a idéia do profissional versátil ou múltiplo que sozinho executa diversas funções por um salário só.

Estudiosos do tema³⁶ do papel do Estado no combate à pobreza apontam para a hipótese de que mesmo com a mudança institucional e, apesar da retórica implementada pelos dirigentes do regime político nos anos 1980, continuou-se com a política encontrada e praticada durante a ditadura militar: ruptura das ações e programas sem continuidade, limites rasos de recursos públicos disponíveis para tais empreendimentos, ou falta de competência técnica e habilidades políticas na administração e execução dos projetos e benefícios sociais (Faria, 1992). Ainda que

³⁵ Quando falamos em *network* aqui, nos referimos também às relações políticas, institucionais e comunitárias dos pobres e não apenas ao que se convencionou chamar capital social, a rede de relações sociais que podem ser acionadas para conseguir benefícios.

³⁶ Entre esses autores, podemos destacar: Wanderley Guilherme dos Santos, Sérgio Abranches e Vilmar Faria.

fosse introduzido no discurso o tema da cidadania, concepções seletivas, ou mesmo clientelistas, continuam fazendo parte do universo de projetos sociais dedicados aos mais pobres. Nos projetos ligados à educação, as mesmas características prevaleceram: rupturas, segmentação, pulverização e escassez de verbas. Além do fato de que o ensino fundamental não chegou a se universalizar, tendo baixo crescimento nessa década, considerada por vários estudiosos “a década perdida” (ibidem).

Outro exemplo da dicotomia confirmada pela Constituição de 1988 é que o acesso à educação em seus três níveis é garantido no caráter da gratuidade. A sutileza, no entanto, e também um dos mais poderosos mecanismos de desigualdade e exclusão social, está em “quem” consegue acesso ao ensino superior público: em geral, famílias de classe média-média e média-alta que tiveram a possibilidade de educar seus filhos em escolas particulares de ensino fundamental e médio, questão que tem sido amplamente discutida no momento atual, em função das cotas para negros e egressos das escolas públicas. O ensino superior foi objeto de amplo investimento público durante o regime militar com a criação de instituições de fomento à pesquisa, ou de aperfeiçoamento do ensino superior, como a CAPES, por exemplo, além da notável ampliação do ensino nas universidades públicas, com a reforma de antigos e criação de vários novos campus universitários, como o da UFRJ no Fundão, por exemplo.

Dados do ENEM de 2005³⁷ demonstram claramente o impacto da renda na formação e qualificação dos estudantes: aqueles candidatos cujas famílias têm renda familiar de até um salário mínimo tiveram como média no exame 31,5 pontos na média da prova objetiva, enquanto aqueles que têm renda familiar maior que 50 salários mínimos, tiveram média 61,3 pontos na média da prova objetiva. Na questão da cor, também vemos discrepâncias, embora menores: candidatos brancos tiveram média de 42,8 pontos na média da prova objetiva, pardos 36,8 e pretos 35,6 pontos³⁸. Nesse sentido, a educação pública, a que permite o acesso às famílias pobres que não podem pagar escolas particulares para seus filhos, tem servido para reproduzir e aprofundar as

³⁷ Fonte: http://www.schwartzman.org.br/simon/nclusao_ufmg.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2007.

³⁸ Vale acrescentar que pesquisa recém divulgada pelo IBGE demonstrou que a taxa de analfabetismo entre pretos e pardos é mais que o dobro da taxa de brancos: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/09/28/297924929.asp>, mas esses índices medem todos os grupos etários da população, enquanto o exame do ENEM se concentra sobretudo em jovens, o que pode significar um avanço para a educação de pretos e pardos no Brasil.

desigualdades, pois a falta de boa formação será fundamental para vetar o acesso dos pobres às universidades públicas - sobretudo aos cursos mais concorridos, e que oferecem maior expectativa de retorno salarial, como odontologia, medicina e direito - que ficaram restritas às famílias de classe média, como já dissemos anteriormente. Será preciso investir e repensar a qualidade do ensino público fundamental e formular a educação para que ela forme também o cidadão, reafirmando seus laços sociais, a consciência cívica e o capital social, além de prepará-lo para as transformações do trabalho que estão acontecendo globalmente.

Nos anos 1990, quando se aumentam consideravelmente os investimentos no ensino fundamental, toda a mudança nas políticas educacionais não foi suficiente para reverter essa que é uma das mais graves distorções nas políticas sociais brasileiras. E, apesar de todas essas mudanças, grande parte dos recursos públicos aplicados em educação continuou sendo utilizado pelos mais ricos.

Assim, em 1996, o primeiro quintil de renda (aqueles com menores rendimentos) era responsável por 26% dos investimentos em educação fundamental, 7,4% na secundária e 0,00% no ensino superior. O segundo quintil de renda ficava com 26,6%, 12,1% e 0,00%, respectivamente, dos investimentos. O terceiro quintil recebia 19,5%, 28,0% e 6,9%, respectivamente. O quarto quintil com 16,5%, 33,3% e 20,3%, também respectivamente. O quinto quintil (parcela mais rica da população brasileira) tinha recebido 7,6%, 19,2% e 72,9% (Camargo, 2004). Levando-se em consideração que:

“Do total dos gastos do governo federal, 60% (R\$ 6,6 bilhões) eram destinados ao financiamento do ensino superior, R\$ 800 milhões ao ensino médio e profissional e R\$ 1,3 bilhão para o ensino fundamental. Quanto aos outros níveis de governo, estima-se que, em 2000, os gastos dos Estados com ensino fundamental tenham atingido R\$ 15,4 bilhões, enquanto R\$ 8,7 bilhões foram destinados ao ensino médio. Já os municípios dedicaram R\$ 24 bilhões ao ensino fundamental. Portanto, no total, estima-se que os diferentes níveis de governo gastavam R\$

10 bilhões com o ensino médio (0,8% do PIB) e aproximadamente R\$ 42 bilhões (3,6% do PIB) com o fundamental.” (ibidem)

Nesse quadro, portanto, observamos que os investimentos do governo federal em ensino médio e superior acabam sendo apropriados pelos segmentos abastados da sociedade brasileira. Sabemos também que a educação envolve a questão do mérito, da competência, mas com um ensino fundamental de baixa qualidade e com todas as dificuldades das famílias pobres em manterem seus filhos na escola, a educação no Brasil acaba não sendo um instrumento para correção de desigualdades.

É preciso observar que a educação pode servir tanto para excluir como para incluir. Três são as teses a respeito disso: a) a educação serve, em momentos de retração econômica, para acentuar as desigualdades sociais e a exclusão, pois ela operaria como mecanismo de seleção e recrutamento, em função da potente conexão entre desenvolvimento e desempenho educacional e o padrão socioeconômico das famílias dos estudantes; b) nos momentos em que a economia esteja se expandindo, a educação pode ser um grande mecanismo de inclusão, ascensão e justiça social; c) a expansão da educação pode vir a gerar chances e oportunidades de trabalho através da formação de novas cabeças pensantes.

Nos últimos anos, o programa Bolsa Família tem sido o principal meio de transferência de renda do Governo Federal em andamento. Passou a ser a unificação de diversos programas gerados na década de 1990, como o Bolsa Escola, Vale Gás, Cartão Alimentação e outros. O programa concede aos pais determinado valor para ser usado como eles bem entenderem. O benefício é concedido com a exigência de que o(s) filho(s) esteja(m) matriculado(s) em escolas da rede pública e tenham frequência escolar de 85% para crianças entre 6 e 15 anos e de 75% para crianças entre 16 e 17 anos. Além disso, a renda familiar deve ser de R\$ 120,00 por pessoa para que o benefício seja concedido. Até 2006, entretanto, a idade limite era de 14 anos. Em 2007, pesquisa do próprio Ministério do Desenvolvimento Social mostrou que o programa Bolsa Família teve pouco impacto na matrícula escolar e na frequência escolar (Schwartzman, 2007).

Mesmo os que defendem essas políticas sociais percebem problemas em sua execução. Essas mesmas políticas sociais, articuladas, sobretudo, com a educação, estabelecendo uma condicionalidade para a concessão do benefício à família, têm criado, segundo especialistas, outro problema: o resgate e a promoção dos jovens (aumento dos anos de estudo e conseqüente aumento da possibilidade de melhor emprego e renda) e a estagnação dos pais desses mesmos jovens. Ou seja, o filho ganha chances de ascender socialmente, entretanto, seus pais permanecem estagnados, pois continuam com baixo grau de escolaridade, como apontou Ricardo Paes de Barros³⁹.

Programas sociais que atuam transferindo renda são fundamentais para que se faça a primeira parte do trabalho de combate à desigualdade, uma vez que estão pretendendo estimular a educação dos filhos nas famílias assim beneficiadas. Entretanto, esses programas sociais não podem existir por tempo indeterminado, pois é preciso que, a partir de certo momento, essas populações atingidas por eles, já estejam qualificadas do ponto de vista da educação e da cidadania e possam ser capazes de gerar suas rendas a partir de suas próprias ocupações. E resta o problema que aponta para a necessidade de se avaliar continuamente a eficácia dos programas, naquilo a que se propõem, para não se tornarem meramente assistencialistas.

Sobre a saúde, terceiro pilar do *welfare state*, a Constituição de 1988 consolida o avanço democrático quando a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) define como direito de todos os cidadãos brasileiros o acesso universal de cobertura e atendimento, ao mesmo tempo em que dá maior autonomia aos municípios, muito embora, no caminho de construção e implementação do SUS nos anos posteriores tivessem sido encontrados “oscilações, avanços e recuos”, como analisado por Hésio Cordeiro (2001).

Descentralizada a gestão da saúde, mas subvencionada com a maior parte dos recursos oriundos do governo federal, o SUS também passa a ter como uma de suas novas características o controle comunitário de saúde, fato que também caminha no sentido da democratização. Por outro lado, os recursos se tornaram escassos e embora a garantia oficial e legal do acesso à saúde exista, se fez necessária a criação de um

³⁹ Comunicação oral no Seminário “As Múltiplas Faces da Segregação”, realizado pelo Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 05 de novembro de 2008.

novo imposto, a princípio dedicado a este fim: a IPMF (Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras) criada em 1993 e que se transformaria depois em CPMF (Contribuição Permanente sobre Movimentações Financeiras), extinto em dezembro de 2007, quando seu objetivo já não era mais financiar a saúde pública.

Como vimos acima, a implantação do SUS foi feita com percalços, avanços e retrocessos no sentido dos direitos sociais. Também em outras esferas de governo vimos avanços no sentido neoliberal, como as privatizações em diversos setores (telecomunicações, energia elétrica, rodovias e ferrovias, bancos estatais, transportes e outros), mas também avançamos no sentido oposto ao neoliberalismo clássico, ao ampliar, nessa mesma década, o acesso ao ensino fundamental e até mesmo quando ainda na área da saúde, se estabeleceu uma arrojada política de combate ao HIV/AIDS. Outro dado positivo e concreto no campo da saúde é que a taxa de mortalidade infantil diminuiu drasticamente desde o final dos anos 1970, e mais, a expectativa de vida tem aumentado, muito embora acompanhada também do aumento do número de mortes por causas externas, que dizem respeito à violência, sobretudo urbana.

Nesse sentido, relatório da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) informa que mesmo com esses avanços, a mortalidade masculina não diminuiu mais por conta do aumento de jovens mortos por causas externas. Ou seja, as mortes causadas por doenças diminuem significativamente, porém, as mortes violentas aumentam várias vezes. Apenas para ilustrar, registramos os dados que dão conta de que nos anos 1980, 50% dos jovens morriam por causas externas e, em 2003, esse índice atinge os 75%, e desses, 40% são definidos como homicídios (Zaluar et al., 2006).

Vale registrar que, de 1991 a 2000, em todo o Brasil, o percentual do aumento das taxas de mortes por agressão, atingindo jovens entre 15 e 24 anos, assassinados por armas de fogo foi de 130%, enquanto que no estado do Rio de Janeiro o percentual de crescimento foi de apenas 46%. No mesmo período, em Mato Grosso do Sul o aumento foi de 121%, em Pernambuco o crescimento foi de 122%, em São Paulo de 162%, no Espírito Santo de 164%, em Alagoas de 252% e em Mato Grosso o crescimento chegou a 342% (Zaluar et alli, 2006).

A expansão e criação de direitos civis, sociais e políticos não é suficiente para dizermos, portanto, que o quadro geral do país melhorou. Quando o próprio representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Carlos Lopes, revela que "apesar de o Brasil representar apenas 2,8% da população mundial, o país registra 11% dos homicídios estimados em todo o planeta, e os números continuam a aumentar⁴⁰". Os números são de tal forma contundentes que levam a questão da violência a se tornar também uma questão de saúde. Não só os envolvidos diretamente nos conflitos, mas também a saúde da coletividade é afetada, por danos físicos e psicológicos, causados aos parentes, vizinhos e amigos das vítimas das agressões que resultaram em mortes ou em sequelas permanentes, inclusive as psicológicas.

Ainda assim podemos afirmar que houve, no país, avanços no campo político e democrático, uma vez que pelos direitos políticos, a democracia também se amplia com a Constituição: a realização de eleições diretas, a partir de então, para todos os níveis e cargos dos poderes executivo e legislativo, e até mesmo com a retirada legal de um presidente do poder, são fatos que consolidam esses direitos. E, em outras esferas, como os tribunais de pequenas causas, por exemplo - também vimos a ampliação dos direitos civis, aqueles que dão garantias legais e jurídicas aos cidadãos brasileiros - por exemplo. Do ponto de vista da democracia formal, vimos vários anos de avanço, mas isso não se deu de forma igual em outros âmbitos. Ainda assistimos, do final da década de 1980 até meados dos anos 1990, uma sequência de planos econômicos que tentavam dar conta da crescente e alucinada marca inflacionária. Todos eles, consecutivamente, sem êxito, até a implantação do Real em 1994 que estabiliza a moeda e possibilita o aumento do crédito, desencadeando, portanto, o aumento do consumo, mas, por outro lado, levando o país a baixos índices de crescimento econômico: nos períodos 1971-1980, o Produto Interno Bruto (PIB) cresce 8,6% e a população economicamente ativa (PEA) 3,9%; na década seguinte (1981-1990), o PIB cresce 1,6% e a PEA 3,1%, já na década de 1991-2000, o PIB cresce 2,5% contra 3,2% de crescimento da PEA (Dedecca, 2003, p. 113).

⁴⁰ Cf.: <http://noticias.uol.com.br/uol/2004/04/28/ult261u1539.jhtm>. Acesso em 15 de outubro de 2007.

Por outro lado e, com as instituições democráticas ainda se consolidando lentamente, conhecemos mais de perto a crise da democracia representativa, quando tivemos a oportunidade de assistir não só ao distanciamento dos partidos políticos de suas grandes massas de eleitores que perderam o controle sobre os seus representantes, e como também a um desencantamento pela política aliado a um profundo descrédito nos profissionais desse setor⁴¹.

É desnecessário lembrar que também a juventude se distancia e se desencanta com a política formal, ao contrário dos anos 1960 e 1970 quando, apesar do regime ditatorial militar, havia mobilização juvenil em partidos políticos (mesmo que clandestinos) e associações estudantis. Também nos anos de 1980 vamos encontrar os jovens se mobilizando pelas eleições Diretas e pela constituinte. O último resquício de envolvimento recente de massas da juventude com a política se deu durante o processo de *impeachment* do ex-presidente Collor.

Mas essa crise da representação política não fez com que a juventude deixasse de buscar outros espaços para se organizar, formar suas identidades e se manifestar social e politicamente, de maneira coletiva. Tais espaços jovens se fazem presentes na religião (com os grupos jovens católicos e evangélicos), nos mais variados estilos musicais e até mesmo no esporte, por meio das torcidas organizadas ou apenas pela identidade de pertencimento a um clube.

Nesse sentido não é apropriado falar em uma juventude alienada, mas sim em partidos políticos que não se fazem representar e não conseguem cativar a atenção de seus eleitores, chamando-os para o debate público e os engajando em suas lutas e bandeiras políticas e sociais. É necessário notar, entretanto, que os movimentos sociais registram a participação dos jovens, como é o caso do Movimento Negro, Feminista e das minorias sexuais, sem falar nos movimentos estudantis, ecológicos e comunitários.

Embora não sejam perguntas que componham os interesses das nossas investigações, cabe refletirmos sobre quais as razões que levaram os partidos a tomarem esse rumo. O que os fez ficarem tão afastados dos representados? Qual é a parcela de “culpa” da sociedade civil que hoje assiste quase que atônita a escândalos e

⁴¹ Pesquisa recém divulgada pela Associação de Magistrados do Brasil revelou que apenas 14,5% da população confia no Senado e pouco mais de 11% confiam na Câmara dos Deputados.

denúncias constantemente noticiados nos meios de comunicação de massa? A resposta pode estar no enfraquecimento do capital social, na noção de responsabilidade que temos para conosco e para com o conjunto da sociedade, na perda da cultura cívica (Putnam, 2007) que caminha de mãos dadas com a conjuntura que abordamos no capítulo anterior.

Mesmo tendo o país alcançado, até o ano de 2008, bons índices no que se refere ao desenvolvimento econômico, a questão de uma melhor redistribuição da renda parece ser a principal e mais árdua tarefa a ser cumprida como estratégia de combate à pobreza. Nesse sentido, programas como o da Bolsa Família bem como o salário mínimo aumentado em seu real poder de compra tem ajudado, de tal forma que é possível afirmar que de tal forma que a miséria e a pobreza foram, de fato, reduzidas no país.

Direitos civis, políticos e sociais garantidos e consolidados em lei, mas não necessariamente sempre aplicados, ou concretizados de forma igualitária e democrática, ou mesmo sendo operados para diminuir a exclusão social, a desigualdade e a pobreza confirmam a tese de que as leis não são universais (DaMatta, 1979) nesse país, valendo mais para alguns privilegiados, do que para outros menos privilegiados, consolidando a noção de uma sociedade hierarquizada.

Embora a previdência, a saúde e a educação sejam motivos de paixões políticas e de fortes disputas ideológicas possuindo longo *background* de debates públicos, mais nos interessa a questão da educação como instrumento de combate à exclusão social, à pobreza, à desigualdade, à igualdade de condições para disputa de vagas no mercado, e, sobretudo, como aliada no combate à violência. A educação tem impacto comprovado na violência doméstica e na taxa de homicídio (Zaluar, 2004; Beato, 1998; Kilsztajn & alli., 2003), ou seja, tem efeitos sobre a diminuição da mortalidade e morbidade por causas externas.

Diante de um contexto de exclusão, pobreza, desigualdade e agora com a acentuada desintegração do tecido social, surge a questão da violência explicada não como consequência direta desses fatores, nem como causalidade, mas como o resultado de “muitos elementos em complexa interação” (Zaluar, 2005), uma vez que nem todos os jovens pobres e excluídos resolvem fazer parte de quadrilhas de

traficantes, mas apenas uma pequena parcela que se seduz pelo crime e pelas representações, status e simbolismos que ele carrega: mulheres fáceis, poder masculino, dinheiro fácil e rápido que gera a possibilidade de acesso a bens pelo consumo de tênis e roupas de marcas internacionais, veículos e tecnologias de última geração, tão sonhados e presentes nas propagandas - largamente difundidas pela globalização - e, em cujas entrelinhas, muito se insere a busca do prazer e do poder..

Globalização essa que transforma economias legais e juridicamente constituídas, mas que também facilita e globaliza o crime e seus meios: armas, drogas, redes internacionais, lavagem de dinheiro.

Ainda que reduzidas do ponto de vista estatístico, as quadrilhas de traficantes conseguem causar danos permanentes tanto a outros jovens de outras quadrilhas, ou a inocentes transeuntes, quanto à economia de bairros e regiões metropolitanas de grandes cidades, a policiais militares e civis. São guerras e confrontos que causam danos à saúde pública, à qualidade de vida, à sociabilidade e que além de destruírem vidas, destroem a esperança.

Considerando-se uma das saídas para a prevenção à violência é “reforçar as solidariedades enfraquecidas entre as gerações, intra e extraclasse, assim como, nas políticas públicas, abrir espaço político para reconhecer e estabelecer parcerias com todas as formas de associações que promovam aquelas reciprocidades e solidariedades, principalmente no quarto setor⁴²”, cabe aqui a pergunta: que lugar pode ocupar o esporte, através de seus processos socializadores e de seus projetos esportivos, pode ter nesse tipo de tarefa? Embora com todas as transformações que o mesmo também tem sofrido em função do que já dissemos anteriormente e que se configurará mais precisamente nos capítulos posteriores.

⁴² Ibidem.

Capítulo 4

O Esporte e a Escola: Alternativas?

Como vimos no capítulo anterior, a questão da pobreza no Brasil está correlacionada à escolaridade, tendo também efeitos em áreas como a saúde e a previdência, marcadas pela desigualdade social. Considerando-se esse contexto, como podemos pensar os projetos esportivos, em geral aliados à educação e a projetos profissionalizantes?

Aqui nesse capítulo pretendemos mostrar como alguns entrevistados para essa e outras pesquisas do NUPEVI avaliam a existência de projetos em suas comunidades, como avaliam a formação de mão-de-obra e como o esporte pode ser pensado junto com a educação para a ressocialização dentro de um contexto de desagregação, valorização do mercado e do dinheiro e esgarçamento do tecido social (Zaluar, 2004).

Além disso, tentaremos apresentar algumas teses acerca de projetos sociais, desenvolvidas nos últimos anos por estudiosos do tema.

O esporte no Brasil, sobretudo o futebol, é praticado, majoritariamente, por homens⁴³ jovens e adultos, ricos e pobres, diferenciado talvez pelo fato de que, nas camadas mais populares, o futebol pode se apresentar mais fortemente como salvação (pela profissionalização ou socialização) de famílias, amigos, vizinhos e comunidades inteiras (se pensarmos no aspecto simbólico). Já nas camadas mais abastadas da sociedade brasileira, o futebol até pode ter como fim último a profissionalização e o alto rendimento, mas este não é seu principal foco, haja vista que essas camadas têm acesso a educação de boa qualidade, além de contarem com capital social e cultural mais consolidado para lhe possibilitar melhores alternativas, caminhos e horizontes, e, por conseguinte, acesso a bons empregos, já estando salvos da pobreza, dentro da lógica do trabalho e da renda.

Ou seja, a profissionalização pelo futebol não parece ser exclusividade dos pobres, mas para essas camadas, ele é um sonho mais constante e presente no cotidiano dessas mesmas camadas, uma vez que suas condições materiais estimulam

⁴³ Agora também e cada vez mais pelas mulheres, muito em função do destaque que o futebol feminino tem tomado na mídia impressa e televisiva.

o desejo de sair da pobreza, podendo isso ser apontado como objetivo principal. Nesse sentido, caminhamos junto com Roberto DaMatta (1979, 1984, 1993) quando ele nos leva a ver o futebol como um espaço de representação de justiça social na sociedade brasileira, uma vez que, segundo o antropólogo, esse esporte faculta a idéia e a experiência de vencer pelos próprios méritos e talentos e mediante regras universais, válidas para todos: ricos e pobres, brancos, pretos e pardos. Ainda para DaMatta, o esporte bretão teria encontrado sucesso enorme no Brasil, uma vez que em outras esferas da vida, como a social, a pública e a política, esses valores transmitidos pelo futebol não seriam encontrados.

Não é o resultado de uma partida de futebol que propicia sentimento de justiça, pois no futebol, nem sempre o time com a melhor performance e desempenho sairá vencedor, mas é a possibilidade de se tornar um pé-de-obra e ser reconhecido pelos próprios méritos, sem o famoso QI (quem indica), sem os atropelos e as adversidades às quais estão submetidos os segmentos mais pobres da população brasileira⁴⁴. Além disso, o futebol faculta a idéia de que as regras são válidas para todos, sendo universais, ao contrário da experiência dos pobres com a justiça, a cidadania e os direitos sociais nesse país, como vimos no capítulo 3.

É corrente entre os pesquisadores de esporte e futebol no Brasil (inclusive entre jornalistas especializados no assunto e profissionais do esporte) o debate sobre o fim do futebol arte e espetáculo e o aumento da violência nos campos e nas arquibancadas.

Quanto à tese do fim do futebol arte e espetáculo que teria sido substituído pelo futebol objetivo, desejoso apenas de resultados, títulos e grandes contratos por parte dos jogadores, um dos argumentos contra essa tese nos parece válido: a idéia de que as imagens dos jogos de futebol em décadas passadas são recortadas e selecionadas e somos apenas informados e lembrados pela mídia das imagens espetaculosas, geniais e encantadoras, deixando de lado as imagens comuns, mais tristes e mais lamentáveis (Damo, 2001). Esta opinião também tende a ser de quase unanimidade entre os especialistas do meio, inclusive profissionais do próprio campo do futebol,

⁴⁴ Note-se também que a sorte pode ser considerada um fator importante para a escolha e seleção dos pés-de-obras (Damo, 2005).

como jornalistas, técnicos, comentaristas especializados e outros. Entretanto, devemos registrar que os equipamentos do futebol, como chuteira, bola, uniformes mudaram e muito, ganhando mais tecnologia, o que pode interferir nos jogos.

Por outro lado, os que defendem a existência de transformações profundas no futebol, argumentam que existem técnicos e treinadores que se tornam repressores das expressões espontâneas, criadoras, geniais, dando preferência a um futebol modelado, padronizado, *standartizado*. Como exemplo, podemos destacar Carlos Alberto Parreira, Luiz Felipe Scolari, entre outros. Além disso, apresentam como argumento o fato inegável de que há maior preparação física nos jogadores de futebol, devido a todo um conjunto de novas técnicas de preparo, presença de profissionais como nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos e todo um aparato tecnológico nunca antes visto em jogos futebolísticos. Tais mudanças contribuem para que o campo de jogo possa ser mais rigorosamente disputado e ocupado pelas equipes, lutando por cada grama, cada centímetro. Agora não será necessário possuir apenas habilidades e técnicas, mas um rigoroso enquadramento físico e preparação psíquica que alteram o corpo e a mente dos jogadores como nunca se viu na história desse esporte.

A própria gerência dos clubes se transformou vertiginosamente: antigas associações de caráter local, muitas vezes formadas e gerenciadas tanto por operários (como os trabalhadores de ferrovias inglesas que fundam o Manchester United em 1878 e hoje tem uma administração empresarial, sendo o clube mais rico do planeta), como por comerciantes e vizinhos. Sem contar as associações com empresas, investidores, ou ainda com mafiosos, que lançaram o futebol no mundo do *showbusiness* e na indústria do entretenimento, reconfigurando toda a face do esporte profissional ao redor do mundo.

Essas mudanças não negam a existência de fenômenos e de jogadores com altas habilidades no mundo dos esportes. Mas implicam, sim, em transformações na própria maneira de se jogar profissionalmente. O aumento das pressões e das necessidades de resultados vitoriosos, uma vez que agora o padrão do esporte profissional é dos mais empresariais já vistos, influenciam nas formas de jogar e nos modelos de jogo.

A tese baseada em Norbert Elias e Eric Dunning (1992) de que os esportes evoluem para o controle e restrição à violência física, embora mantenham um grau de violência em potencial e aceitável como parte integrante e necessária do jogo, fazem parte do processo civilizatório, do qual o futebol e seus valores são elementos integrantes. O processo civilizatório, segundo esses autores, não é feito de forma linear e retilínea, mas está sujeito a avanços e retrocessos. Isso posto, poder-se-ia afirmar que o atual momento, de aumento da violência, seria de retrocesso no processo civilizatório, pois estaria o futebol embebido e permeado pela lógica do vencer a qualquer custo? Lógica essa extremamente perversa e que acaba se desdobrando para a vida social com o aumento da violência, da agressão e da deterioração do tecido social.

Na linha de argumentação desses autores está a idéia de que a recuperação do ethos ou do hábito de civilidade é o caminho para pacificação das sociedades, uma vez que, historicamente, o futebol passa a ser a representação simbólica da competição entre segmentos, nações e grupos sociais, funcionando como um antídoto ao excesso de autocontrole dos indivíduos nas sociedades modernas, ou seja, transferem-se para as práticas esportivas as rivalidades entre grupos. Essas práticas passam a ser efetuadas mediante regras, que a seu modo, cada vez mais impõem limites às agressões entre os jogadores, em função do crescente repúdio à violência.

A prática do futebol, assim como a de muitos esportes, entretanto, é das mais democráticas possíveis. Pois, ao contrário de esportes individuais como automobilismo, tênis e golfe, o futebol, o vôlei, o basquete, o handebol, a capoeira, o karatê e outros esportes coletivos demandam pouco investimento financeiro e uma capacidade mais desenvolvida de cooperar com uma equipe de pessoas. No caso de alguns desses esportes, basta uma bola e um pequeno pedaço de terra e lá estão crianças, jovens e adultos disputando uma partida. A Fórmula 1, por exemplo, setor que se julga o mais avançado ramo do automobilismo, somente em 2008, teve o seu primeiro campeão negro, o inglês Lewis Hamilton, em um campeonato que é disputado desde antes da Segunda Guerra Mundial. O golfe (outro esporte altamente elitizado no Brasil, mas que tem se popularizado nos Estados Unidos) também tem seu primeiro campeão negro

recentemente: o norte-americano “Eldrick ‘Tiger’ Woods”, campeão do US Open, *The Masters Tournament*, do *British Open*, entre outros.

Como essas práticas podem, entretanto, estar sendo transmitidas ou utilizadas em projetos esportivos e qual o papel da educação neste contexto?

Escola, Projetos Esportivos e Projetos Profissionalizantes

Antes de pensarmos diretamente na pergunta acima, devemos tentar responder que papel se poderia esperar do esporte no contexto caracterizado na seção anterior.

Alguns entrevistados têm ressaltado o papel que o esporte exerceria, sendo um recuperador e “salvador” de jovens. Mesmo que não seja para profissionalizar a juventude, ter atividades esportivas por perto é bem visto por alguns entrevistados. Assim como esse líder comunitário de uma grande favela do Rio de Janeiro, entrevistado para uma pesquisa do NUPEVI em 2007, a comunidade em que mora também aposta firmemente nos projetos sociais. “Seu Aylson”, como é conhecido, negro, com mais de 60 anos, casado, sambista e ainda sindicalista e ex-operário, acredita que:

“Sócio-esportivo eu até gosto porque é uma maneira até de tirar o moleque da esquina no tráfico e eu estou com uma expectativa muito grande com relação ao pan porque eu acho, acredito dessa vez que ele me dê esse prazer de falar ‘ah, eu pensei certo.’ Porque apesar dos pesares, apesar das trapalhada desses malandros aí nos somos divisor de águas. A juventude antes do pan e a juventude depois do pan. Porque a gente está vendo aí esse pessoal que tá ganhando medalha, o cara chora, o cara treinou para aquilo, sabe que é capaz mas ao mesmo tempo ele fala assim ‘po, eu to representando aqui milhões de pessoas’. Então o cara na hora que vai receber a medalha o cara chora. É,

tem uns que igual esse garoto da nataçãoo que dá um depoimento que você fica até bobo porque o cara tinha tudo pra ter uma soberba e o cara não tem. O cara fala 'olha só, isso é consequência de um trabalho é muito treinamento e vamo ver o que que a gente consegue mais. Mas eu treinei pra que isso acontecesse, poderia não acontecer mas eu treinei pra isso, eu tinha obrigação pra isso'. Quer dizer, ele não diz que ele é o bom, nada disso. Ele diz que treinou muito então esse tipo de coisa é bom pra quem ta vendo. A garotada se espelha. Na época da explosão do jogar de futebol todo mundo queria ser jogador de futebol. O cara de carrão e pa pa pa e tal. Agora não eles tão pensando em outra coisa. Eu vi o cara dando a entrevista, o cara medalhista dando entrevista dizendo 'se eu não der certo no futebol eu vou ser outra coisa', aí ele até falou o que que gostaria de ser, 'estou estudando pra isso'. Quer dizer, hoje a mentalidade está diferente, então certos projetos ainda mais na área sócio-esportiva eu gosto. Projeto cultural eu gosto, mas quando é projeto pra maquiagem eu não gosto porque eu acho que isso é tapa buraco."

Em seguida, perguntado sobre o que seria projeto tapa-buraco, respondeu:

"Esses projetos que dão chequinho aqui, chequinho ali, e isso aí não tem nada a ver."

Além do fato de que esses jovens podem ter percebido outras modalidades esportivas - que não o futebol - como modo de ascensão pelo esporte, nota-se que esse depoimento permite-nos deduzir que os próprios candidatos a esportistas teriam perdido a ilusão da imagem de jogador de futebol abonado, exibidor de carros modernos e caros, disputado por mulheres e com o discurso do "eu sou o cara", para o jogador que reconhece a sua vitória como fruto do seu trabalho e, por natureza, do

trabalho de equipe em esportes coletivos. É sintomática, nesse sentido, a frase “*ele não diz que é o bom*”.

Seria possível desconsiderar o papel exercido pelo jogo e sua prática como lazer? O gosto pelo inesperado, a ausência de controle sobre o resultado, a atração e fascínio das fantasias e sonhos nele envolvidos, o espetáculo da criação de dificuldades para poder superá-las, o lazer pelo lazer, pelo lúdico, (Zaluar, 1994) pelo prazer de se divertir, brincar, socializar, internalizar regras e aprender a conviver e “jogar” em equipe, a transmissão de técnicas corporais (MAUSS, 1974), que, no caso do futebol, são quase universalizadas em nossa sociedade, a marca da gratuidade e do desinteresse material. Tais fatores, tão importantes na recomposição da cultura cívica e na valorização da subjetividade não seriam valores característicos originais e fundadoras das mais diversas práticas esportivas?

E ainda que pensemos o futebol como um veículo que necessita de atribuição de significados (Guedes, 1977), a análise de Norbert Elias sobre o papel histórico do esporte moderno, mas sobretudo do futebol, no processo civilizatório e na pacificação dos costumes e hábitos na Inglaterra demonstra que seus valores eram mais positivos do que negativos.

Paralelamente aos valores que a educação e o esporte têm por ideais transmitir, a ideologia neoliberal poderia ser classificada como composta pela: instrumentalização das relações sociais, que só confere valor a relacionamentos e interações onde se achar que elas servirão como meio de ascensão social; o utilitarismo pragmático que rejeita qualquer relação desprovida e fora do cálculo do lucro ou que viabilize alguma vantagem; a normatização do desrespeito às regras, que torna a vida social caótica e inviável; a apologia ao lucro exacerbado e a reificação do individualismo atomizante.

Por isso mesmo, devemos estar atentos para a possibilidade de que essas lógicas instrumentais e mercantis estejam se inserindo dentro de algumas esferas e práticas esportivas, desvirtuando seu papel democrático e caráter civilizador. Tais fatores têm tangenciado o esporte, suas práticas e suas representações, e carregado o veículo com valores negativos, sobretudo quando pensado e trabalhado apenas para profissionalização e o ganho material, desvinculado do caráter lúdico e de representação de um ideal social em que o mérito, o esforço, a capacidade de luta

determinam o resultado. Neste sentido, Simoni Guedes nos lembra que o papel do futebol:

“pode ser de inclusão e exclusão. Ele é um veículo. Nós precisamos pensar um pouco sobre essa utilização do futebol tão extensivamente como chamariz, como estratégia pedagógica em projetos sociais porque aí existe uma outra questão. Embora os projetos sociais não estejam estimulando a profissionalização dos meninos, esse sonho está presente para a maioria deles, e isso é problemático. Há um percentual mínimo, quase insignificante, que têm sucesso. Devemos pensar um pouco mais sobre isso, ver como podemos lidar melhor com essa estratégia, se não podemos oferecer alternativas, se o objetivo é a socialização, então deveríamos pensar mais diversificadamente sobre esse ponto de vista⁴⁵.”

Recentemente, Eric Dunning, em entrevista à revista Horizontes Antropológicos (2008), afirmou que:

“As formas modernas de futebol – futebol *association*, rugby, etc. – surgiram no século XIX como parte do que Norbert Elias chamou de "processo civilizatório". Do modo como Elias os compreendeu, processos civilizatórios não são simples, lineares e "progressivos", mas formações complexas, que são como ondas, com múltiplos níveis e que ocorrem no nível dos indivíduos tanto quanto no das sociedades. Ele também escreveu sobre "processos de-civilizatórios", que podem ocorrer de modo mais ou menos rápido, em maior ou menor escala, por exemplo, a "falência da civilização"... É necessário e relevante discutir tudo

⁴⁵Cf. disponível em:

http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/amaivos07/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7154&cod_canal=42. Acesso em 14 de outubro de 2007.

isso no contexto presente, porque há um crescente volume de evidências que sugerem que, desde os anos 1960, sociedades de todo o Ocidente têm enfrentado processos de-civilizatórios substanciais ao longo dos quais a violência aumentou. A onda mundial de hooliganismo no futebol contemporâneo pode ser vista como parte desta tendência mundial.

É preciso ainda discutir o suposto papel "civilizador" dos esportes. Esta idéia surgiu no século XIX e depende, para sua operacionalização, da inculcação nos jovens, desde muito cedo, dos valores do amadorismo, como o fair play e a idéia de que competir é mais importante do que vencer. O profissionalismo – mistura do esporte com valores orientados pelo dinheiro –, a atitude de "vencer-a-qualquer-custo" que acompanha o esporte profissional e a pressão derivada do número de equipes e número de espectadores fazem com que seja difícil a sobrevivência de atitudes e valores amadores como o fair play. Costumava-se referir os esportes modernos como formas de "guerra sem armas". Na minha opinião, a despeito de todos os problemas gerados pelos esportes, eles são muito, muito melhores do que a guerra, especialmente dado o poder de destruição das armas modernas. Os esportes são locais para a geração de excitação prazerosa, amizade e sociabilidade. Eles são uma grande invenção coletiva, que consegue com sucesso resolver a aparente contradição entre rivalidade e amizade. Pode-se dizer que os esportes são formas de "rivalidade amistosa", e como tais, são extremamente valiosos."

Nesse sentido, um outro entrevistado chama a atenção para o fato de que a bola teria deixado de ser um brinquedo e se transformou em meio "para se conseguir profissão e renda e é 'perseguida' como emprego". Como dito anteriormente, nem sempre estão suficientemente claros, para o candidato a futebolista os riscos e limites

de sua carreira, mas ainda assim, a força de tal sonho e projeto (muitas vezes familiar) os cega para tais dimensões. E isso devido muitas vezes à liquefação das vidas, da perspectiva de futuro e da sedimentação de qualquer programação a longo prazo.

Se o investimento e o retorno em uma carreira tradicional demanda mais tempo, anos de estudo formal, baixos salários iniciais (e nem sempre alto depois de iniciado), a profissão formal, em larga medida, não se esvai com o tempo, ao contrário, embora cada vez mais exija constantes aperfeiçoamentos e especializações. Uma profissão não esportista ou não futebolista não dará, porém, os ganhos simbólicos que o jovem candidato a pé-de-obra espera encontrar pelo esporte.

Estariam, por essa razão, os projetos de socialização e profissionalização no esporte virando motivo de ceticismo e poderiam ter começado a sair de “moda”? Identificamos esses fatos em entrevistas feitas com alguns moradores e lideranças comunitárias entrevistadas para pesquisas realizadas pelo NUPEVI que pretendiam investigar laços comunitários e estratégias das associações vicinais na prevenção à violência. A entrevistada a seguir, dona Maria, negra, com mais de 60 anos, participa da administração de uma importante agremiação carnavalesca da cidade do Rio de Janeiro, e chega à seguinte conclusão sobre os projetos esportivos:

“Porque o esporte depende da sorte. Nós temos muitos garotos que jogam muito, mas hoje em dia a gente sabe que quem dá certo é aquele que tem pai que tem grana e banca o garoto num clube. E os grandes clubes nem olham esses garotos jogando... Então o esporte é muito importante, mas nem todo mundo tem sorte. E nem todo mundo tem o dom de jogar futebol, de jogar basquete... Então você não pode só se ater ao esporte. O esporte na realidade é um lazer, então você tem que dar outro caminho também. Quando a criança ainda ta no colégio você ainda pode cobrar “olha, só pode jogar se estiver estudando”. Mas e depois que ele completa a maioridade e não arrumou nada, vai fazer o que? Pelo menos ali ele consegue aprender alguma coisa.”

O discurso dos líderes comunitários agora não se restringe apenas aos projetos esportivos, mesmo reconhecendo neles uma grande importância em função dos valores transmitidos pelo esporte, como convivência em equipe, respeito às regras, sentimento de vencer pelos próprios méritos, e até o já mais popularizado e universalizado “tirar as crianças da rua”, entre outros.

Deve-se dizer que o esporte - como veremos mais adiante - pode representar uma contribuição significativamente positiva para a vida profissional, através de práticas esportivas que são colocadas como provas eliminatórias em concursos públicos, como a natação, por exemplo, que é eliminatória para concurso de bombeiros militares.

Também é necessário dizer que os jovens podem se profissionalizar no esporte como professores de educação física, abrindo um vasto e ativo mercado de trabalho para toda a vida. Ou aqueles que não deram certo no esporte, mas hoje são funcionários de vilas olímpicas e transmitem os valores que receberam na juventude para aqueles que sonham com a profissionalização pelo esporte. Além de servirem como exemplos de pessoas que passaram pelo esporte, não se profissionalizaram nele, mas vivem nele.

Como indústria do *showbusiness* e do entretenimento, o esporte gera, portanto, empregos diretos, e também indiretos. Mas não é só como consumo de massa que ele pode garantir futuro ou profissionalização, é também como prática pedagógica, mesmo em escolas, projetos sociais e culturais. O fato é que o esporte passa a ser uma possibilidade que gera, se não a profissionalização como ‘pé-de-obra’, ‘basquetista’, ‘capoeirista’, ‘karateca’ ou praticante profissional de diversos esportes, também é uma alternativa como professores de educação física, psicólogos do esporte e pedagogos.

Os líderes comunitários, entretanto, reconhecem que os projetos esportivos não podem ser a aposta principal para a vida profissional desses jovens, e aí é que se investem em projetos profissionalizantes, não mais vinculados ao esporte, mas em projetos, por exemplo, como os de inclusão digital. A seguir, falando sobre quando considerou que deveria mudar de projetos apenas esportivos para profissionalizantes, a mesma entrevistada completou:

“Nós temos um grande problema. Vocês sabem que em qualquer comunidade carente a dificuldade que é. Se você não ajudar dessa forma já fica difícil segurar o elemento no caminho... Até porque não tem oportunidade, não tem emprego. O cara se forma numa faculdade, aí no sábado tem festa, no domingo tem festa, chega na segunda-feira o cara está com o diploma na mão e vai fazer o que? É a realidade. Eu falo isso porque eu tenho um filho com 21 anos. Esse meu filho, Graças a Deus, está no Exército, porque se não ia ser mais um aí na fila do emprego. Porque esses políticos falam muito, mas não dão oportunidade para ninguém, não. Só dão pra quem interessa a eles. Às vezes numa turma de 50 formandos nem 5% consegue exercer aquilo o que ele se propôs a estudar, não é isso? Tem muitos formados que estão trabalhando em shopping, em lanchonete, e não está exercendo uma profissão na sua área. Estudou, gastou dinheiro, porque mesmo sendo em uma faculdade pública ele tem despesa. Então a gente tenta ajudar de outra forma.”

O fato é que os projetos apenas esportivos não são mais vistos como uma unanimidade nas estratégias de prevenção à violência, até porque o governo federal, estados, municípios e grandes segmentos da sociedade civil passaram mais de uma década investindo neles e ainda não se sabe ao certo os resultados alcançados, visto que não houve avaliações sistemáticas e é muito difícil quantificar esses resultados. Nas nossas pesquisas e leituras, no entanto, constatamos ser inegável o impacto provocado pelo esporte nas histórias de vida.

Uma questão que surge quando pensamos em projetos esportivos sociais e profissionalizantes é: como trabalhar o enorme sentimento de frustração nas famílias e nos jovens que sonhavam fazer parte de um novo mundo prometido pelo esporte? Pois para muitos jovens, esse passa a ser um projeto de família, servindo para se pressionar desde os profissionais envolvidos nos projetos, até mesmo os possíveis jogadores e também os “empresários” e representantes de clubes responsáveis pelas escolhas.

Abordaremos esse tema mais à frente, por mais que o projeto deixe claro que tem caráter apenas social, sem intenções profissionalizantes.

O ideal de se tornar Alexandre Pato, jovem de 17 anos negociado em 2007 para o futebol internacional pela bagatela de 57 milhões de reais, não é algo apenas almejado pelo jovem, mas faz parte de todo o contexto no qual se insere, como: a família, a vizinhança, e até mesmo espaços que não deveriam, a princípio, fazer parte desse mundo, como o ambiente escolar.

Em um *survey* realizado para sua tese de doutoramento, Arlei Damo (2005) identificou o desejo de profissão de alunos de escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Para os alunos de escolas privadas, as quatro carreiras mais cobiçadas por meninos foram: as de engenheiro, seguido por advogado, jogador de futebol e médico. Já para as escolas públicas, a ordem foi a seguinte: jogador de futebol, advogado, médico e policial. É evidente que a carreira de jogador de futebol fascina a juventude brasileira, e talvez em maior medida, aqueles mais pobres, portanto, os que têm as piores condições de educação, mas esse sonho pode estar agora mais permeado da consciência de que o caminho até a consagração é longo e não é facilmente percorrido. O mesmo autor também considera que a profissionalização dos jogadores de futebol, em grande medida, não se dá mais em escolinhas, mas sim nos centros de formação, para onde são enviados os candidatos escolhidos.

Mas esse “sonho” encontra muito sentido se pensarmos: (1) na forte presença midiática do futebol; (2) no próprio mercado futebolístico que, de fato, cresceu e necessitou cada vez mais de profissionais especializados, muitos dos quais oriundos das camadas mais pobres das grandes cidades, e que se transformaram mesmo em grandes ídolos; (3) na demanda da família e sua pressão para ser “salva” da desgraça da pobreza, ou para angariar não somente a saída da pobreza (no caso das famílias de classe média é a idéia de pular para um degrau mais alto da pirâmide social), mas a fama, o prestígio e o poder; (4) numa realidade encontrada na própria experiência de vida de trabalhador pobre que não lhe faculta a visibilidade de futuros brilhantes (no sentido dos flashes e luzes das câmeras) para os que prosseguem pela educação formal e a profissionalização em carreiras não esportivas.

Não é preciso aqui explorar a questão histórica da profissionalização do futebol, que se desenvolve com o próprio desenrolar da paixão e da associação identitária de camadas da sociedade brasileira ao futebol, com o processo de urbanização, desenvolvimento dos transportes, sobretudo com o papel e a dimensão que foram conferidas ao futebol pelos meios de comunicação, ainda mais quando pensamos nos grandes eventos esportivos e futebolísticos, com cobertura para qualquer lugar do mundo, de tal monta que o esporte, sobretudo o futebol no Brasil, conta com jornalistas especializados, veículos e espaços próprios na mídia, enfim, vem a ser um setor dentro de outro.

Falamos em capítulo anterior a respeito do papel do dom no esporte, mas não podemos esquecer que aqueles que se tornam profissionais do esporte são minorias perto dos que tentam. Mais do que isso, tornar-se profissional também não quer dizer alcançar o universo sonhado por esses pretendentes. Um universo, para os candidatos a “Alexandres Patos, Romários, Ronaldos, Zicos” e outros ídolos e heróis, permeado pelo dinheiro abundante, por carros delirantes, pela fama positiva e por que não falarmos nas “mulheres” e seus “desejos”. Tal universo pode não corresponder à realidade encontrada por todos aqueles que forem bem sucedidos, e, certamente, aqueles que encontrarem essa realidade não a desfrutarão por muito tempo, mas ainda assim ela faz parte da imaginação daqueles que pretendem se tornar ídolos ou heróis.

Então, embora boa parte não alcance êxito em se tornar um profissional do futebol, a idéia de retribuir à família e à comunidade original existirá enquanto o pretendente tiver esperanças na profissionalização. Mas, e depois? E se o resultado não for o esperado? Como vai se recompor a relação entre o pretendente a profissional esportivo e sua família e até mesmo os amigos?

Nas famílias em que existe relação de paixão com o futebol e, ainda por cima, onde o filho se candidata a profissional pelo clube pelo qual torce, a frustração é duplicada e, às vezes, chega às “vias de fato” em conflitos que envolvem progenitores e treinadores quando esses recebem todo o tipo de xingamento. Alguns veículos de comunicação registraram, em setembro de 2007, a informação de que um pai, pertencente a uma torcida organizada do Palmeiras, agrediu o treinador de seu filho e

Ele quebrou duas costelas. Ainda segundo reportagem do site globo.com o pai teria justificado sua agressão nos seguintes termos:

“Eu agredi, sim, mas agredi como pai. E agrediria de novo! Se conversar com 70% dos pais desses garotos, todos querem o pescoço desse técnico. Ele destrói psicologicamente os meninos e depois dispensa para pôr atletas dele no lugar⁴⁶.”

Interessante pensar no discurso do pai para analisar quais as representações que estão inseridas nessa frase: é feita uma denúncia contra o treinador, numa tentativa de tirar a legitimidade de seu trabalho⁴⁷ que não confere ao filho desse pai o status de futebolista; a carga de herança que o filho recebe do pai para torcer pelo clube, e, nesse caso, também se profissionalizar no clube “amado”; a idéia do pai macho que agride fisicamente aquele que impede o sonho do filho e, por tabela, o desejo da família de que o sonho do filho se concretize, tentando fazer valer suas idéias e necessidades pela violência, fato que poderia ser pensado, avaliando-se o descontrole das emoções.

Esse investimento e essa adesão absoluta estão ligados às transformações que ocorrem no mundo ocidental em relação ao trabalho e que já exploramos anteriormente nessa tese: o fim da “estabilidade” do trabalho, a reformulação da identidade do indivíduo não mais orientada pelo trabalho, mas pelo consumo.

O fato de ser uma profissão que requer o uso da força física, mas também faz grande uso da subjetividade e do poder criativo de seus jogadores insere os “futebolistas” nesse novo contexto, e o futebol, enquanto profissão, embora seja uma marca das sociedades industriais, hoje, se adequou aos requisitos da sociedade pós-industrial: muitos têm laços flexíveis de trabalho; há escassez de vagas; enorme competição entre os candidatos a “futebolistas”; o fato da exibição do jogo não produzir

⁴⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Palmeiras/0,,MUL143265-4403,00.html>. Acesso em 14 de outubro de 2007.

⁴⁷ Não estamos fazendo apologia ao trabalho do treinador, mas apenas tentando entender o discurso do pai.

bens materiais, embora alimente a nova indústria de material esportivo; e, incerteza em relação ao futuro. Conceitos e práticas que:

“Ferem de morte os valores de solidariedade social tão dificilmente institucionalizados sob a fórmula ‘trabalho livre, mas protegido’ e torna-se o centro do processo de legitimação ideológica da fragmentação social que, nesta hipótese, se torna irreversível. Enquanto esse risco não for afastado, os aspectos positivos das mudanças culturais em curso precisam ser considerados com muito cuidado” (Machado, 2003, p. 161).

Se o esporte apresenta todos esses dilemas em sua prática cotidiana, obrigando os esportistas e executores de projetos a um aperfeiçoamento de seus planejamentos e pedagogias, o outro lado da moeda da formação de jovens, que é a escola, precisa também passar por uma reavaliação. Nesse sentido, a crítica feita por Alba Zaluar (1996) à escola que se pensa apenas como espaço para “tirar as crianças da rua” sem apresentar novas alternativas de projetos pedagógicos, sem qualidade de ensino e despreocupada em gerar valores e projetos familiares pode se encaixar nos projetos esportivos preocupados com a mesma questão e baseados na mesma concepção limitada. Para não caírem nesses erros, os projetos esportivos e a escola devem ser pensados como espaços aptos a re-valorizar os aspectos fundamentais e elementares do jogo lúdico: a gratuidade, o lazer, o ócio, o respeito às regras, o sentimento de pertencimento a uma equipe e a um grupo, a valorização da vitória através do esforço pessoal e coletivo, tampouco importando se, a curto ou médio prazo, aparecerão futebolistas ou esportistas profissionais. E, caso apareçam, que sejam encaminhados aos locais próprios, mas não se pode mais “colocar lenha em uma fogueira” já tão forte e que se pode enxergar de tão longa distância. Trabalhar com a hipótese de que os mais afoitos e dedicados ao esporte podem vir a se tornar profissionais de educação física não parece ser um demérito e nem deve ser trabalhado como tal, ao contrário, ainda faz com que o aluno se identifique com o mestre. Nesse sentido, não é possível pensar escola e esportes separadamente, sobretudo quando na cidade do Rio de

Janeiro, mais de 50% das escolas municipais têm quadras esportivas, segundo dados do IPP⁴⁸, sendo que no Brasil a média é de 12% e na Região Sudeste de 26%, o que torna a cidade do Rio de Janeiro, uma polis democraticamente esportiva, como falaremos no próximo capítulo.

Pesquisadores que escreveram e publicaram teses nos últimos cinco anos sobre projetos sociais desenvolvidos na cidade do Rio de Janeiro apresentaram visões antagônicas em suas análises.

Ribeiro (2003) analisou a inserção de ex-atletas em projetos esportivos, sobretudo como gestores e empreendedores destes e considerou válida a participação da sociedade civil na implementação de projetos sociais ressaltando os valores positivos transmitidos pelos esportes. Vale lembrar que em pesquisa realizada em 2004/05 pelo NUPEVI⁴⁹, onde focalizamos o Projeto MEL (Movimento Esporte e Lazer) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e investigamos 30 núcleos esportivos, escolhidos de forma aleatória entre os mais de 300 espalhados por toda a cidade, também encontramos ex-jogadores profissionais como coordenadores ou instrutores de núcleos. Nesse caso eles não eram os empreendedores, mas faziam papel de professores. Tal universo pode representar um leque de atletas que não tiveram carreiras tão marcadas pela glória e pelos altos salários, ou podem ter alcançado tais recursos, contentaram-se com as oportunidades surgidas de um mercado de trabalho em expansão, seja como profissionais do esporte, seja como professores de projetos esportivos.

Cezar Marques (2003) também aponta o envolvimento de jogadores da seleção brasileira campeã da copa de 1994 que se dedicaram a projetos esportivos, mas, nesse caso, ele pesquisou o envolvimento desses jogadores, na gestão dos projetos, nos quais chegam mesmo a usar seus nomes na tentativa de conseguir recursos.

Eline Deccache Maia (1999) destaca a redução dos espaços onde eram praticados os esportes, sobretudo o futebol, os chamados campos de várzea que são gradativamente ocupados pela expansão das comunidades e das áreas urbanas construídas. Isso revela a importância de espaços públicos como Vilas Olímpicas, que

⁴⁸ Cf: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

⁴⁹ Zaluar, Alba, Monteiro, Rodrigo, Gonçalves, M.A.R., Ribeiro, Pereira, e L.F.A. Relatório do Projeto Germinal MEL.

mesmo operadas em horários limitados, passam a ser opção viável e bem conservada para a prática do esporte. Embora, seja necessário destacar que enquanto nas várzeas a prática do esporte se dava ou se dá sem um regulador, um orientador, um mestre, nas Vilas, essa prática só se dará se for intermediada por um professor que deve transmitir regras, instruções, fundamentos esportivos básicos, escolher os times e determinar as melhores formas de jogo. Um de nossos entrevistados para essa pesquisa, Aurélio, 50 anos, ex-treinador de equipes de base de um grande clube brasileiro e professor de projetos esportivos nos anos 1980, também registrou essa mudança e nos deu sua impressão sobre o tema:

“Nos tempos das várzeas, a gente jogava livremente, sem ninguém pra dizer o que tinha que fazer ou não. Agora a molecada já joga com alguém falando como tem que ser, o que tem que fazer.”

Por outro lado, Marcelo Paula de Melo (2005), investigou a Vila Olímpica da Maré encontrando ali parcerias entre o setor público e o privado, e na visão dele, esse modelo de gestão, seria parte do processo de redefinição da relação entre Estado e sociedade civil, o que o autor identifica com o projeto neoliberal de afastamento do Estado da economia e das políticas públicas. Poderíamos contrapor a essa argumentação, autores como Anthony Giddens, por exemplo, que entendem essa redefinição de papéis entre Estado e sociedade, não como neoliberalismo, mas como uma política da terceira via, onde a assunção de responsabilidades e a elaboração de políticas públicas não são mais pensadas só pelo Estado ou só pela sociedade civil (ou ainda pelo mercado), mas por ambos, num processo de democratização da definição e da implementação de políticas públicas. Melo também vê os projetos sociais como formas de controlar o tempo livre dos jovens e prepará-los para serem trabalhadores, educando e disciplinando corpos e mentes.

Com uma linha teórica parecida, Fernando Mascarenhas, em tese de doutoramento pela UNICAMP, entende que o atual modelo de projetos esportivos

gerenciados e planejados pelo Estado também fariam parte do ideário neoliberal, de redução do tamanho do estado e de suas atribuições na área dos direitos sociais.

“No terreno da política, o que se assiste é a desintegração dos direitos sociais. Talvez seja justamente neste âmbito que fique mais evidente o que se pode constatar como refuncionalização do lazer. Isto, pois frente ao recuo da participação estatal na implementação de políticas de lazer, algo que se vincula ao fim do Estado de Bem Estar Social e ao avanço do neoliberalismo, quando o *princípio do mérito* revela-se como pedra de toque de um novo modelo distributivo, essencialmente polarizador, o lazer passa a condição de *não-direito*. Ocorre que diante do excedente de força de trabalho disponível no mercado, o Estado não mais tem de se ocupar com seu financiamento. Se antes o lazer era garantido com uma espécie de salário indireto, liberando o salário propriamente dito para o consumo de bens duráveis, tal fenômeno vai paulatinamente sendo privatizado. Seus antigos atributos funcionais de *descanso*, *diversão* e *desenvolvimento*, sejam com viés *romântico*, *moralista*, *utilitarista* ou *compensatório*, perdem espaço e sucumbem à dominância do lazer como mercadoria, restringindo-se apenas ao lazer do tipo assistencial difundido pelas políticas focalistas como espécie de “ferramenta da paz” nas áreas de maior instabilidade sistêmica.”
(Mascarenhas, 2005)

De fato, as Vilas Olímpicas estudadas localizam-se em áreas onde parcela significativa da juventude está mais vulnerável à violência. Convém lembrar, entretanto, que o esporte está definido como um direito desde a Constituição de 1988 - conforme demonstramos no início desta tese - e o acesso às Vilas Olímpicas é universal, garantido e possibilitado a qualquer cidadão, como também já demonstramos aqui. Fora isso, inúmeras atividades de lazer estão espalhadas pela cidade do Rio de

Janeiro, sejam elas oferecidas pela Prefeitura, Governo do Estado, ONGs ou associações esportivas e comunitárias. Como veremos no capítulo seguinte, na cidade do Rio de Janeiro a prática esportiva se dá da forma mais democrática possível, ocupando ruas, praças e parques.

Em relação à visão do autor supracitado, poder-se-ia afirmar que a mesma se mostra cega e limitada para as múltiplas realidades, interações, práticas e dinâmicas sociais encontradas em uma Vila Olímpica, resultando em um “conjunto” que ajuda a reconstruir o capital social e a eficácia coletiva. Além disso, as Vilas Olímpicas têm recebido, em seus quadros,

professores da rede municipal. Funcionários que contam com todas as prerrogativas de servidores públicos, não sendo, portanto, enquadrados como funcionários em situação de precarização.

Pesquisadores e profissionais da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Thomassim & Stigger, 2007) encontraram nas concepções dos dois pesquisadores cariocas “um tradicional preconceito, que retira dos ‘pobres’ a condição de sujeito, a razão e, no limite, a própria humanidade” ao entenderem que tanto Ribeiro quanto Melo, embora tenham visões diferentes dos projetos esportivos, não perceberam que os jovens participantes dos projetos estudados, de alguma forma, faziam suas escolhas, e interagiam com as políticas dos projetos, como eles mostram na pesquisa que fizeram sobre um projeto esportivo em Porto Alegre.

Por fim, Maria Alice Rezende Gonçalves pesquisou a Vila Olímpica da Verde e Rosa (Gonçalves, 2003), título de sua tese de doutorado⁵⁰. Em sua perspectiva, a autora aponta para o esporte como parte do processo civilizador por promover a pacificação dos costumes, argumentos de Norbert Elias (Elias, 1994; Elias & Dunning, 1992) e que já exploramos acima; destaca a importância do associativismo nas comunidades, confirmando Alba Zaluar (1985), que o vê como forma de criar coletividades e de organizar os trabalhadores em suas vizinhanças, através de escolas de samba, associações esportivas, recreativas, entre outros. Gonçalves também

⁵⁰ Publicada pela FGV em 2003, como parte da coleção “Cultura, Violência e Poder”, organizada por Alba Zaluar.

enquadra os projetos sociais como parte do “Quarto Setor”, definição que também já foi apontada anteriormente nesse trabalho, e que pode ser resumida como o setor da dádiva que envolve estranhos, formando cadeias de solidariedade “cujo objetivo final seriam as demandas do público alvo”. Também entende que os projetos sociais na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo ligados às escolas de samba, seguem tendências internacionais, e não mais pensam em focar políticas sociais por demandas classistas, mas em segmentos focados e demarcados pelos bairros, etnias, gêneros, regiões e nacionalidades.

Em nossa perspectiva, tentamos entender que processos compõem os projetos sociais investigados, tendo como noção o conceito de juventude de Bourdieu (1983), que define, como já dissemos, a entrada na juventude como sendo o momento em que o indivíduo começa a fazer escolhas e não mais depender das escolhas até então feitas pelos seus pais e familiares, sem deixar de ter claro os processos de socialização, uma vez que essas escolhas não se dão por conta do nada, mas refletem interações sociais. Assim, poderemos ter noção do que os projetos sociais e as práticas esportivas representam para os jovens, passando a observar não só o que os projetos representam para os seus aplicadores, formuladores, gestores e demais profissionais envolvidos. Isso nos ajudará a visualizar novamente os aspectos lúdicos do esporte tantas vezes esquecidos por pesquisadores e estudiosos do tema. Será necessário ainda estar atento ao discurso do “jovem de projeto” (Novaes, 2003), criando mecanismos para investigar até que ponto o discurso do jovem não se apropriou da linguagem dos projetos e contaminou seu discurso.

Dessa forma, pensaremos para além da dualidade entre os projetos esportivos socializadores e profissionalizantes, rompendo com maniqueísmos. Assim, poderemos “clarear” o campo para encontrarmos o que pode haver de comum entre as duas concepções: o resgate ou não de valores essenciais e originários dos esportes e seu papel na formação cidadã desses jovens.

Antes de mergulharmos ainda mais no trabalho de campo, precisamos percorrer um pouco das características da cidade do Rio de Janeiro, observando a relação da cidade com o esporte e traçar um quadro da perspectiva sócio-econômica de suas regiões.

Capítulo 5

A cidade do Rio de Janeiro

O papel de projetos esportivos e a educação como fontes de possíveis ressocializações não devem ser encarados fora do contexto da cidade do Rio de Janeiro e, sobretudo, de seus subúrbios, foco do trabalho de campo apresentado no capítulo 8. De tal forma, tentarei discutir nessa sessão que processos passaram por essa cidade e por seus bairros suburbanos que viabilizaram ou possibilitaram que esses chegassem ao estágio em que se encontram no momento.

Entretanto, ainda que a prática esportiva seja amplamente democratizada pela proposta dos atuais projetos, existem problemas como a falta de espaços públicos mais especializados e com profissionais capacitados. Registramos anteriormente que, para alguns entrevistados, a bola tornou-se ferramenta de trabalho, deixando de ser brinquedo e que as práticas, quando coordenadas em projetos esportivos, são dirigidas e não mais espontâneas. Ainda assim é freqüente o recurso a práticas autônomas em campos de várzea, ou mesmo no asfalto de ruas suburbanas com traves marcadas com chinelos e pedras.

No meu entender, deve-se considerar um avanço e uma necessidade dos tempos atuais o direcionamento das práticas esportivas. Isso porque o ensino ministrado por profissionais de educação física e especialistas em esportes, como capoeira e karatê, por exemplo, é sinal de melhor qualidade das atividades, transmissão de técnicas específicas, além de acenarem para esses jovens com a possibilidade de profissionalização no esporte sem que tenham que se tornar atletas, esportistas, ou até mesmo 'pés-de-obra'. Porém, é preciso não desprezar, tampouco desencorajar a autonomia criativa para as práticas esportivas em crianças e adolescentes. Um bom exemplo é o caso dos peladeiros mais adultos que se espalham em campos de toda a cidade, estabelecendo suas próprias regras em campeonatos disputadíssimos.

A complexidade do empreendimento (ressocializar pelo esporte os jovens de áreas violentas) torna-se ainda mais clara quando esse contexto é o chamado subúrbio

carioca, delimitado pela Prefeitura da Cidade como Área de Planejamento 3, região marcadamente dominada por dois grandes complexos de favelas dominadas pelo tráfico⁵¹. Fazem parte dela os complexos da Maré e do Alemão, além de favelas menores como Parada de Lucas e Vigário Geral, conhecidas, entretanto, por suas histórias a partir do massacre de 1993, e que, mesmo vizinhas, encontram-se em guerra há mais de 20 anos. Acrescente-se a elas várias outras favelas, inclusive a favela de Acari, parte do quadro suburbano, e sem desconsiderar o fato de que, historicamente, essa é a área de planejamento com o maior número de favelas (Campos, 2005).

Mas não se pode tentar entender o esvaziamento econômico dessa região sem que antes percebamos que isso se dá em toda a cidade e é resultado de um processo que não é recente. Como estamos lidando com a cidade do Rio de Janeiro, cabe lembrar que durante metade do século XX (então Guanabara), ela foi capital federal e acompanhou a intensa vida política do país, além de ser um importante centro de comércio, de serviços e de indústrias. Não se pode ignorar, porém, que o estado do Rio de Janeiro começou a experimentar sua decadência no começo do XX ao ver o estado de São Paulo e de Minas Gerais como os principais produtores de café e leite, respectivamente.

O processo de enfraquecimento político da cidade do Rio de Janeiro tem seu início com a criação de Brasília, tirando da cidade, depois de 150 anos, seu status de capital federal em 1960, e transformando-a em estado da Guanabara. Em 1974, o estado da Guanabara seria unificado ao estado do Rio de Janeiro, por lei complementar assinada pelo então presidente Ernesto Geisel. Era o fim da cidade-estado, o que para muitos autores foi apenas a tentativa de esvaziar politicamente a cidade.

Anos mais tarde, observam-se o início da escalada de violência e a formação das primeiras quadrilhas de traficantes. O primeiro governo Leonel Brizola foi marcado, entre outros fatores, por práticas clientelistas de beneficiar presidentes de associações

⁵¹ Subdivida, a Área de Planejamento 3 fica assim: 3.1: Bonsucesso, Ramos, Mangueiras, Morro do Alemão, Penha, Jardim América, Vigário Geral, Parada de Lucas, Ilha do Governador e outros; 3.2: Lins de Vasconcelos, Méier, Engenho de Dentro, Inhaúma, Del Castilho, Engenho da Rainha, Jacaré, Favela do Jacaré, Higienópolis, entre outros; 3.3: Pavuna, Acari, Costa Barros, Irajá, Madureira, Cascadura, Anchieta, Mariópolis, Quintino Bocaiúva, Vicente de Carvalho, Guadalupe, Honório Gurgel, Osvaldo Cruz, Marechal Hermes, Colégio e outros.

de moradores ligados ao partido do governo e de cooptação de líderes comunitários (Alvito, 1998). Além disso, o alto grau de tolerância ao crescimento desordenado da cidade que permitiram a explosão do número de favelas na cidade que, como se não bastasse, passariam a ser divididas entre comandos de traficantes. Mais recentemente, milicianos fariam parte dessa configuração, também explorando economicamente as favelas com “gatos” de tevê a cabo e internet, oferta de transporte alternativo, além da cobrança por suposta “proteção” e segurança aos moradores dessas comunidades.

Os anos 1980 também assistem à continuação da decadência econômica da cidade. Bancos, multinacionais e toda a sorte de empresas deixam a cidade para abrirem sedes em São Paulo e outras cidades, ficando na cidade apenas indústrias tradicionais e de bens não duráveis (Urani et alli, 2006). Nessa enxurrada, nem a corrida de Fórmula 1 foi poupada, e 1989 é o último ano que o Autódromo de Jacarepaguá recebe o circo da principal corrida de automobilismo do mundo. O mesmo autor mostra que a mortalidade infantil por nascidos vivos, o percentual de analfabetos entre 10 e 14 anos e das pessoas com mais de 25 anos e o percentual de pobres caem na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Bem como registra queda na taxa de desemprego quando compara a década de 1980 com a de 1990.

Sob outro aspecto, os anos 1990 continuaram “castigando” impiedosamente a cidade. Sedes de importantes empresas estatais foram transferidas para o Distrito Federal, mas, ainda assim, a cidade do Rio de Janeiro continuou contando com elevado número de funcionários públicos federais, porém, massacrados sem reajuste salarial durante os anos 1990, em função de políticas de ajuste fiscal.

Todo esse quadro caminhou juntamente com o esvaziamento econômico da cidade, sentido com mais impacto nos bairros do subúrbio. Em larga medida, esse contexto viabilizou perda do poder aquisitivo, refletindo no comércio de bairros da região. Mais: as indústrias localizadas no subúrbio, abundantes em bairros como Bonsucesso, Madureira, Del Castilho, Penha e Inhaúma, se transferem ou encerram as atividades. No que pesem os problemas históricos aqui citados, uma certa inércia e desmobilização da sociedade civil carioca e dos governos de reagir e propor alternativas a todo um quadro que já se desenhava desde os anos 1950 teve custos altos, como se pode notar. Sem falar em representações parlamentares (Câmara dos

Deputados e Senado Federal) pouco unidas para o trato das questões do estado e da cidade.

A Área de Planejamento 3 (AP 3) em seu caráter peculiar, abrigou boa parte dos clubes de futebol outrora importantes no cenário estadual e municipal, como Madureira, Bonsucesso, Olaria e a Portuguesa da Ilha do Governador. Seja por fornecerem craques aos grandes clubes nacionais e internacionais, por fazerem parte de um momento histórico, mágico e encantado do futebol brasileiro ou ainda porque boa parte dos craques dos grandes clubes é oriunda desses bairros⁵². A história do subúrbio se confunde com a história do futebol nacional, mas vale notar que esses clubes locais entram em decadência junto com os seus próprios bairros. De tal forma, deixam de fazer parte da Primeira Divisão do campeonato estadual do Rio de Janeiro, dando lugar a clubes novos, nascidos na Baixada Fluminense, no interior do estado ou a clubes ligados a empresas privadas e até mesmo a Prefeituras municipais.

Sem alongar no assunto, não se vê uma transferência internacional de grande aporte financeiro, envolvendo um jogador formado nas categorias de base de um clube carioca há quase uma década, o que pode estar relacionado à má administração dos clubes cariocas e com a possibilidade de o jogador ser recrutado em seu próprio campo de pelada, escolinha ou projeto social, sem ter que passar pelos clubes, indo direto para os centros de treinamento ou para o exterior. Mas isso é tema para outra tese.

O subúrbio carioca também marcou a música brasileira e uma das expressões principais da identidade nacional: o samba. Escolas como Império Serrano, Portela, Tradição, Lins Imperial, Caprichosos de Pilares, Imperatriz Leopoldinense, União da Ilha do Governador ou grupos musicais como o Cacique de Ramos, e cantores deste gênero tais como Zeca Pagodinho, Luiz Carlos da Vila, Dorina, Nei Lopes, Dona Yvone Lara têm suas vidas ligadas ao subúrbio carioca, mas ao contrário do futebol suburbano, nem as escolas e nem os músicos entraram em decadência.

Observa-se, portanto, que o subúrbio carioca forneceu personagens marcantes para a vida nacional, tanto na música quanto no esporte, mas, por outro lado, é uma região que, desde os anos 1980, vem assistindo às suas grandes indústrias fecharem

⁵² Romário: Jacaré, Zico: Quintino, Ronaldo Fenômeno: Bento Ribeiro.

as portas ou deixarem essa parte da cidade, mudando para outros municípios da região metropolitana⁵³, ou mesmo, outros estados.

Circular de forma mais atenta pela Avenida Brasil, seus arredores e cercanias pode servir para verificar o esvaziamento econômico da região em questão: espaços onde antes eram ocupados por lojas, indústrias, supermercados, redes de *fast-food*, prédios comerciais, hoje estão abandonados, invadidos ou destruídos, clamando por amplas reformas urbanas e anunciando o fim de uma era.

Também é verdade que esses espaços, mesmo fora do eixo da Avenida Brasil, algumas vezes, são substituídos por *shoppings centers* (como é o caso do *Shopping Nova América*, em Del Castilho, e o do *Bangu Shopping* na zona oeste, que abrigavam antigas fábricas de tecidos). Só na AP 3 são seis⁵⁴ de grande e médio porte. Para se ter uma idéia da importância desse fato, ao se comparar a AP 3 com a AP 5, encontraremos apenas três *shopping centers*: em Campo Grande⁵⁵, Santa Cruz e um novo em Bangu.

Tal fato (a expansão dos *shoppings centers*) nos pareceria paradoxal e insolúvel se não refletíssemos sobre as transformações pelas quais as sociedades ocidentais têm atravessado nos últimos tempos: a fábrica, local onde se formava a grande identidade da sociedade industrial, qual seja, a do trabalho, não é mais o local formador das identidades na sociedade pós-industrial que ocorrerá nos “templos de consumo”: tal como os *shoppings centers*. Falaremos disso mais à frente.

É fato claro, evidente e cristalizado que as sociedades ocidentais passaram por essas transformações nas últimas décadas, de tal forma que esse fenômeno da desindustrialização não atingiu apenas a cidade do Rio de Janeiro, mas Londres, Nova Iorque, Paris, Chicago, São Paulo, entre outras. Entretanto, a incapacidade de adaptação a essas novas realidades e a incapacidade de invenção de alternativas por parte dos governos estadual e municipal tem deixado a cidade do Rio de Janeiro

⁵³ Cf. http://www2.rio.rj.gov.br/paginas/noticias_caderno_ed2-6.htm. Acesso em 14 de outubro de 2007.

⁵⁴ Nova América (Del Castilho, antiga fábrica da Nova América Têxtil), Norte Shopping (Abolição), Carioca Shopping (Vicente de Carvalho), Penha Shopping, Leopoldina Shopping e Ilha Plaza.

⁵⁵ Essa Área também é subdividida e lá se encontram os bairros da chamada Zona Oeste, tais como Campo Grande, Bangu, Realengo, Padre Miguel, Santa Cruz, Sepetiba e Magalhães Bastos, por exemplo.

exposta aos efeitos negativos de tal processo, tais como o desemprego, a desafiliação de sindicatos e partidos políticos, a desorganização social, a deterioração urbana.

No subúrbio é possível dizer, pela sua especificidade, que há uma configuração social marcada por um passado glorioso e efervescente culturalmente (mas que se faz presente), aliado a um contexto mais recente de esvaziamento econômico e de alta violência do tráfico de drogas que domina quase todas as suas favelas, ou seja, um contexto de incertezas e inseguranças em relação ao presente e ao futuro.

Refletir sobre quais as dimensões possíveis do esporte dentro da sua atual conjuntura inserida na economia global, mas que preserva, obviamente, seu papel socializador, e o seu uso para a prevenção à violência, requer aprofundar algumas indagações. Lembremos que, ao contrário do boliche que, como nos lembra Robert Putnam⁵⁶, tem sido cada vez mais jogado por um único indivíduo, o futebol não pode ser jogado sozinho. Isso quer dizer que o processo de individualização e perda de laços sociais, que conectam pessoas em redes e desenvolvem a confiança mútua, não atingiu no subúrbio carioca a dimensão que apresenta nos Estados Unidos.

É possível dizer que o futebol teve seus atributos pensados e reutilizados por uma série de outras medidas como a criação de Sindicatos, conjuntos habitacionais e clubes esportivos que foram implementadas por reformadores sociais na Era Vitoriana (1831-1902) para restabelecer a coesão social desfeita com a Revolução Industrial (Wisnick, 2008),

Seria hora de repensar e refazer o futebol e o esporte? Ou 'o problema' não estaria nele, mas em uma sociedade colonizada pelo mercado que cultua o dinheiro, a lógica de vencer a qualquer custo e todos os impactos dessas práticas?

O futebol, dissociado do capital social, da eficácia coletiva, da cultura cívica, da educação, de fato, não pode servir de base para re-socialização.

Convém observar, no entanto, que meu campo de investigação não se restringirá a práticas de futebol, mas também ao conjunto de práticas esportivas encontradas na observação participante junto a peladeiros, o projeto municipal MEL e as Vilas Olímpicas, e nem podemos dizer que essas últimas sejam locais onde se pratica

⁵⁶ Putnam, Robert. "Vamos jogar juntos". Rio Estudos Especial, 2003.

apenas o esporte. Interação social, reconstrução de redes, ampliação do capital social e cultural também são fatores presentes em tais espaços.

Os nossos subúrbios

Ao contrário dos subúrbios nas cidades da América do Norte, os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro não são compostos por moradores das classes altas, não apresentam padrões de prosperidade nos indicadores sociais, nem alta qualidade de vida, nem bons serviços públicos, nem boa infra-estrutura urbana e também não são famosos por bons índices de segurança pública.

Deve-se ressaltar que, na cidade do Rio de Janeiro, costumou-se chamar de subúrbio uma determinada área de povoamento antigo, e não apenas a área mais distante do 'centro'. Exemplo disso é a Barra da Tijuca, bairro de povoamento recente, mais distante do 'centro' da cidade do que os bairros ditos suburbanos, e que não recebe essa classificação, além de ter indicadores sociais e econômicos dos melhores na cidade. Pela sua conformação topográfica e formação histórica em torno da Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro o centro não é a parte central, mas uma extremidade, a mais próxima da Baía, de onde se expandiu a cidade, primeiramente em direção aos atuais subúrbios e, muitos anos depois, na direção da Barra da Tijuca e adjacências.

A forma como se constituem as metrópoles brasileiras, por si só, já é peculiar. Segundo Ferreira (2008) nossas metrópoles se expandem sem nenhum planejamento, organização do espaço público ou respeito às condições sócio-ambientais, sobretudo a partir da década de 1970, com boa parte da população abandonando as áreas rurais por conta da modernização da agricultura que dispensava mão-de-obra. Uma vez dispensável, o trabalhador rural, sem vínculo com a Previdência Social e com baixa ou precária formação escolar, vem para as cidades médias e as principais metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro e São Paulo.

Portanto, ao contrário de países como Estados Unidos e Canadá, grande parte

dos moradores dos subúrbios é das classes populares e classe média-baixa, contendo proporção significativa de miseráveis, ou seja, aqueles situados abaixo da linha de pobreza calculada no Brasil em meio salário mínimo *per capita* na renda familiar, além de indicadores de escolaridade, expectativa de vida, mortalidade infantil e mortalidade violenta dos mais preocupantes na cidade que tem uma das maiores rendas familiares *per capita*, escolaridade e expectativa de vida no país.

Apesar de ser uma das cidades com menor mortalidade infantil, o Rio de Janeiro continua sendo uma das que apresenta altíssima taxa de homicídio entre homens jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade.

Em comparação com as principais cidades americanas, segundo um levantamento feito⁵⁷, a cidade do Rio de Janeiro ficaria atrás apenas de Detroit quando o tema é taxa de homicídios dolosos. Enquanto no Rio de Janeiro a taxa em 2006 era de 40,2/100.000 habitantes, em Detroit, a taxa é de 47,3/100.000.

A desindustrialização nos subúrbios cariocas foi brutal, podendo ter afetado profundamente o associativismo vicinal, antes dominado pelos trabalhadores que fundaram e atuaram não só em sindicatos, mas também blocos de carnaval, escolas de samba e times de futebol não profissional, todos parte da vizinhança onde moravam. Entretanto, porque o carnaval e o futebol tornaram-se atividades empresariais da indústria do entretenimento, isto fez com que novas atividades industriais sazonais, por exemplo, da indústria têxtil que fabrica fantasias e adereços, mantivessem algum dinamismo econômico em tais locais, bem como seu respectivo comércio. Além de se tornarem, tanto o samba (e outros estilos musicais) quanto o esporte, alternativas de mobilidade social ascendente para parte da juventude pobre das favelas e subúrbios cariocas. Mas esse movimento não foi suficiente para conter a forte decadência econômica da região.

Além disso, a cidade do Rio de Janeiro tem grande histórico com o esporte, dado facilitado não só pelos aspectos geográficos que possibilitaram a prática e expansão dos esportes, como também pela tradicional sociabilidade dos munícipes, facilitando a interação de 'esportistas' de todas as áreas da cidade. Entretanto, deve-se registrar,

⁵⁷ Disponível em: http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/estatisticas/evol2007_p04.xls. Acessado em 02 de março de 2009.

como já disse, que os clubes de futebol só passaram a aceitar negros em suas equipes a partir dos anos 1930 em função de pressões do Vasco da Gama.

A esportividade demonstrada pelos suburbanos cariocas não está só na prática dos esportes, principalmente o futebol jogado cotidianamente em peladas, além dos clubes, mas também na formação de um público conhecedor e entusiasta que dá ar de espetáculo a competições com marcante presença nos mais variados eventos esportivos que vão desde corridas de aviões (o Red Bull Race) a maratonas e jogos de futebol.

Favelas: contradições?

A idéia de que estaríamos em um momento de retrocesso do processo civilizatório pode ser reforçada pelo fato de que grande parte dos dados das favelas parece apontar no sentido de que a qualidade material de vida tenha melhorado, muito embora a violência e a degradação social tenham aumentado e não fechamos os olhos para esses problemas. Um entrevistado para uma pesquisa realizada pelo NUPEVI que avaliava o associativismo em regiões marcadas pela violência, morador antigo de uma das favelas mais tradicionais da zona Norte do Rio de Janeiro, negro, com ensino fundamental completo, casado e atualmente morador do bairro de Ramos, sambista e comerciário aposentado, dá a sua versão sobre o fato da melhoria de vida nas favelas:

“Por causa da evolução, de tudo, evoluiu tudo. Porque um garoto hoje que mora em Mangueira que tem sete anos que não tá no colégio, o pai e a mãe dele é preocupado porque não tá no colégio. Qualquer garoto que tem cinco anos de lá da Mangueira ele tem que tá no colégio. Se ele não tiver no colégio tem que mandar prender o pai e a mãe dele.”

Além disso, o acesso à internet (aspecto que transformaria o morador da favela em cidadão do mundo!) através da legião de *lan-houses* espalhadas pelas favelas é registrado por outra entrevistada, presidente de uma associação de moradores de uma

favela carioca há quase dez anos, nordestina, dois casamentos, três filhos, se referiu dessa forma a *internet* e a como lida com o seu filho e as *lan houses*⁵⁸:

“Hoje eu trabalho, eu e o pai trabalhamos, então temos que ver (?). Sou pobre, mas dou a mesada e ele passa o dia todo nessas lan houses. Porque eu deixo ele na lan house? Pra ele aprender mais porque é preciso dominar esse computador, se não futuramente quem não saber mexer nisso é analfabeto (sic)”.

Dados dos Censos e PNADs do IBGE⁵⁹ (Cavaliere e Oliveira, 2006) reforçam essa argumentação, como, por exemplo, a comparação entre os anos 1960 e 2000, onde o percentual de domicílios em favelas com iluminação elétrica sai de 79% para 99%, ou quando aumenta de 16% em 1960 para 92% em 2000, o percentual de domicílios ligados à rede geral de água com canalização interna em favelas, também quando o índice de analfabetismo cai de 36% em 1960 para 13% em 2000, e ao observarmos que a população com mais de oito anos de estudo nas favelas sai de 1% em 1960 para 14% em 2000.

Já dissemos, anteriormente, que o acesso à educação formal se ampliou e foi garantido no Brasil, ainda que a qualidade do ensino tenha se alterado pouco, ou seja, continuando de baixa qualidade, como mostram os dados e os pesquisadores do tema, mas estes mesmos reconhecem que o drama da juventude se inicia aos quatorze anos de idade, quando começa a pressão da família pelo emprego, por profissionalização e para que a criança comece a levar recursos financeiros para casa, como afirmam Maurício Cossio e Simon Schwartzman:

“A partir dos 14 anos, no entanto, a situação começa a mudar rapidamente, com os estudantes abandonando a escola e

⁵⁸ Com isso, queremos mostrar duas coisas: 1 – o acesso a Internet tem avançado, o que não significa que os moradores das favelas (em sua ampla maioria) tenham condições de lidar com a linguagem “internética”; 2 – que é senso comum o fato de que “mexer” em computador e usar a Internet é salutar para a vida profissional e pedagógica do jovem.

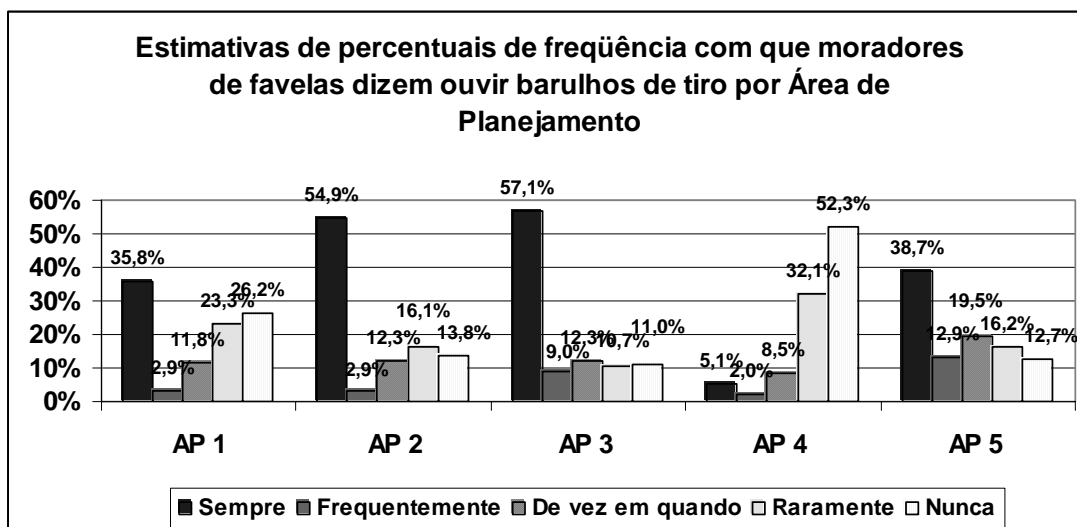
⁵⁹ http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1762_restudos%20234%20pesquisa%20aponta%20melhorias%20nas%20favelas%20do%20rio.PDF

procurando trabalho. Aos 15 anos, 90% dos jovens ainda estudam, mas 24% dos mesmos já trabalham, ou buscam trabalho. Aos 18 anos, o número dos que ainda estudam cai para pouco mais de 50%, e dos que estudam e trabalham ou buscam emprego sobra para 30%. Aos 20 anos, só 10% dos jovens estudam sem trabalhar, e outros 20% estudam e trabalham ou buscam trabalho. Nesta idade, 43.5% dos jovens trabalham, 9% estão desempregados, buscando trabalho, e 13.6% estão inativos.⁶⁰ (Cossio & Schwartzman, 2007)

Por outro lado, os dados sobre aumento da violência, nessas comunidades e em bairros do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, compõem o outro lado da questão, já apontada por pesquisadores da violência urbana quando afirmam que melhorar a infraestrutura e apenas garantir o acesso à educação terá pouco resultado nas políticas públicas de combate à violência se essas transformações materiais não vierem acompanhadas de outras mudanças: as de consciência e de formação do cidadão, o fortalecimento da cultura cívica e a recomposição do tecido social (Zaluar, 2008). Neste sentido a Pesquisa de Vitimização da cidade do Rio de Janeiro realizada pelo NUPEVI em 2007, pode nos ajudar a compor esse gráfico (2):

Gráfico 02

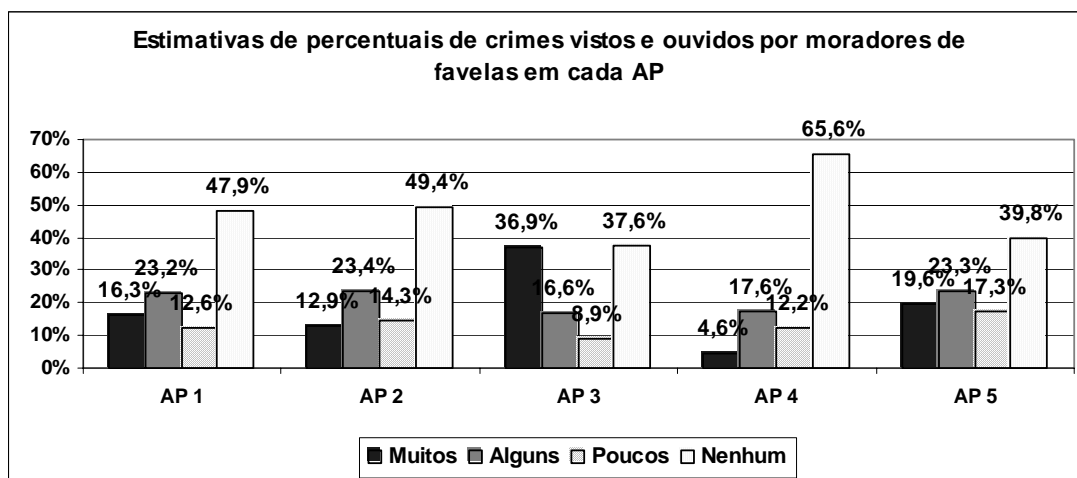
⁶⁰ Cf: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2007juventude.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2007.



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Nas favelas da AP 3 está a maior porcentagem de moradores que dizem ver e ouvir mais crimes, variável composta das seguintes questões: “viu pessoas armadas brigando, ouviu pessoas armadas brigando, viu mulheres agredidas pelos maridos/companheiros, ouviu mulheres agredidas pelos maridos/companheiros, viu pessoas assaltadas nas ruas da vizinhança, ouviu pessoas assaltadas na vizinhança, crianças ou Adolescentes agredidas ou vítimas de violência, ouviu crianças ou adolescentes agredidas ou vítimas de violência, viu pessoas levadas à força, ouviu pessoas levadas à força, viu pessoas sendo mortas por armas de fogo, ouviu pessoas sendo mortas por armas de fogo, viu policiais extorquindo, ouviu policiais extorquindo, viu policiais atirando sem provocação, ouviu policiais atirando sem provocação”. A maior percepção desses atos criminosos e incivilizados pode ter relação direta com a guerra propiciada entre as quadrilhas de traficantes, e entre essas e policiais, uma vez que nessa AP, como já disse, estão as maiores e mais volumosas favelas da cidade.

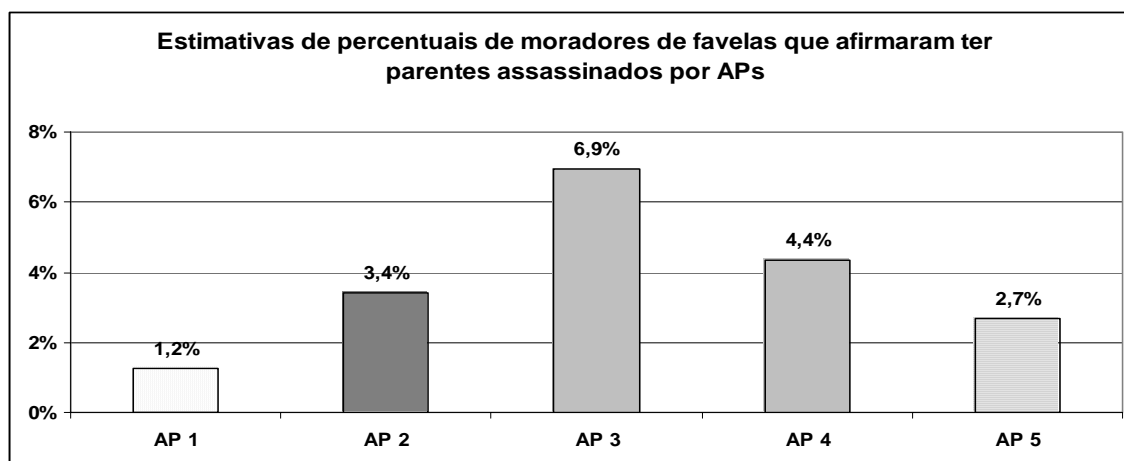
Gráfico 03



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Também é nas favelas da AP 3 onde está a maior parte de moradores entrevistados que afirmaram ter perdido parentes assassinados nos últimos 12 meses.

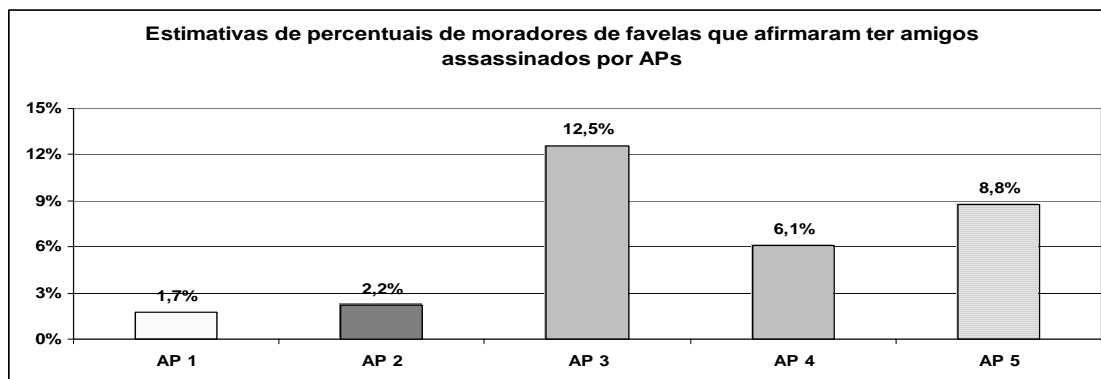
Gráfico 04



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Não diferentes são os dados sobre perda de amigos assassinados nos últimos 12 meses.

Gráfico 05

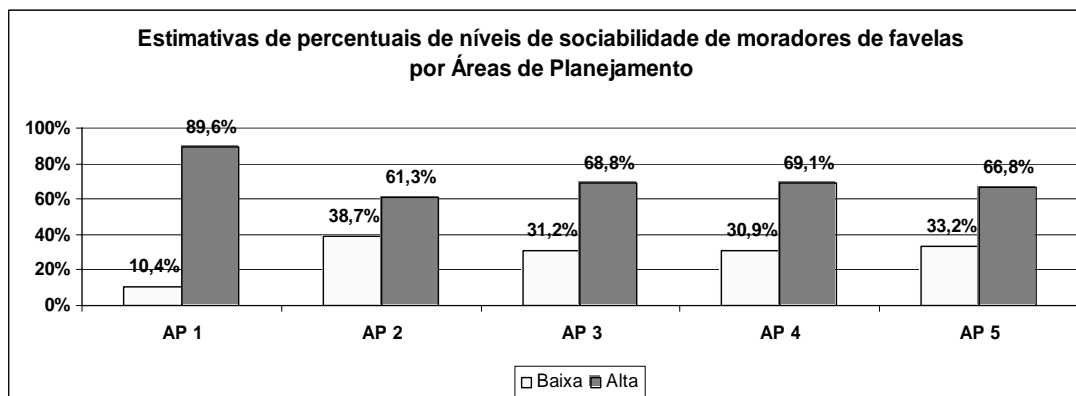


Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Como também não nos surpreende o elevado número de moradores de favelas que perderam vizinhos: 9,4%, enquanto na AP 5, o percentual é de 6,5% e na AP 1, é de 2,6%.

Mas por outro lado, como vemos no gráfico abaixo, não são essas favelas, as da AP 3, os locais da cidade com os piores percentuais de sociabilidade e relacionamento entre os vizinhos, perdendo apenas para a AP 1, outra área de povoamento antigo (a mais antiga de fato), indicadores sócio-econômicos indicando pobreza. Seus percentuais são estatisticamente semelhantes aos das favelas da AP 4 e 5, que também exibe padrões mais altos de relacionamento entre os vizinhos. Ou seja, mesmo que os entrevistados reconheçam a AP 3 como violenta, mesmo que registrem perdas e danos provocados pela criminalidade das mais altas da cidade, não deixam de se falar, de interagir e de se relacionar com os vizinhos.

Gráfico 06



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

A cidade do Rio de Janeiro enfrenta esvaziamento político e econômico sem precedentes durante seis décadas seguidas e vê-se de frente com uma das mais altas e desafiadoras crises estruturais relativas à violência urbana. Essa crise afeta, como mostramos nesse capítulo e em anteriores, a saúde pública, a economia, a qualidade de vida e a sociabilidade.

No que pese o fato de sucessivos e desastrosos governos, por outro lado, a própria sociedade civil pode ser apontada como responsável também por ter agido com certa timidez frente a tantos descontentos governamentais. Essa inércia e muito desalento tomaram conta da sociedade civil carioca. No entanto, isso não consegue destruir totalmente a sociabilidade vicinal e a confiança mútua entre vizinhos, que se encontra diminuída, porém ainda destaca o subúrbio na cidade do Rio de Janeiro.

A partir do panorama traçado, cabe agora tentar entender como a conjuntura da violência e a decadência econômica podem interferir na sociabilidade masculina, sobretudo em locais públicos de esporte e lazer, espaços privilegiados para a percepção da possibilidade de ressocialização através do esporte e de suas práticas capazes de recompor o tecido social, a cultura cívica e a eficácia coletiva.

Como dissemos em capítulos anteriores, o potencial da cidade para a indústria do entretenimento, sobretudo para o futebol e o samba, devem servir de rumo para incentivar ações com potencial empreendedor nesses setores. Não custa lembrar que a cidade conta hoje com equipamentos esportivos qualificados e capacitados para competições internacionais que podem ser usadas para formar nossos melhores

atletas, descobertos (por que não?) em Vilas Olímpicas e em outros projetos sociais. Além desses equipamentos, o Rio de Janeiro possui mais de 50% das escolas da rede pública municipal com quadras esportivas, como dissemos no capítulo anterior. Alterar o rumo desta nau é função que cabe à sociedade civil, governos e iniciativa privada.

Capítulo 6

Masculinidade, juventude e vizinhança no Rio de Janeiro.

Nesse capítulo pretendo analisar alguns dados das duas pesquisas de vitimização realizadas pelo Nupevi, visto que os referentes à agressão física podem nos fornecer pistas e comprovações do que busco entender na dinâmica social dos subúrbios cariocas.

A primeira das pesquisas de vitimização foi realizada em 2005/2006 e teve 3435 entrevistados de ambos os sexos com mais de 15 anos em toda a cidade, e foi aleatória nas três fases: na escolha dos setores censitários, na escolha dos domicílios e na escolha dos entrevistados. A pesquisa seguinte, realizada em 2007, com 660 questionários preenchidos, destinou-se apenas a moradores de favelas, como o mesmo instrumento, mesmo desenho de amostra e os mesmos padrões de idade mínima para entrevistados. Isso nos permite comparar dados da cidade como um todo e da realidade vivida apenas por moradores de favelas, lançando luz sobre suas especificidades.

O foco da presente análise vai se deter sobre os dados de agressão física entre homens, relacionados com informações obtidas sobre as vizinhanças, tais como a existência e avaliação das áreas e equipamentos de esporte e lazer, a interação entre vizinhos, assim como variáveis sintéticas de deterioração urbana e infraestrutura urbana. Isso pode nos ajudar a traçar um panorama da vizinhança, dos homens jovens e da forma como eles se relacionam e lidam com os espaços públicos de esporte e lazer. Os dados sobre agressão física mostram que esse tema é de alta complexidade e tentaremos aqui apenas explorar alguns de seus aspectos.

Nesse capítulo, vamos focalizar os contextos sociais em que moradores do “asfalto”, ou da cidade regular, e das favelas, ou da cidade irregular, estão inseridos para entender uma forma de violência: a agressão física. Para isso, analiso como os agredidos fisicamente se relacionam com os locais de esporte e lazer e ainda quais são suas interações com os demais moradores. Tais análises podem nos ajudar a entender como, nesses locais tem sido realizada a prática esportiva que, aqui, em geral, se dá sem a presença de instrutores ou professores, ao contrário das Vilas Olímpicas.

Primeiramente, traço um perfil das vítimas de agressão física de ambos os sexos, nas duas pesquisas realizadas, procurando pelos diferentes padrões da agressão. Isso pode ser caracterizado pelos diferentes horários e locais em que ocorreram, além das diversas faixas de renda familiar dos agredidos, pelas diferenças de idade e de cor dos agressores.

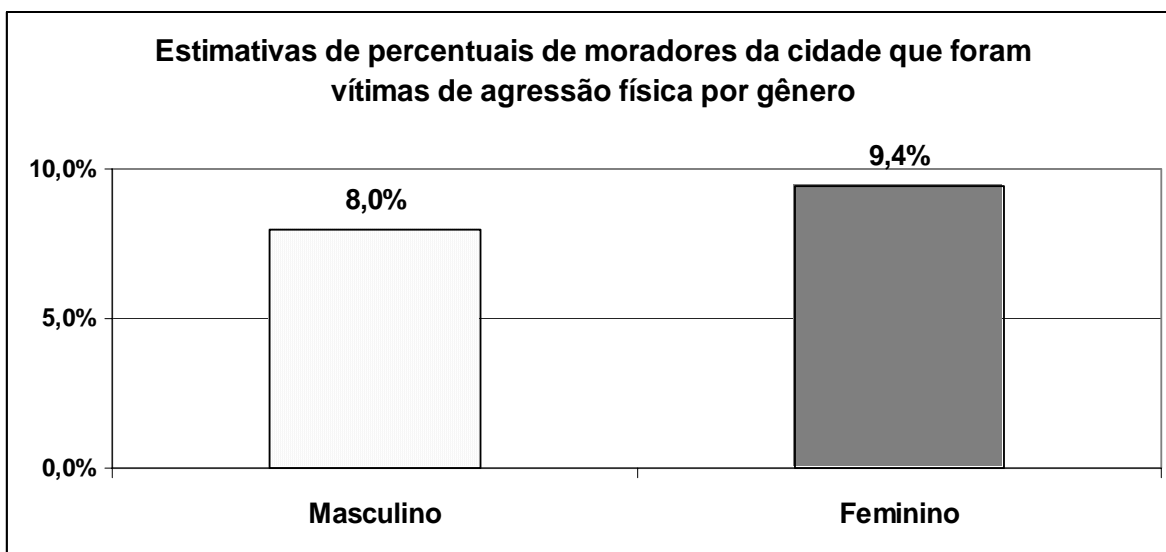
Concentro nosso interesse nas agressões sofridas pelos homens nos seus bairros de moradia (suas próprias residências, as residências de vizinhos, as ruas ou praças do bairro onde vivem). Essas informações foram cruzadas com outras a respeito de como os entrevistados fazem a avaliação dos relacionamentos entre vizinhos, de suas percepções e sua avaliação sobre as condições de infraestrutura e deterioração urbana dos seus bairros, bem como os locais de esporte e lazer neles existentes.

Essa análise das agressões físicas foi feita pelas Áreas de Planejamento, a forma pela qual a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro divide a cidade para fins de organização administrativa e planejamento urbano.

O que me chamou a atenção aqui foram as avaliações positivas que os homens agredidos fizeram dos espaços públicos de esporte e lazer em seus bairros e vizinhanças na pesquisa da cidade. Uma vez que as agressões masculinas ocorrem, em larga medida, nos locais públicos dos seus próprios bairros (como pretendemos demonstrar nesse capítulo), seria possível supor que os equipamentos públicos de esporte e lazer estariam sendo palco ou arenas privilegiadas destes embates. Tal possibilidade nos obriga a (re)pensar o esporte e a forma como tem sido praticado?

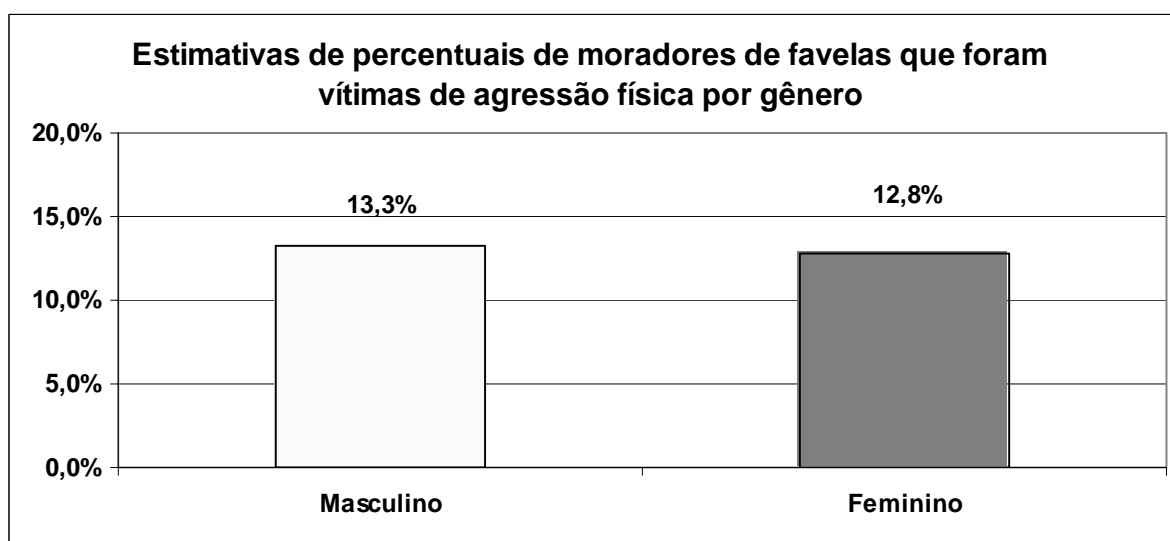
Inicialmente, mostramos os percentuais de agressão apresentados pelas diferentes categorias sexuais para constatar que na pesquisa da cidade, as mulheres são mais agredidas que os homens na vida toda, como mostramos no gráfico 7, com 1,4 ponto percentual de diferença, ao contrário do que acontece em outros crimes sobre os quais temos informações, quais sejam, furtos, roubos, perda de amigos e vizinhos assassinados, nos quais os homens são as vítimas mais comuns. No entanto, no caso das favelas, a relação se inverte, e os homens sofrem mais agressões, com a diferença de 0,5 ponto percentual, como se vê no gráfico 8.

Gráfico 7



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 8



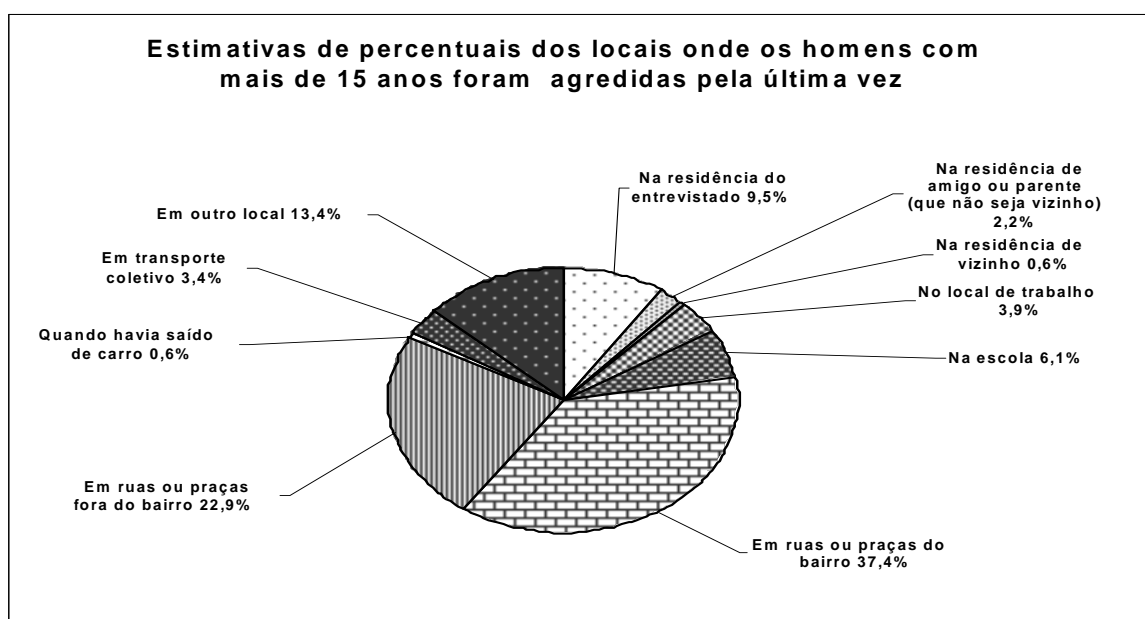
Fonte: Pesquisa de Vitimização em Favelas 2007

Os dados acima mostram que ao longo de toda a vida, os moradores de favelas sofrem mais agressões que os moradores de toda a cidade. 5,3 pontos percentuais a mais para homens e 3,4 pontos percentuais a mais para mulheres moradoras de favelas. Não restam dúvidas de que o conturbado dia a dia das comunidades, marcado

pela atuação violenta de quadrilhas de traficantes ou milicianos, altera a sociabilidade e deixa, nos moradores dessas comunidades, marcas profundas produzidas por essa guerra. A seguir, desdobraremos algumas dessas diferenças.

O gráfico 9 mostra, na pesquisa da cidade, os locais onde os homens dizem ter sofrido as agressões físicas. Nele observa-se que grande parte das agressões foi cometida em ruas e praças dos seus bairros ou em ruas e praças de outros bairros da cidade, ou seja, fora de ambientes domésticos: 37,4% e 22,9%, respectivamente. A opção “outros locais” é escolhida por mais de 20% dos entrevistados, a soma desses três itens chega a quase 70%. Isso quer dizer que, ao contrário do que ocorre com as mulheres que sofrem agressões em locais privados, os homens sofrem ou trocam agressões em locais públicos.

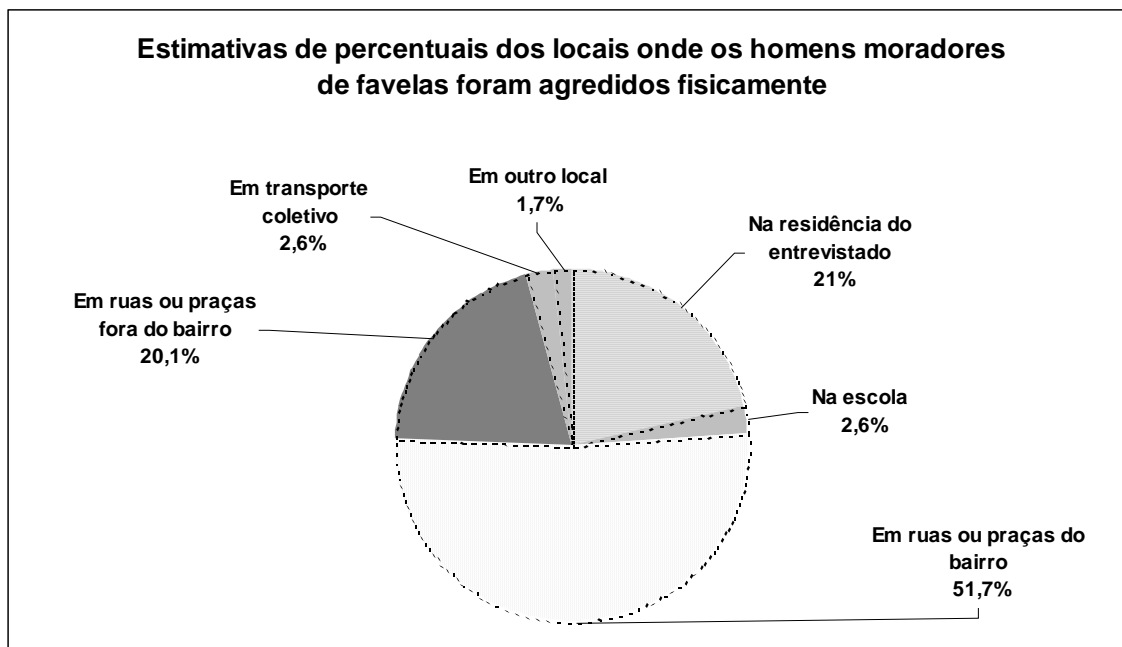
Gráfico 9



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2005

O gráfico 10 mostra, na pesquisa das favelas, que os homens são mais agredidos em ruas e em praças dos seus bairros (51,7%) e que 20,1% são agredidos em ruas ou praças fora de seus bairros, ou seja, mais de 70% em ambientes públicos. Enquanto 21% sofrem as agressões físicas dentro de suas próprias casas, ou seja, em ambiente doméstico.

Gráfico 10



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Os homens moradores de favelas são quase tão agredidos nas ruas e praças de seus bairros quanto os homens moradores de toda a cidade. Mas a baixa renda dos moradores de favelas, certamente, limita a sua circulação fazendo com que essas agressões se dêem em áreas próximas aos seus locais de moradia, ou em favelas vizinhas, ou em favelas comandadas por grupos de traficantes rivais dos traficantes que dominam os locais onde moram.

Além disso, a percepção desses homens sobre bairros vizinhos pode significar espaços diferentes dos que compõem o imaginário dos moradores da cidade. Ainda assim, o percentual de homens agredidos em suas residências dentro das favelas é quase 12 pontos percentuais maior que o dos homens da cidade toda. O que evidencia menor circulação dos homens favelados, bem como um contexto social mais violento, pois tem penetrado até mesmo no interior de suas casas. Embora haja diferença entre homens moradores da cidade e da favela, essas não implicam em mudança no perfil de agressões entre os homens, mas em pequenas e sutis diferenças.

As duas pesquisas revelaram que a maioria das mulheres sofre agressões dentro de suas residências: 50,7% das moradoras da cidade e 63,6% das moradoras das favelas, ou seja, 13 pontos percentuais a mais no caso das mulheres faveladas. Só havendo alteração no segundo local onde mais ocorrem agressões: enquanto para as moradoras da cidade o segundo local está em ruas ou praças dos bairros, para as moradoras de favelas, o segundo local onde mais ocorrem agressões são as ruas e praças fora dos bairros.

Os horários em que ocorrem essas agressões também divergem se o agredido é um homem ou uma mulher. Perfil doméstico para as mulheres, público para os homens (Zaluar, 2007).

O pico das agressões aos homens moradores da cidade se dá nos fins de semana e feriados e nos períodos da noite e da tarde, seguido do dia de semana à tarde, com 35,9%, 18,3% e 17,5%, respectivamente. Assim podemos concluir que a maioria dessas agressões não ocorre nos horários de trabalho, mas sim nos dias reservados ao lazer e, portanto, também durante possíveis práticas esportivas, que podem ser sempre seguidas de outras atividades, tais como beber cerveja em bar, ouvir e cantar músicas (do gênero de pagode, *funk*, charme), ou comparecer a churrasco de rua ou em casa de amigos. Como o pico não está nem na manhã nem na tarde, mas sim à noite, quando levantam copos e conversam, encontram com pessoas do sexo oposto e dançam ou mesmo exercem alguma prática esportiva, tudo leva a crer que são as atividades noturnas as que mais propiciam a agressão.

Nesse caso, não se pode afirmar que a prática de esporte em locais públicos estaria aumentando a possibilidade de agressões entre eles, mas o fato de propiciarem encontros entre os homens nos locais onde se praticam esportes, locais que são tidos como espaços de afirmação da masculinidade violenta (Cecchetto, 2004).

O horário das agressões dos homens moradores de favelas não segue os mesmos padrões dos moradores da cidade. Há dois picos: dias de semana e fins de semana, mas sempre à noite. Da mesma maneira que homens moradores da cidade, as agressões sofridas pelos homens moradores das favelas não se dão em horários de trabalho, mas em momentos de lazer ou de reencontro com o lar. Boa parte dessas

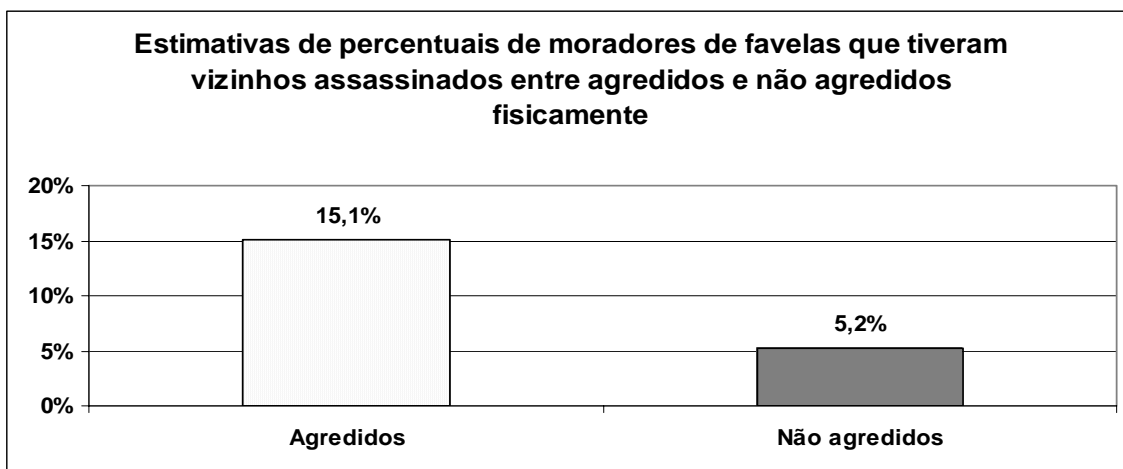
agressões devem estar associadas a freqüência desses moradores a bailes *funk*, charme e etc.

Já as agressões físicas sofridas pelas mulheres se concentram nos dias de semana, durante as tardes e as noites. Ao combinarmos esses dados com os do sobre o local das agressões das mulheres moradoras da cidade, podemos confirmar o fato de que a grande maioria das agressões é doméstica e que pode se dar no momento em que os maridos, cônjuges, amigos e namorados estão em casa. Ainda assim, há uma elevação da agressão no fim de semana à noite, quando a ingestão de bebida alcoólica e de drogas ilegais, associadas à violência contra as mulheres, é bem maior, fato que caracteriza a hipermasculinidade, ou seja, a exacerbação de valores e práticas masculinas associadas ao poder e controle pelos “machos” (Zaluar, 2004; Holand & Scourfield, 2000).

Por isso mesmo, é interessante mostrar que os moradores de favelas agredidos fisicamente estão muito mais vulneráveis e muito mais expostos à violência do que os que não são agredidos. No gráfico 11, quando restringimos os percentuais aos homens agredidos, a proporção dos que perderam vizinhos é de 23,6% enquanto para as mulheres é de apenas 7,0%.

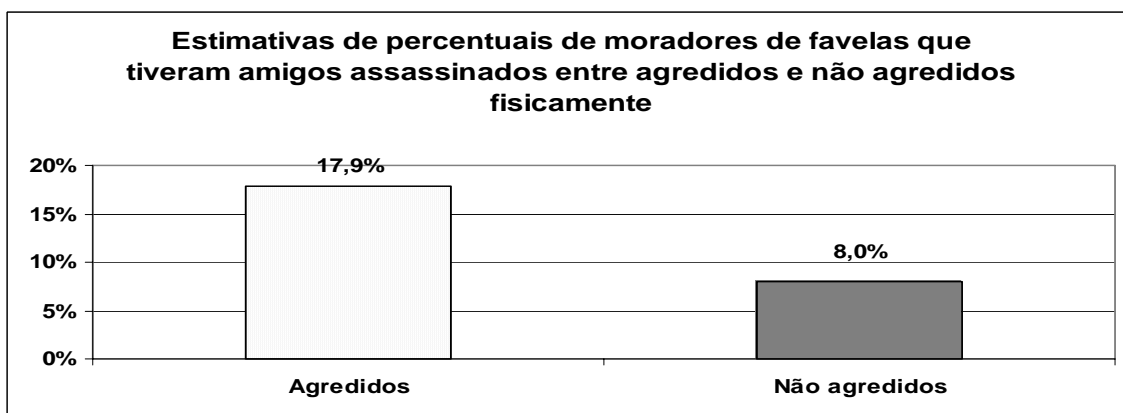
A pesquisa de favelas mostrou que os entrevistados agredidos fisicamente perderam mais vizinhos e amigos assassinados do que os não agredidos. Quando separamos entre homens e mulheres agredidos, são os homens que perderam mais amigos e vizinhos. No caso de amigos assassinados, 21,4% disseram ter perdido algum, enquanto para as mulheres agredidas, o percentual foi de 14,6%. Para vizinhos assassinados, 23,6% dos homens agredidos registraram ter perdido um ou mais, e 7,0% das mulheres disseram ter perdido um ou mais vizinhos.

Gráfico 11



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Gráfico 12



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Evidentemente, não estamos falando apenas da agressão descontrolada e desmedida, exercida pelas quadrilhas de traficantes, ou mesmo das oriundas de galeras de jovens, mas de agressões feitas em espaços onde se exerce algum tipo de controle e coerção individual, como as agressões sofridas nas residências (no caso majoritário das mulheres agredidas) e nas ruas e nas praças (caso majoritário dos homens agredidos).

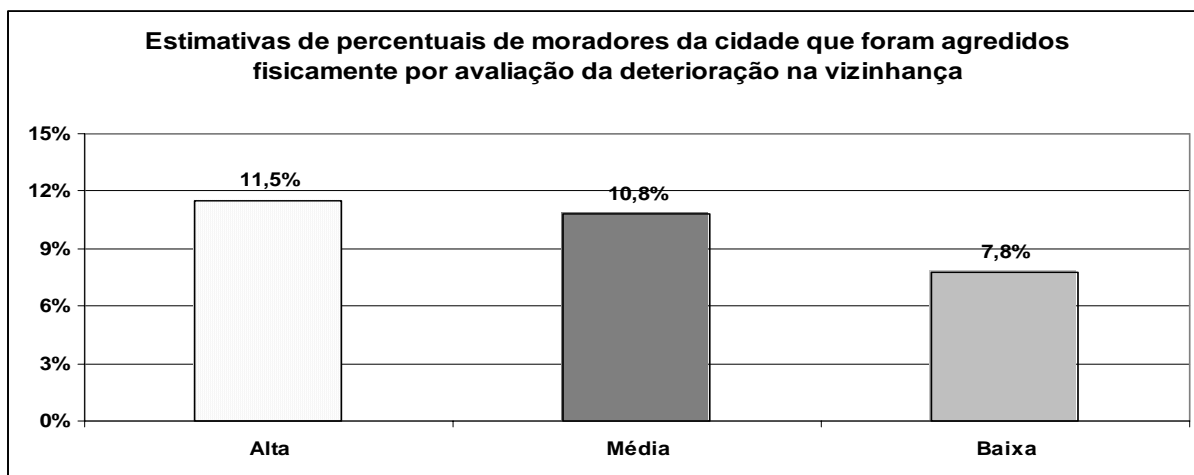
A pesquisa da cidade mostrou que, quanto à renda familiar de homens e mulheres agredidos fisicamente, há distribuição irregular no percentual dos agredidos. Começa alto nas faixas de renda mais baixa (13,3% para homens e 10,1% para mulheres), cai nas camadas intermediárias (6,8% e 4,5%, respectivamente) e volta a crescer nas faixas de renda mais altas (11,0% e 8,0%, respectivamente). Isso, certamente, tem relação com o estilo de lazeres adotados nas faixas de renda extremos e com *habitus* internalizados pelos homens na sua socialização em modos mais próximos do etos guerreiro (Elias, 1993 e 1997).

Para os moradores de favelas, os resultados da pesquisa mostraram padrões diferentes para homens e mulheres: enquanto para homens, o percentual de agredidos diminui conforme aumenta a renda familiar (18,7% até 02 Salários Mínimos; 9,5% entre dois e quatro Salários Mínimos; 6,1% acima de quatro Salários Mínimos), no caso das mulheres, o percentual de agredidas cai na faixa das que têm renda familiar entre dois e quatro salários mínimos (8,8%), e volta a crescer para mulheres com renda familiar maior que quatro mínimos (12,4%), mas ainda assim permanece inferior ao percentual das mulheres com a menor faixa de renda familiar (14,7%).

Mas, quais relações podemos encontrar entre os entrevistados agredidos fisicamente, seus vizinhos, seus amigos e como os entrevistados avaliam a qualidade dos equipamentos urbanos existentes nas praças e áreas para esporte em suas vizinhanças?

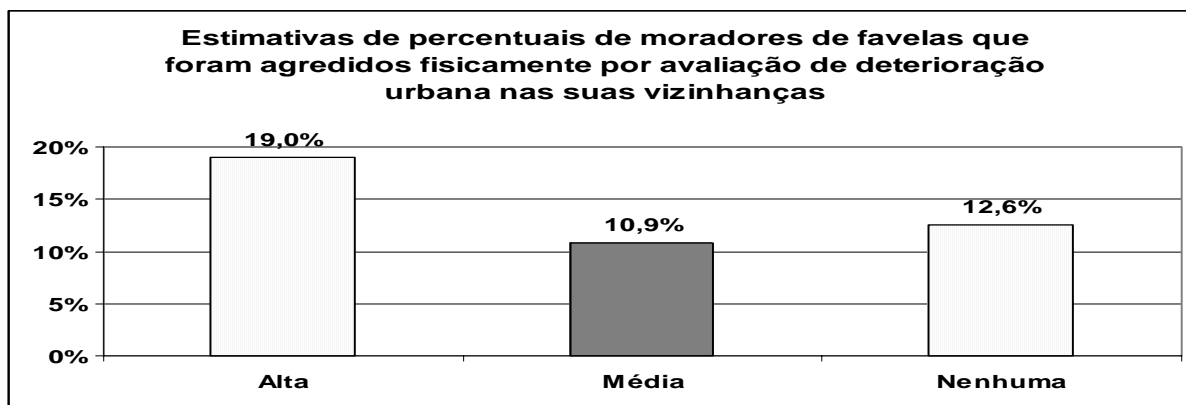
Os dados das duas pesquisas permitiram que fosse criada uma variável sintética que avalia a deterioração urbana da vizinhança (variável composta das seguintes perguntas: presença de terrenos baldios, prédios e carros abandonados na vizinhança dos entrevistados). Observa-se que quanto maior a deterioração urbana da vizinhança, maior o percentual de agredidos fisicamente em algum momento da vida. Mas os dados da pesquisa realizada em toda a cidade sobre deterioração urbana revelam o que pode ser uma aparente contradição quando comparados à avaliação dos locais públicos de esporte e lazer, como veremos adiante.

Gráfico 13



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 14



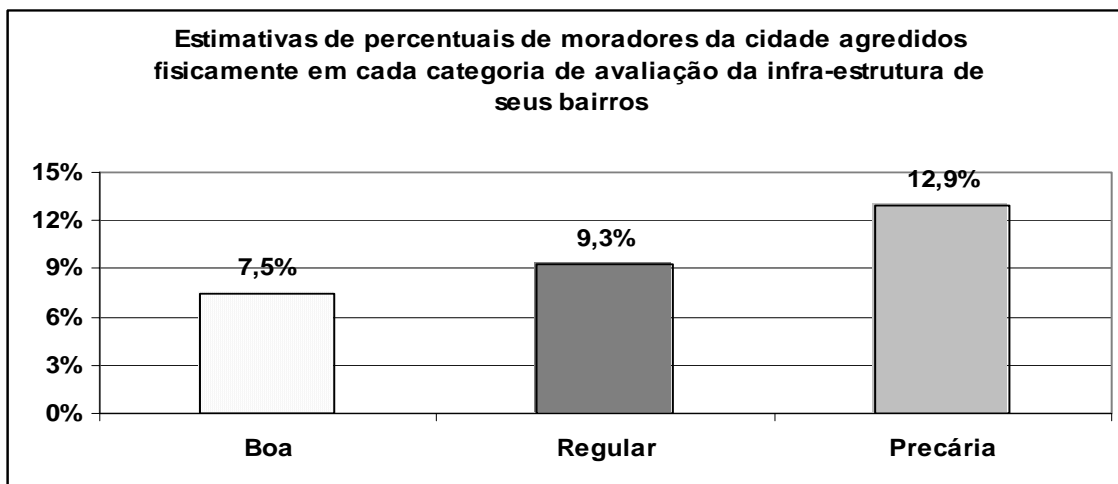
Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Outro dado de importância para esse estudo é o que verifica os percentuais de agredidos por avaliação da infraestrutura das suas vizinhanças. Aqui também, as áreas com as piores avaliações sobre infraestrutura encontram os maiores percentuais de agredidos fisicamente.

Esses gráficos permitem concluir que a deterioração urbana, assim como a precariedade da infra estrutura (condições da pavimentação, calçadas, iluminação

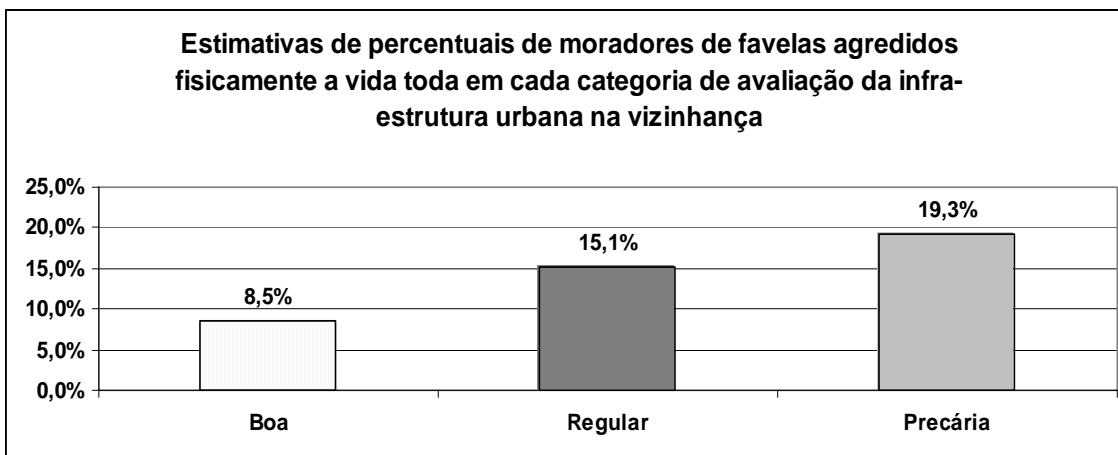
pública), estão positivamente correlacionados com a agressão física entre homens, na vizinhança assim avaliada.

Gráfico 15



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 16



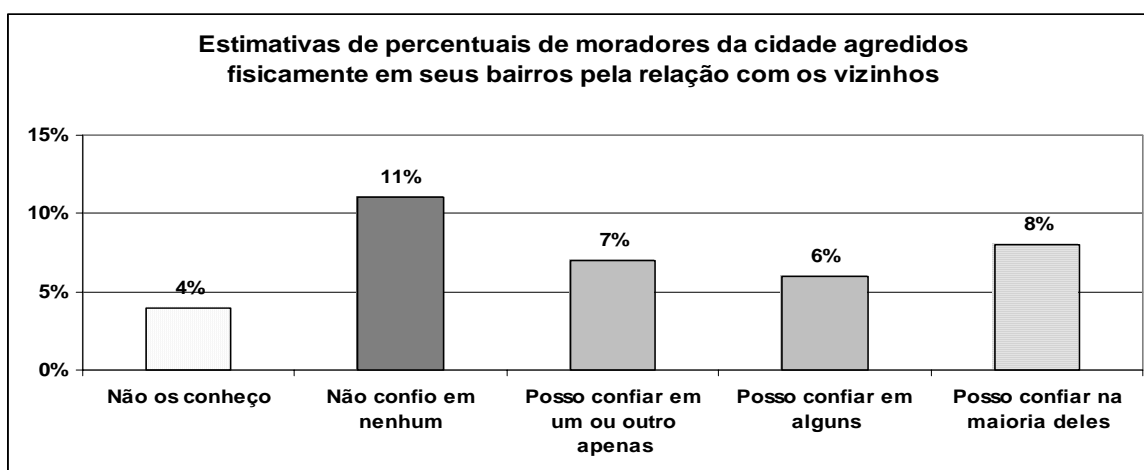
Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

A relação entre vizinhos revela outro aspecto curioso sobre o perfil dos agredidos. Os que mais desconfiam de seus vizinhos são os mais agredidos e, logo em seguida, vêm aqueles em cuja maioria se pode confiar. Os menos agredidos são os que

afirmam desconhecer seus vizinhos, portanto, não se relacionam. A desconfiança dos vizinhos, assinalada nessas respostas pode ser, portanto, um indicador de hostilidade para com eles, o que torna a agressão mais possível.

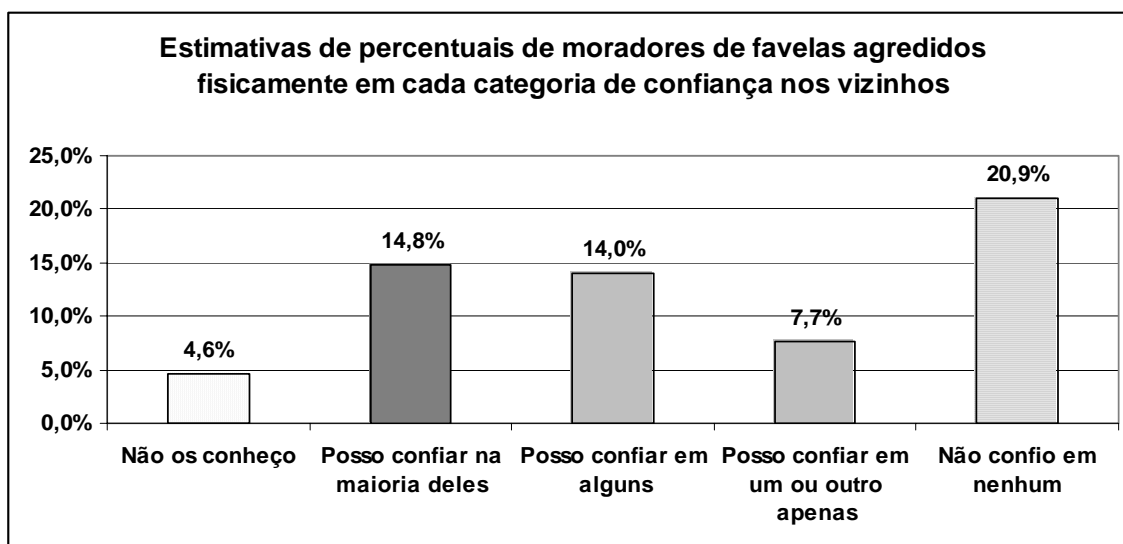
Uma vez que as práticas esportivas estão diretamente conectadas à sociabilidade, esse dado é de fundamental importância para nossos interesses nessa investigação. De alguma forma, podemos afirmar que a maior interação entre vizinhos é fator de exposição aos riscos e às agressões, uma vez que a formação de grupos juvenis que se rivalizam dentro de bairros, talvez conectadas ao fenômeno das chamadas galeras, quadrilhas de traficantes e assaltantes, milícias, torcidas organizadas ou grupos similares, pode estar associada ao fenômeno das agressões físicas.

Gráfico 17



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

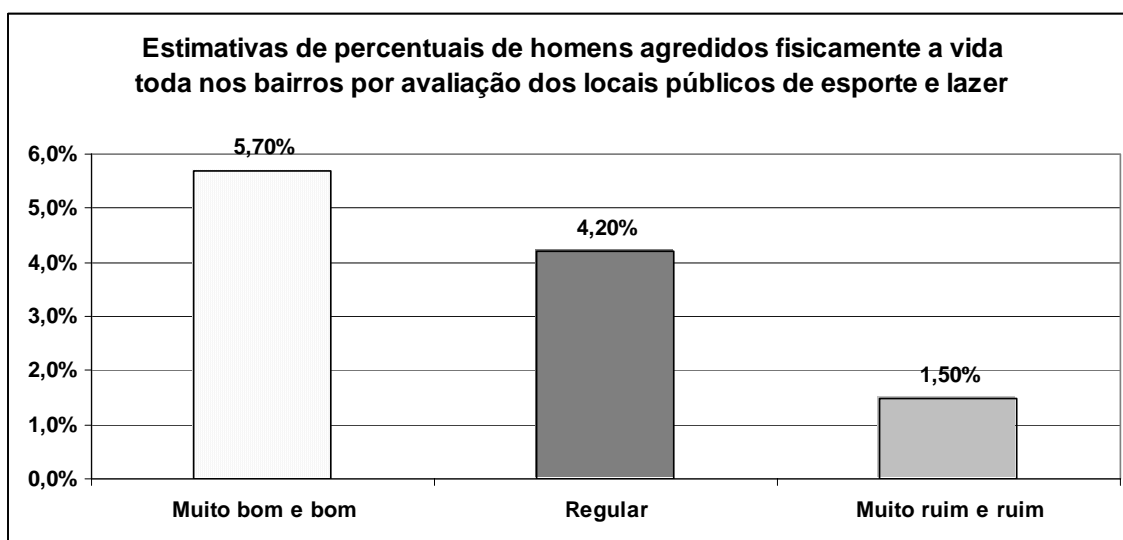
Gráfico 18



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

No próximo, vê-se que, na pesquisa da cidade, os locais públicos de esporte e lazer com as melhores avaliações é onde há um maior número de pessoas agredidas nos seus próprios bairros. O mesmo não se dá para a pesquisa das favelas.

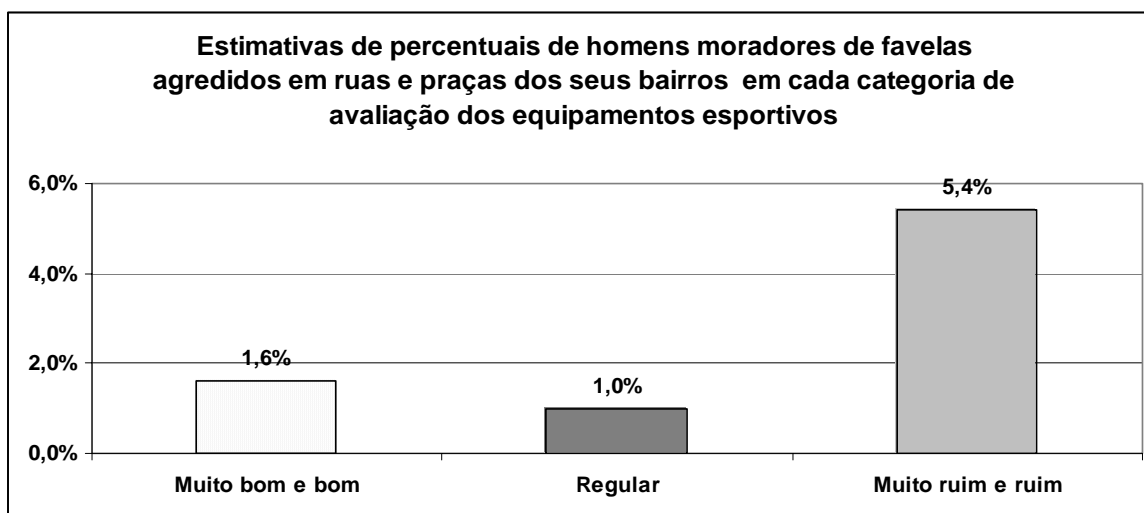
Gráfico 19



Fonte:

Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 20



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Algumas interpretações podem ser levantadas a partir desses dados: a) o poder público tem investido em equipamentos de esporte e lazer nos bairros mais deteriorados e já conhecidos por altas taxas de criminalidade violenta, inclusive agressão física; b) a prática de esporte nessa cidade, em algumas localidades, teria deixado de ser o espaço de aprendizado de regras, transmissão de valores como o respeito às normas, a idéia da equipe, para se tornar local de disputa feita para vencer a qualquer custo, mesmo burlando as regras, um locus do “vale tudo” onde se aprende como enganar juízes e adversários ou mostrar quem é o mais macho, mais valente e mais impiedoso, o que seria o etos nos locais, hoje, caracterizados pela guerra de quadrilhas; c) trata-se de uma correlação estatística espúria, pois os percentuais mais altos de agressão estariam dependentes de outras variáveis, tais como a deterioração urbana e a infra-estrutura precária ou mesmo a presença de quadrilhas de traficantes, galeras, milicianos, etc; d) os equipamentos de esporte e lazer locais são bem avaliados no momento das entrevistas enquanto que as agressões podem ter acontecido em outros momentos das vidas dos entrevistados, quando ainda tais equipamentos eram mal avaliados ou sequer existiam, uma vez que muitas reformas de praças e locais

esportivos se deram nos últimos cinco anos, com a construção de vilas olímpicas e praças de esportes.

Ainda assim, o fato de que maiores percentuais de agressão física estejam acontecendo onde equipamentos de esporte e lazer são bem avaliados deve ser levado em conta, uma vez que os agressores podem utilizar esses equipamentos públicos para as práticas esportivas desvirtuadas do sentido civilizatório que Norbert Elias (1993) atribuiria ao esporte, sobretudo ao futebol. Embora a tese de Elias seja a de que o processo civilizatório teria como um de seus marcos a prática esportiva iniciada pela nobreza na Inglaterra, e que nesse sentido, os últimos alcançados por esse processo seriam os trabalhadores, notamos que certa inversão da construção da civilidade e respeito às regras poderia estar acontecendo aqui, num retrocesso desse processo, fator que também não é descartado por Elias.

Porém, a tendência se inverte quando analisamos os dados das favelas, mostrando que a urbanização desses espaços pode ser importante para a prevenção à violência física entre homens. Os dados podem indicar também que os locais públicos de esporte e lazer reconstruídos, reformados ou recém inaugurados podem ser encontradas práticas de ressocialização, associando a reforma do espaço público à mudança de comportamento.

Para entendermos essa tendência na pesquisa da cidade, cruzamos os entrevistados que foram agredidos e os que foram vítimas de tentativa de agressão somente nos últimos 12 meses com as avaliações sobre os locais de esporte e lazer na vizinhança. Os moradores de toda a cidade que sofreram agressões dentro de seus bairros nos últimos 12 meses e avaliam os espaços públicos de esporte e lazer como muito bom e bom representam 3%, os que disseram que os espaços públicos de esporte e lazer são regulares representam 2% e os que o definem como ruim representam 3%.

Desse modo foi possível confirmar que nos bairros com equipamentos de esporte e lazer mais bem avaliados os percentuais de agressões físicas continuam altos, visto que essas se deram nos últimos doze meses, o que faz aproximar o momento da avaliação dos locais de esporte e lazer com o momento da agressão. Mas verificamos também que os bairros onde os equipamentos de esporte e lazer são pior

avaliados têm percentuais de agressão aos homens nos últimos 12 meses muito próximos aos locais onde esses equipamentos são bem avaliados. Ou seja, a existência de equipamentos esportivos não basta para diminuir a violência nos locais já marcados por ela.

Outro dado a ser avaliado e que colabora com nossos interesses aqui é saber qual a relação das vítimas com os agressores. Na pesquisa feita em toda a cidade, ao compararmos homens e mulheres, observamos que no caso das mulheres, 67% dos agressores são parentes e afins, enquanto que vizinhos e amigos representam apenas 14% dos agressores, e os desconhecidos apenas são 16%. No caso dos homens, inversamente às mulheres, quase não há parentes e afins, mas os vizinhos e amigos somados representam 40% dos agressores, enquanto os desconhecidos representam 41%. Portanto, entre os homens, 40% dos agredidos conhecem seus agressores. Interessante também notar que o ambiente de trabalho pouco pesa nas agressões, representando pouco mais de 1% para as agressões aos homens.

Talvez estejamos confirmando a idéia de que algumas regiões da cidade teriam sido divididas entre as galeras, torcidas organizadas e quadrilhas, com as agressões resultando também dessas rivalidades, quando os agressores são conhecidos na vizinhança.

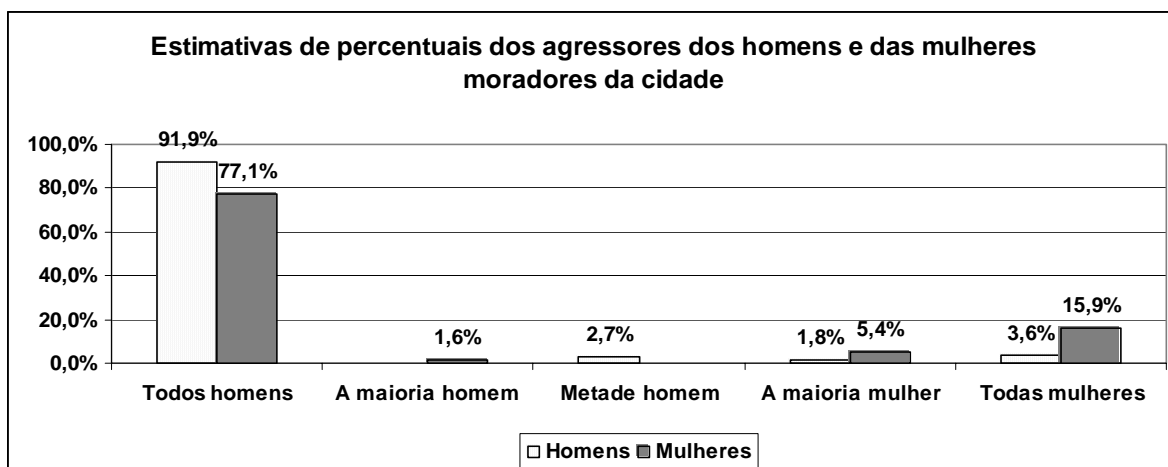
Outras explicações razoáveis e já observadas por alguns pesquisadores estariam numa das formações subjetivas da masculinidade (Elias, 1993) encontradas nos subúrbios cariocas, e que é caracterizada por se exercer socialmente baseada no uso da força para se consolidar como afirmação de valores do “macho”, do “sujeito homem”, que precisa ser lembrada e reavivada a todo tempo e local. Nesse sentido, algumas práticas esportivas suburbanas cariocas aparecem como espaços privilegiados, uma vez que é através dos “jogos” que se dá o “jogo” para afirmar ou negar lideranças, demonstrar virilidade e garantir e preservar a honra masculinidade (Souza, 2003).

No caso dos moradores das favelas os perfis dos agressores das mulheres são muito parecidos com os perfis de agressores das mulheres moradoras da cidade: afins e parentes são responsáveis por 76,1% são agredidas por parentes e afins.

No caso dos homens, a ordem continua a mesma da encontrada nos homens moradores da cidade, sendo que vizinhos e amigos representam 38,8%. Afins e parentes representam 21,9% e desconhecidos 29,9%.

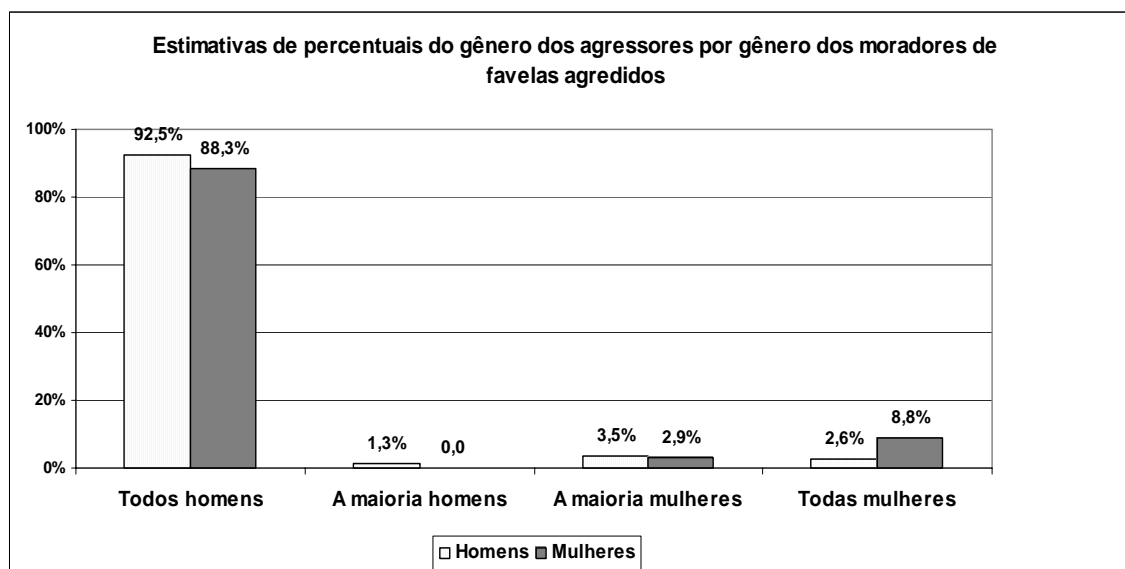
Os dados mostram, em ambas as pesquisas, que são os homens os grandes responsáveis pelas agressões, tanto entre eles, quanto em relação às mulheres. Entretanto, vale notar o alto percentual de mulheres agredindo outras mulheres nas duas pesquisas (15,9% cidade e 8,8% favelas), enquanto que, na cidade, um pequeno percentual (3,6% e 2,6%, respectivamente) dos homens são agredidos por mulheres. Esse dado pode servir para confirmar tudo o que se falou anteriormente sobre masculinidade violenta que se afirma pela luta para definir quem é “macho”.

Gráfico 21



Fonte Pesquisa de Vitimização 2005

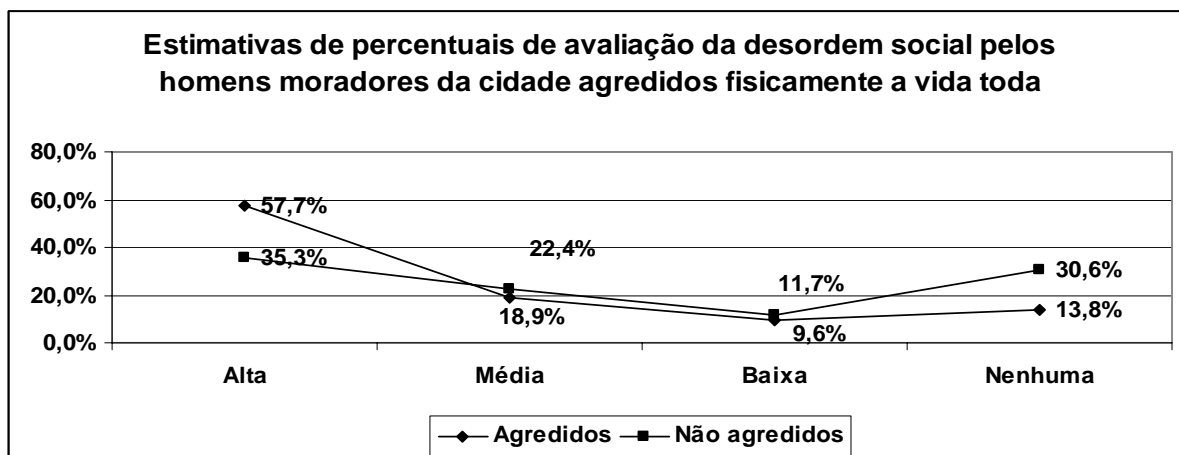
Gráfico 22



Fonte Pesquisa de Vitimização 2007

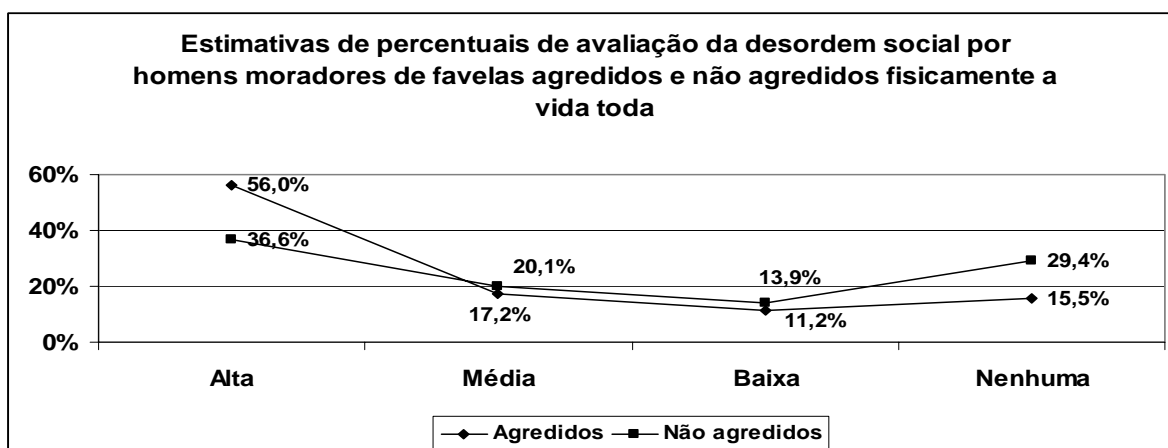
No gráficos 23 (cidade) e 24 (favelas), compara-se a percepção que os homens agredidos têm com a dos homens não agredidos a respeito de crimes e incivildades que acontecem nas suas vizinhanças, tais como: “defecando ou urinando na rua”; “pessoas se prostituindo na rua”; “consumindo drogas ilegais na rua”; “vendendo drogas ilegais na rua”; “existência de seguranças particulares”; “camelôs na rua”; “flanelinhas na rua”; “vivendo ou dormindo na rua”; “pessoas pedindo esmolas”; “pessoas praticando atos obscenos”; “quebrando janelas, pichando muros ou fazendo arruaça”; “destruindo equipamentos coletivos”; “xingando ou insultando outros”; “agredindo fisicamente outras pessoas” que foram sintetizadas na categoria “desordem social”. Há um claro aumento dos crimes vistos pelos homens agredidos, tanto na cidade quanto nas favelas, o que vem a demonstrar que as áreas onde esses homens são agredidos se caracterizam como áreas dominadas por quadrilhas de traficantes, e, talvez por galeras, grupos de torcedores organizados e etc. As agressões físicas entre homens acontecem, pois, com mais frequência em contextos sociais de outras manifestações mais graves de violência e de incivildades cotidianas nas ruas e praças, nos locais de lazer e de esporte de certas áreas da cidade.

Gráfico 23



Fonte Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 24



Fonte Pesquisa de Vitimização 2007

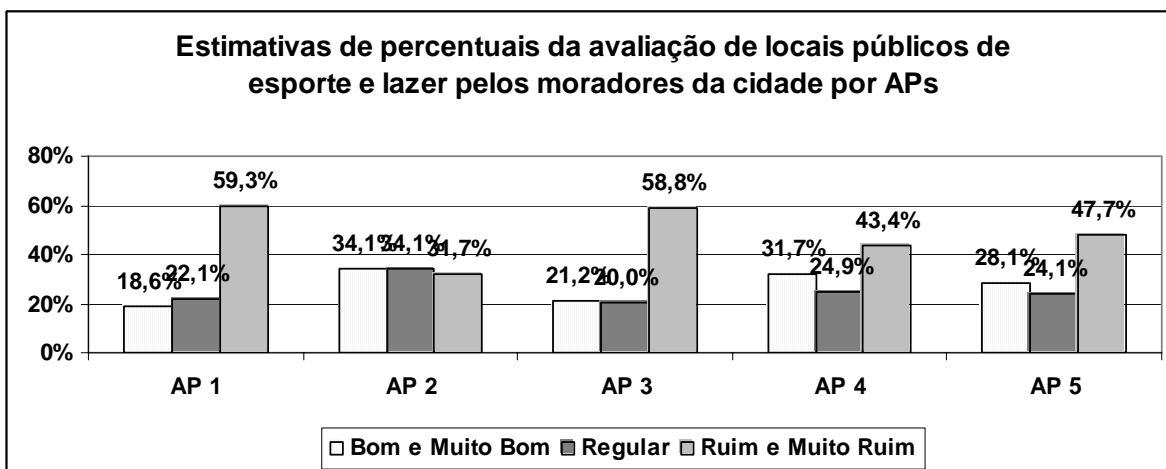
São os moradores das APs 1, 3 e 5 os que mais sofrem agressões em seus bairros, fato que diz respeito à pesquisa da cidade. Na pesquisa das favelas, são os moradores das APs 1 e 3 que registraram mais agressões: 4,6% e 5,3%, respectivamente.

Entretanto, quando observamos os dados do Gráfico 25 que registram e estimam como os entrevistados de toda a cidade avaliam os locais públicos de esporte e lazer por APs, são as APs com o maior percentual de homens agredidos nos bairros que têm os locais de esporte e lazer com estimativas de piores avaliações de tais locais.

Como na pesquisa da cidade, os entrevistados agredidos avaliam bem os espaços públicos de esporte e lazer, como vemos no gráfico 19, esta contradição pode ser apenas aparente, posto que tais agressões podem se dar nos melhores locais de lazer das referidas APs. Mesmo que, no cômputo geral, o total dos moradores dessas APs avaliem pior seus equipamentos públicos de esporte e lazer, provavelmente nelas existem áreas que sofreram intervenções urbanas recentes, tais como os Programas Favela Bairro e Rio Cidade, Vilas Olímpicas, ou até mesmo praças e parques que foram especificamente reformados, gerando pequenas “ilhas” nesses bairros dentro das Áreas de Planejamento, unidades muito maiores da administração da cidade. Além disso, essas possíveis reformas podem ter levado os moradores a optar por freqüentar os espaços renovados, deixando de freqüentar os espaços que não passaram por essas reformas. Em toda a cidade, os espaços públicos de esporte e lazer com as piores avaliações estão na AP 1 e na AP 3, já na AP 2 e na AP 4 é onde eles estão com as melhores avaliações.

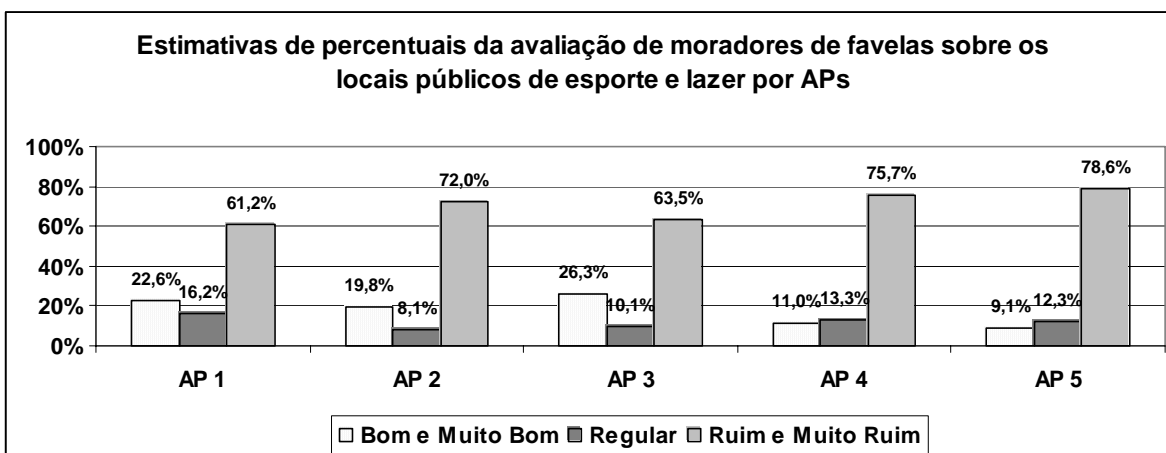
Os homens agredidos moradores de favelas, entretanto, não avaliam bem seus locais públicos de esportes e lazer, assim como o conjunto dos moradores. O que confirma a importância da urbanização para as favelas e de espaços como Vilas Olímpicas, onde a prática esportiva vem acompanhada de outros fatores, como o discurso a respeito da cidadania, o relacionamento com moradores de bairros e comunidades diferentes e a presença de profissionais mais preparados para o ensino da prática esportiva.

Gráfico 25



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2005

Gráfico 26



Fonte: Pesquisa de Vitimização 2007

Explosiva, entretanto, é a associação entre a lógica do “vencer a qualquer custo”, com o desenvolvimento da noção de masculinidade violenta, fator que pode estar invadindo o esporte, sua prática mais cotidiana, em função do próprio papel do futebol dentro do capitalismo mundial, como no modelo norte-americano que dicotomiza a sociedade em vencidos e derrotados, ainda mais reforçada na realidade de

desigualdade e iniquidade encontrada em nossas favelas e áreas próximas. A contenção desse novo valor do esporte não estará apenas nas mãos dos profissionais de projetos esportivos ou tão somente da escola, mas necessitaria vir acompanhada do fortalecimento de políticas de tolerância, desvalorização do consumismo e da dicotomização vencedores/perdedores, ou seja, a defesa do direito à dignidade humana, tal como expressa nossa Constituição. Papel que não cabe só ao esporte, mas à escola, às associações de bairro, à família, à mídia e a toda a sociedade civil organizada.

Dessa forma, mesmo que o esporte tenha disponíveis bons locais para a sua prática, a eficácia para a prevenção à violência e para a consolidação do processo civilizatório que Norbert Elias descreve, será baixa ou nula, se os locais de esporte e lazer permanecerem dissociados de outras intervenções públicas, tais como o fortalecimento dos ensinos fundamental e médio, o que passaria por uma revalorização da “escola”; a melhoria das condições de vida nos subúrbios, como acesso a serviços de saúde e serviços urbanos; o policiamento ostensivo e uma política de segurança também baseada na prevenção, sem desprezar a punição, o que diminuiria a sensação de impunidade crescente em nosso país; políticas de geração de emprego e renda solidificadas e baseadas na profissionalização que atenda a novos mercados de trabalho surgidos, inclusive com a indústria de entretenimento da qual os esportes fazem parte.

Tentarei responder a essas questões nos capítulos posteriores, onde através do trabalho de campo, explorarei a forma como as práticas esportivas estão sendo exercidas no cotidiano desses espaços públicos através dos projetos esportivos.

Capítulo 7

Etnografia do campo esportivo no subúrbio carioca

O contexto da desigualdade e pobreza dos subúrbios cariocas, analisados no capítulo XXX servem de pano de fundo para apresentar o trabalho de campo desenvolvido nas Vilas Olímpicas Municipais Clara Nunes (VOMCN) e Carlos Castilho (VOMCC).

Além de estarem localizadas na AP 3, região que já exploramos e explicamos anteriormente, expondo suas dificuldades e os dramas que têm, essas duas Vilas Olímpicas foram escolhidas para o trabalho de campo etnográfico por estarem nos bairros com os piores Índice de Desenvolvimento Humano⁶¹ de toda a cidade do Rio de Janeiro. Assim poderíamos captar o impacto dos projetos públicos esportivos em áreas das mais degradadas do ponto de vista da qualidade de vida.

As Vilas Olímpicas

A VOM Clara Nunes

O objetivo da pesquisa de campo foi entender como um projeto sócio-esportivo, instalado em uma das regiões mais carentes e mais marcadas pela violência na cidade do Rio de Janeiro porque mais reprimida pela Polícia Militar – a Área de Planejamento 3 (AP 3) – pode ajudar a prevenir a violência sofrida e cometida por adolescentes. Vale lembrar que na região da Vila Olímpica Clara Nunes (VOMCN) o policiamento é prestado pelo 9º Batalhão de Polícia Militar, famoso por dados estatísticos ligados a homicídios e porque policiais da chacina de Vigário Geral eram integrantes dessa unidade da Polícia Militar.

⁶¹ Disponível em:

[http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172_índice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20\(idh\).XLS](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172_índice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20(idh).XLS). Acessado em 11 de março de 2009.

Para isso, pesquisamos como o esporte tem sido praticado neste espaço, registrando o ponto de vista dos jovens que os praticam e o ponto de vista dos profissionais envolvidos no projeto da Vila Olímpica (tanto professores quanto funcionários). Também investigamos como as possibilidades que o esporte oferece como mecanismo de saída da pobreza, de profissionalização, de socialização dos jovens e, portanto, de prevenção da violência são lá trabalhadas.

Para apreender esta visão do esporte pelos jovens, realizamos trabalho de campo etnográfico na Vila Olímpica Clara Nunes, com pesquisa etnográfica, entrevistas semi-estruturadas e até mesmo conversas com os alunos, muitas das vezes sem uso do gravador.

A região na qual se encontra esta Vila Olímpica é, portanto, pelos dados estatísticos registrados em um *survey* de vitimização, realizada pelo NUPEVI/IMS/UERJ em 2006-2007, uma das mais profundamente marcadas pela experiência da violência e seus sofrimentos atroz. Este *survey* continha também dados sócio-demográficos da região que nos ajudarão a compreender tais dramas. Além disso, recorreremos ao Censo de 2000 e PNADs subseqüentes, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para investigarmos dados relativos à região em questão.

O Bairro de Acari

O Bairro de Acari está situado na AP 3 e pertence à XXV Região Administrativa (RA), sediada no bairro da Pavuna. A essa Administração Regional pertencem ainda os bairros de Coelho Neto, Fazenda Botafogo, Acari, Barros Filho, Costa Barros e Parque Colômbia. Alunos de todos esses bairros foram encontrados na Vila Olímpica Clara Nunes (VOMCN).

Entre os indicadores sociais e econômicos desta Região Administrativa (RA) que nos chamam a atenção e revelam as profundas desigualdades sociais, está o que informa os anos de estudo dos chefes de família, cuja fonte é o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2000. 60% dos chefes

de família da região têm até oito anos de escolaridade, e que o número de chefes com mais de 12 anos de instrução é menor do que os sem instrução. Os chefes de família têm média de 5,5 anos de estudo, o que se explica uma vez que os mais jovens têm mais anos de escola.

Dos quase 200.000 moradores da RA, 37% residem nos “aglomerados subnormais”, mais conhecidos como favelas, percentual mais alto que o percentual de 20% relativo a toda a cidade. A esperança de vida ao nascer é de 67,41 anos, a mortalidade infantil é de 31,05 por 100.000 habitantes. A probabilidade de sobrevivência para os moradores desta RA até os 40 anos de idade é de 90,1%⁶², ou seja, 10% da população local morre antes dos 40 anos

Apenas como comparação, a VI RA, que abrange a Lagoa, Gávea, Ipanema, Leblon, São Conrado, Vidigal, bairros da zona sul carioca e onde estão os melhores indicadores sócio-econômicos e de qualidade de vida, do total de 174.062 habitantes, apenas 10% da população vive nas favelas, a esperança de vida ao nascer é de 76,83, a mortalidade infantil é de 9,88 por 100.000 habitantes; sendo a probabilidade de sobrevivência até os 40 anos de 96,71%, ou seja, apenas 3,3% da população local morre antes dos 40 anos, um terço daquele percentual apresentado na RA XXIV.

A pesquisa de vitimização de favelas do Rio de Janeiro também revela que na AP 3, onde se inserem os bairros atendidos pela VOMCN, 36,9% dos moradores com mais de 15 anos disseram já ter ouvido ou visto muitos crimes em suas localidades, 8,9% disseram ter ouvido e visto muito poucos, 16,6% ouviram e viram poucos e 37,6% não viram e nem ouviram nenhum crime. Em comparação com as outras APs da cidade, na AP 3 aparece o maior percentual de entrevistados que viram e ouviram crimes, o que caracteriza a região como uma das mais violentas da cidade, segundo a vivência e percepção de seus moradores.

Outro dado que chama a atenção é o que trata dos autos de resistência. Segundo o site www.riocomovamos.org.br⁶³, a RA da Pavuna possui o pior índice de toda a cidade. Com um indicador de 55,46 mortes em confronto com a polícia, por cem

⁶² Dados do IPP.

⁶³ Acessado em 01 de março de 2009.

mil habitantes, por local de ocorrência.

A Vila Olímpica de Acari

Situada na Fazenda Botafogo, bairro popular formado por conjuntos habitacionais construídos nos anos 1970 que receberam moradores removidos de favelas localizadas nas áreas mais prósperas e centrais da cidade, caracterizado também por ser um distrito industrial que sofre as consequências das transformações no mundo do trabalho ocorridas ao longo das últimas décadas, esta Vila Olímpica de 7.000 m², uma das oito já construídas pela Prefeitura, é mais conhecida como Vila Olímpica de Acari.

Isso porque está na região de influência do bairro de Acari que se tornou notável por conta da violência resultante de confrontos constantes entre traficantes e policiais, traficantes e traficantes e uma histórica 'ocupação' da favela pela Secretaria de Segurança Pública, em meados dos anos 1990. Além disso, um grupo ficou conhecido na cidade como "As mães de Acari", em alusão às mães da Praça de Maio em Buenos Aires, por se organizarem e reclamarem o desaparecimento de seus filhos, ocorrido na mesma década a policiais militares da região e nunca esclarecido. A Vila Olímpica atende alunos de vários bairros próximos, mas a maior parte dos alunos são oriundos da Pavuna, Acari, Coelho Neto e Barros Filho, embora tenha encontrado pais e alunos provenientes de Honório Gurgel e Rocha Miranda, por exemplo, bairros menos próximos.

Oficialmente a Vila Olímpica funciona de terça a domingo, oferecendo 11 atividades esportivas (atletismo, basquete, capoeira, futebol 'society', futsal, handball, hidroginástica, judô, natação, *tae kwon do* e vôlei) e outras artísticas, culturais e educativas (*aerodefense*, coral, dança/jazz, dança de salão, artesanato, música/percussão e aulas de inglês). Todas são gratuitas. Para essas atividades, foram contratados 21 professores e número igual de funcionários, além de estagiários, pessoal de limpeza e de segurança.

A VOMCN conta ainda com os profissionais do setor sócio-educativo, responsáveis por cuidar desde os alunos mais carentes aos mais “problemáticos”⁶⁴, e fazer a integração da VOMCN com as escolas municipais locais.

Os 7000 m² são divididos entre: piscina, pista de skate, quadra polivalente coberta, campo de futebol *society*, salas para esportes individuais ou que não necessitem de uma quadra com marcação de linhas e áreas para sua prática, um pequeno anfiteatro, salas administrativas e vestiários masculinos e femininos. Durante o trabalho de campo etnográfico, uma fonte oficial revelou, certa vez, que o custo mensal de um espaço como esse é de cerca de US\$ 115.000, incluindo todas as despesas possíveis, como água, limpeza, manutenção, pagamento de professores e funcionários e outras.

A Vila Olímpica é totalmente financiada pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), mas é administrada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especificamente a Faculdade de Serviço Social, que venceu licitação para administrar esta unidade. Em toda a cidade do Rio de Janeiro já estão em funcionamento oito Vilas Olímpicas, mais duas deveriam ter sido entregues até o fim da gestão anterior. Todas são integralmente financiadas pela PCRJ, exceto a da Maré, por exemplo, que segue o modelo de parceria com a iniciativa privada, mais exatamente com a estatal Petrobrás.

Segundo o coordenador da Vila Olímpica, que está há mais de dois anos no cargo, seriam atendidos ali 6.000 alunos/ano (destes, 2000 teriam até 18 anos de idade), entre recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos. Não há limite de idade para o ingresso, e no caso de crianças e adolescentes, a exigência da comprovação de matrícula em uma escola pública ou privada. Exige-se para todas as idades, a apresentação de um atestado médico comprovando estar em boas condições para as práticas esportivas, Esse exame não é oferecido na Vila e deve ser feito na rede pública ou privada de saúde.

Grande parte desses alunos são oriundos das classes populares, e há um vácuo

⁶⁴ Os considerados problemáticos são os que apresentam comportamento mais violento, desrespeitando professores, funcionários e colegas. Além do constante envolvimento em brigas.

de alunos na faixa-etária que vai, basicamente, dos 18 aos 30 anos de idade. O próprio coordenador é quem reconhece:

“É a fase em que o morador da comunidade está montando a sua família. Eu vi muito isso no Pro Jovem, ano passado eu participei desse projeto. Eu vi muito que os jovens de 18 a 24 anos todos eles tinham 3, 4 filhos. 90%. Com sua família montada, com tudo, uns trabalhavam, outros não, e não tinham o 2º grau. Tem muita gente nessa parte de 2º grau. Acho até que mais cedo, de 16 a 24 anos. E, conseqüentemente, a gente perde muito essa faixa etária. E também o homem adulto ele não frequenta as atividades, de repente por estar trabalhando. A gente sente muito essa ausência.”

O ingresso no mercado de trabalho, as cobranças por estar ‘chefiando’, ‘sustentando’ ou ajudando a sustentar uma família, fazem com que homens jovens nessa faixa etária tenham que abandonar suas práticas esportivas na VOMCN, onde ela é praticada de forma mais regular e orientada. Esses podem estar praticando esportes em peladas nos fins de semana ou nas noites dos dias de semana.

Há também um significativo número de alunos chamados de ‘pessoas portadoras de deficiência’ (PPD), que tanto podem ser distúrbios físicos ou mentais, que fazem aulas em separado dos outros, com atividades psicomotoras. No final do ano de 2007, esses alunos participaram de um torneio entre todos os alunos deficientes das Vilas Olímpicas da cidade do Rio de Janeiro, indo até a última fase e alcançando a terceira colocação em futsal.

A Vila abre durante todos os meses do ano, com um pequeno recesso durante o Natal e Ano Novo. Nos meses de janeiro e fevereiro funciona como ‘colônia de férias’, recebendo um público apenas voltado para práticas esportivas como lazer, e sem necessidade de aprender os fundamentos e as regras mais específicas de cada um dos esportes. Durante esse período, a Vila triplica o número de atendimentos. Segundo o

coordenador, isso ocorre pelo fato de não haver horário estipulado para as aulas e não haver cobrança por parte dos professores no que se refere às regras esportivas, tratando-se apenas de atividades recreativas. E ainda segundo ele, é nesse período que se busca trazer novos alunos para o decorrer do ano de atividades.

Um funcionário da Vila entrevistado entende que a Colônia de Férias pode mostrar que a Vila é o caminho certo para o aluno que buscou apenas recreação durante o período especial:

“E tem um detalhe: através dessa colônia de férias é que os pais e os alunos vão sentir que aqui é o local correto para eles ficarem. Se eles percebem que dentro de uma colônia de férias fazendo esse tratamento, fazendo essa diversificação de atividades, como será as atividades normais? Aí aquilo cria aquela ansiedade neles e eles procuram os pais para se matricularem e virem aqui freqüentar”.

Curiosamente, a ‘colônia de férias’ é pouco procurada pelos chamados ‘alunos regulares’ que estariam mais interessados em se aprofundar nos esportes. Um desses alunos regulares revelou que não vai à ‘colônia de férias’ porque nessa época “tem muita bagunça” e também por alegarem que viajam para a casa de parentes distantes, como registrei nas entrevistas.

Aos sábados e domingos, a VOMCN se restringe às atividades recreativas, com exceção do campo de futebol *society* que fica reservado para grupos de peladeiros, geralmente com idade acima de 20 anos ou para empresas que reservam o espaço para que seus funcionários joguem futebol *society*.

Cada aluno pode se inscrever em quatro modalidades com os horários previamente marcados e diferenciados. Essa limitação se deu em função do aumento da procura pelas atividades desenvolvidas na VOMCN e pela real impossibilidade que a VOMCN tem em função dos seus limites físicos de aumentar a oferta, muito embora

pudesse aumentar o horário de atendimento.

De terça-feira a sexta-feira, durante os meses que correspondem ao ano letivo oficial da rede pública de ensino, a VOMCN funciona das 7h às 17h, quando são oferecidas as atividades regulares já enunciadas anteriormente. Nesses dias se aprendem regras mais específicas para cada modalidade esportiva, há maior profundidade sobre os fundamentos dos esportes, há observação da parte motora dos alunos, há cobrança quanto à presença e quanto aos horários, ou seja, quanto à disciplina do esportista.

Ao lado da Vila está um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) que funciona em tempo integral e atende a alunos de Primeira a Quarta série do ensino fundamental. A quadra coberta que serve à VOMCN era inicialmente pertencente a esse CIEP, mas foi cedida à Vila que, em troca, se comprometeu a ceder o espaço e oferecer aulas aos alunos dessa escola. No decorrer do dia, os alunos saem das suas aulas e são levados à quadra, onde praticam atividades físicas, recreativas e esportivas em separado dos alunos da VOMCN.

Um dos discursos mais recorrentes dos profissionais da VOMCN é o de que esta não é escolinha de futebol, clube e nem tão pouco academia de musculação. Os profissionais dizem-se e sentem-se inseridos em um projeto social e esportivo com características peculiares: possuem um equipamento privilegiado em relação a outros projetos, também gozam de um espaço físico próprio, não os obrigando a ficar ao relento nas ruas e nas praças dos bairros, sob a chuva ou sob o sol ardente. Têm espaço demarcado, bem conservado, construído há apenas seis anos, com várias áreas cobertas e com constante manutenção de material, como pude observar durante a pesquisa etnográfica.

Outro discurso recorrente é o de que estão dando as opções para ampliar os horizontes, como relatado por um funcionário com dois anos de casa:

“Se a gente observar como o povo se comportava no início da Vila Olímpica e depois de mostrarmos a ética, a cidadania, vemos

como tem sido evidente na vida da criançada e dos jovens...então a importância deste trabalho na vida dos jovens e das crianças tem sido importante porque faz uma socialização, tira daquela visão da comunidade, da pobreza, abre-se um pouco mais a visão, abre-se um pouco mais a visão daquilo que a pessoa pode ser, abre-se a visão e tira-se a referência de pessoas que não eram para ter referência. Então acaba-se criando um ambiente sadio para as pessoas que aqui freqüentam”.

A idéia de salvação, de resgate, de que a opção da Vila representa o caminho do bem, compõem uma visão messiânica do discurso dos funcionários e professores do espaço. Bem como foi relatado por outro funcionário da Vila, presente ali desde sua fundação:

“Aqui você lida com pessoas carentes. E você tem que fazer o quê? Tem que resgatar a auto-estima dessas pessoas, e aqui nós trabalhamos com qualquer tipo de pessoas e tentamos mostrar a eles que o caminho correto não é o que eles estão tentando seguir, e sim o que nós estamos tentando mostrar a eles.”

O projeto VOMCN parece estar menos vulnerável às mudanças político-partidárias na PCRJ, embora o atual coordenador seja o quinto em seis anos e cada coordenador tenha trocado parte da equipe ao assumir o comando. A ressaltar é que o fechamento da VOMCN e o término de suas atividades parece ser menos provável do que em outros projetos para jovens, apesar da constante troca de coordenação.

O projeto tem, segundo os coordenadores, continuidade garantida, mesmo que os profissionais não tenham garantias a médio prazo de que ficarão no emprego e que possa haver alteração no foco da Vila, passando de um modelo sócio-educacional, como o atual, para um modelo de competição e de formação de atletas de alto rendimento. Durante o andamento da pesquisa em 2008, o foco e a função da Vila

eram, necessariamente, sociais, e o esporte era apresentado pelo viés da socialização e da cidadania. O ‘temor’ era de que uma mudança política levasse a Vila a buscar um modelo de esporte de alto rendimento, abrindo mão do perfil socializador e preventivo da violência.

Entretanto, logo depois de encerrada a gravação das entrevistas, quando os gravadores são desligados e as pequenas formalidades se esvaem, alguns professores relataram que a coordenação receberia pressão de vereadores e líderes comunitários locais para inclusão de novos profissionais, muitas vezes sem qualificação ou capacidade técnica para lidar com o público em questão. Esses teriam sido cabos eleitorais dos vereadores locais em eleições recentes e os vereadores estariam, portanto, retribuindo o ‘serviço e o favor’ prestados.

Não há reclamação quanto à falta de materiais esportivos e nem quanto ao atraso de salários, mas há preocupações pelos problemas de violência nas localidades no entorno da VOMCN. Porém, não notamos durante a pesquisa etnográfica, e também não foi registrado pelas entrevistas, nem invasão do espaço por parte de traficantes ou policiais, nem marcas de tiro, perfurações nas paredes ou mesmo pichações nos muros da Vila informando a presença de qualquer comando de traficantes. É como que uma área mais respeitada e preservada dos tiroteios e ataques corriqueiros a construções existentes na região. O que significa que, material e simbolicamente, os profissionais observam boas condições de trabalho.

Uma das atividades mais buscadas pelos alunos regulares e pelos que vão durante o período da colônia de férias é a da natação. Isso porque além de ser uma atividade não comumente encontrada na região, sobretudo em espaços públicos, é uma atividade nova, e é possibilitada a alunos de todas as idades. Desde os recém nascidos até os mais idosos, que têm limites reais para a prática de esportes como futsal, futebol *society*, vôlei e basquete e uma vez que para praticar natação não são necessárias grandes habilidades e despojamentos físicos. Ainda contribui para o sucesso desse esporte, a constante temperatura da região que é sempre elevada. Para a prática da natação, há as seguintes orientações, esclarecidas pelo coordenador do espaço:

“Nós temos a natação em família, que começa com seis meses de idade até três anos, que o responsável tem que ta com ele, a obrigatoriedade é ta com ele. O responsável direto dele, pode ser o pai, a avó, o irmão acima de 18 anos. Porque o aluno não dá pé na piscina. Então são duas turmas de natação em família, que é de seis meses a três anos e de 3 anos a 6 anos e a partir de seis anos começam as modalidades motoras: futebol, vôlei, basquete, handebol, natação. Ele passa por uma adaptação, por um processo motor, por um nível de individualidade, uma adaptação depois uma iniciação, particularmente um aprendizado, futuramente sim ou não uma pré-equipe, que a gente tem que dar um norte.”

Mas por que o discurso dos profissionais da Vila Olímpica sinaliza com um distanciamento dos demais empreendimentos esportivos? Manter o status de Vila Olímpica significa não ter como foco central a formação de esportistas, mas o de buscar a inclusão social, ou seja, a preparação para a vida coletiva, para a cidadania, por mais que o termo “Vila Olímpica possa ser associado e atrelado à idéia de formação de esportistas. Nunca, quando estivemos presentes nesse espaço, encontramos quaisquer ‘olheiros’ ou empresário de clube, talvez em função do difundido discurso sobre o caráter social da VOMCN veiculado por seus profissionais. Entretanto, isso não impede de maneira alguma que alguns desses profissionais tenham assumido que já levaram ou já encaminharam alguns alunos para treinos em clubes ou escolinhas, quando se destacam na modalidade, alguns lá permanecendo, outros retornando à Vila e outros que ficaram sem contato.

Um professor da Vila, quando perguntado se os alunos retornariam por lá para prestar algum agradecimento, ou mesmo demonstrarem o desejo de retribuição à Vila, ele responde:

“Até teve algumas crianças que eu levei pra clube e tudo e volta,

vem aqui me procurar. Eu estou aqui desde 2002 e volta e meia uma ou outra criança passa aqui só pra me ver. Mas ainda não vi ninguém querer retribuir para a Vila, mas já passei na rua em festa junina e um aluno estava trabalhando em uma barraca e não me deixou pagar a conta, era a forma que ele tentava retribuir.”

Isso não impede, porém, que esses olheiros ou empresários passem pelo espaço, em dias de competições, ou ainda que tenham seus contatos inseridos na VOMCN.

O certo é que, entre as funções da VOMCN, estão tanto a formação de atletas quanto a formação de cidadãos. Trabalhar as possíveis tensões que essa peculiar dupla identidade cria para um espaço localizado em torno de cinco comunidades carentes e violentas da cidade do Rio de Janeiro é tarefa que requer intenso, constante e redobrado cuidado. Até porque o esporte é o sonho de muitos alunos e familiares para a saída da pobreza, sonho alimentado pelas trajetórias de sucesso de profissionais do esporte, principalmente jogadores de futebol, de basquete e de vôlei.

A saída encontrada para dilemas tão amplamente discutidos pela academia em seus mais diversos representantes, tanto da Educação Física quanto das Ciências Sociais: socializar ou profissionalizar?

A saída foi a de trabalhar na dupla perspectiva, mas com cada aluno de acordo com as suas (in)habilidades, tratando diferentemente os diferentes, sem que isso signifique exclusão. Na VOMCN não se faz o chamado ‘corte’, ou seja: a seleção de jovens e adolescentes para o acesso a clubes de futebol, escolinhas ou centros de treinamento com jovens oriundos de várias regiões do país para serem profissionalizados. Em dias de “corte”, vários jovens são colocados para demonstrarem habilidades com a bola que resultarão na sua seleção ou na sua exclusão, ou corte.

Ainda assim, os profissionais se preocuparam em afirmar que uma forma de trabalhar a frustração que a não profissionalização pode gerar nos jovens é mostrar as diversas maneiras como o esporte ajudará na formação cidadã e profissional daquele

indivíduo, oferecendo alternativas e sugerindo outros caminhos. Ainda que se profissionalizem no esporte, não nos pequenos ou grandes clubes, mas como profissionais do setor: professores de educação física, preparadores físicos, massagistas, fisioterapeutas, roupeiros, funcionários destes projetos.

“Ele tem que estar preparado sim pra essas adversidades porque a gente sabe que a Vila Olímpica não é clube, não é escolinha, não é academia então tem que conversar sempre com o seu aluno. Ou conversar com o aluno, ter contato, indicá-lo, mas tem que preparar o aluno pra essas adversidades. Por exemplo, a gente tava trabalhando o pan-americano. Qual o papel fundamental da vila? Era fazer com que o aluno entendesse porque o vôlei estava na arena de Copacabana. Estudar o bairro de Copacabana, estudar geografia, fazer um interdisciplinar com o colégio. Por que aquele esporte estava se desenvolvendo ali? Conseqüentemente, você viria o rio de janeiro, ele explicaria o esporte voleibol. Então algumas coisas tem que ser conversadas com os alunos, sim, pra eles entenderem o porque. Vou pegar um exemplo, porque ele não chegou a ser um esportista ai qualquer, porque ele não chegou e etc... Pegar o jornal, de repente você está com o aluno, você vai ver muito isso, tem um professor que faz muito isso, o Juvenal do futebol. Ele pega os alunos, pega o jornal do dia, saiu briga no Flamengo, você sabe porque? Ele explica o porque. Então tem que estar conversando pra que não haja frustração.”

Assim, a idéia transmitida pelos profissionais de que para vencer no esporte é preciso treino, perseverança, afinco e respeito às normas, ajuda esses jovens a perceber que as ‘verdadeiras e duradouras conquistas’ da vida não se dão repentina nem facilmente, mas são resultados de esforços e conquistas. Mais uma vez o futebol

lhes serve como metáfora: “para vencer na vida ou no esporte é necessário cumprir certas regras, estar preparado e treinar, lutar perseverantemente para alcançar seus objetivos” (Zaluar, 1994). Ser um vitorioso no esporte não significa, no discurso dos professores, profissionalizar-se nele, mas em sua eficácia simbólica os ajuda a preparar esses jovens para a vida adulta: saber perder, saber competir dentro de regras iguais para todos, conduzir-se na vida com disciplina e respeito ao outro (ibidem). Em oposição a esta formação estão os valores do desrespeito a regras, do vencer a qualquer custo e em menor tempo, do desrespeito ao outro, encarando-o como inimigo e não como adversário.

Outro aspecto importante é o fato de que boa parte dos profissionais tem larga experiência em projetos sociais, formados em educação física, mas que optaram por esse trabalho em vez de academias ou clubes. Um deles trabalha em projetos ligados a escolas de samba, sendo mestre-sala principal de uma das mais tradicionais delas. Outro tem sua própria organização não-governamental (ONG) que atua em um projeto sócio-esportivo, em parceria com a iniciativa privada. Além disso, há ali funcionários que pretendiam, enquanto jovens, ser esportistas profissionais, mas sem êxito, e que hoje trabalham em um espaço esportivo. Esses exemplos podem servir como mecanismo de esperança por oferecer um caminho alternativo para os jovens que também buscam ter êxito como esportistas profissionais e podem não lograr nessa busca.

O próprio coordenador da VOMCN afirma que:

“Eu sou oriundo de Maré, comecei na Maré como estagiário em 2001 e vim nessa caminhada. Fui professor na Maré em 2002 e conseqüentemente eu sou de Vila Olímpica, né? Fui pro Campinho no projeto CEMASI, aí retornei e conseqüentemente trabalhei na Maré, mas foi por um período bem curto, depois fui pra Gamboa como professor de referência e depois no fim coordenar Acari.”

A vizinhança e a VOMCN

Pertencer à Vila como aluno regular, praticante das mais variadas atividades faz com que uma parcela dos alunos, sobretudo a dos mais pobres, se sinta prestigiada nas suas vizinhanças ou junto a parentes, amigos e colegas de escola. Isso porque a Vila confere a ele um status de desportista, atleta ou alguém que tem suas habilidades motoras valorizadas em um espaço profissionalmente dedicado ao esporte e à socialização. Pertencer às equipes da Vila o diferencia dos demais amigos e colegas não freqüentadores, pois, nesse momento, a imagem da Vila é a de excelência, socialização e profissionalização. Junto a familiares, o pertencimento atrai atenções, curiosidades e expectativas. Além disso, podemos afirmar que em nossa sociedade aqueles que praticam atividades físicas são valorizados socialmente.

O fato de estar na Vila propicia aos alunos uma experiência fundamental na sociabilidade: a de fazer novos amigos com diferentes experiências de vida. Embora a Vila receba alunos de vários bairros da redondeza, como já dissemos, muitas vezes, alunos que moram em ruas próximas ou nos mesmos bairros, embora já tenham se visto e cruzado pelas ruas, só começam a se relacionar, interagir e se socializar dentro da Vila. O fato de estarem no mesmo espaço os aproxima, pois passam a se considerar iguais e a seguir as mesmas regras, valores e sonhos, ao mesmo tempo, em seus *selves*, isso os torna diferente daqueles que não fazem parte daquele projeto.

Afora os laços que constroem com alunos vizinhos, criam laços com alunos de outros bairros e com outras experiências de vida, tanto na questão da violência, quanto na educação, saúde, família, expectativas de profissionalização e experiências de lazer. Ou seja, pertencer à Vila e ali praticar atividades esportivas, além de socializá-los, cria identidades sociais ou o que Ian Burkitt chamaria de *social selves* (termo já apresentado anteriormente) baseadas nos valores do esporte, da disciplina e em uma imagem de rigor esportivo, mas enriquecidas ou multiplicadas no círculo de relações que se expande a partir da VOM.

Mas essa socialização fornece ainda com outros aspectos. Algumas vezes, há pequenos sinais de competição entre alunos das mesmas localidades. É a disputa pela

fama de 'o melhor' que se torna mais violenta em alguns momentos e mais saudável em outros. Tal disputa às vezes se dá numa jogada desleal dentro de campo, ou em deixar o colega em situações difíceis, embaraçosas, como se um estivesse testando até que ponto o outro possui determinadas habilidades, dando passes arriscados e próximos a adversários durante os treinos. Nos esportes individuais essas pequenas disputas também se manifestam, mas é no espaço das práticas de esportes coletivos que elas mais se fazem presentes e, nos esportes coletivos, são o futsal e o futebol *society* que imperam.

Outras vezes, essas competições se dão entre alunos de um bairro contra os alunos de outro bairro. A mesma lógica está presente: ora mais saudáveis, ora mais violentas, exibindo signos de masculinidade exacerbada, exibicionista. Mas o caso aqui é para afirmar que bairro ou comunidade tem os melhores jogadores, o melhor time, aqueles com mais habilidades.

Em ambos os casos, tanto da competição entre os da mesma localidade, quanto entre os de comunidades diferentes, a presença de profissionais interrompeu, advertiu ou puniu aqueles que "passaram dos limites", lembrando aos mesmos dos valores e das regras do esporte bretão, válidas para todos e não submetidas ao poder dos mais fortes. Essa é uma experiência fundamental para criar alternativa real ao poder dos que dominam militarmente os bairros em que vivem, sejam traficantes ou policiais que usam excessivamente a força, desrespeitando os direitos de cidadania, os padrões mínimos de sociabilidade positiva e as leis vigentes no país.

Todavia, todos os profissionais entrevistados foram enfáticos ao afirmar que têm muitas dificuldades com os alunos oriundos do CIEP Zumbi dos Palmares, mais freqüentado justamente pelos jovens oriundos das favelas dominadas por traficantes. Alguns profissionais apontaram essa como sendo a escola com pior desempenho da região, o que agrava a imagem da escola como espaço para crianças "problemáticas", por isso, constantemente estigmatizadas. Tais discursos podem servir para tentar separar os alunos que são comandados por eles, que são os alunos da Vila e os alunos que não são comandados por eles, os alunos do CIEP. Numa tentativa de justificar possíveis fracassos ou imperfeições no projeto de socialização. De fato, os alunos do

CIEP praticam suas atividades isoladamente, sem contato com os alunos 'regulares' da Vila. Muitas vezes, precisam esperar que a aula dos alunos regulares acabe para que possam ingressar na quadra, assistindo as atividades dos alunos regulares por trás dos grades da Vila. Outro dado é que o espaço para esses alunos do CIEP é apenas o da quadra coberta, sem acesso ao campo gramado ou mesmo às salas de aula onde se praticam outros esportes como capoeira, jiu-jitsu e *karatê*, por exemplo. Mesmo porque no horário em que os alunos do CIEP vão à Vila, é o momento de maior temperatura e calor.

Teoricamente o aluno do CIEP pode se inscrever na Vila, porém, como a escola funciona para eles em tempo integral, tal possibilidade, na prática, não existe. Ou seja, eles estão impedidos, na prática, de fazerem outras atividades e ficam limitados à quadra esportiva e a serem sempre alunos do CIEP.

Um dos profissionais chegou a dizer que eles seriam 'sujos' no sentido literal. Outros afirmam que a maior parte das agressões observadas durante as atividades está entre esses alunos. Chamou-nos a atenção o fato de que nunca os vimos praticando esportes com roupas apropriadas, mas com os mesmos uniformes utilizados nas salas de aula, geralmente muito sujas e encardidas. Um outro entrevistado, funcionário da VOMCN chegou a dizer em uma entrevista que:

“Eles têm os horários pré-determinados deles porque eles não são marginalizados, eles estão dentro do nosso contexto. Tanto a coordenação técnica nossa quanto a nossa coordenação administrativa e técnica nossa tem abraçado essa causa.”

Durante a pesquisa, presenciamos violenta agressão entre dois alunos desse CIEP, ambos negros, com idade na faixa de nove a 10 anos, na qual o agredido ficou estirado se contorcendo no chão da quadra durante mais de cinco minutos, enquanto o professor advertia e colocava o agressor fora do jogo até que a atividade acabasse. Vale dizer também que os próprios colegas do agressor o advertiram questionando a violência da sua atitude. Mas nenhum deles tentou ajudar o aluno agredido que

continuou estirado até que se recuperasse por conta própria.

Observamos, em outra ocasião, uma mulher que não era aluna da VOMCN, sentada na arquibancada da quadra, esbravejando e proferindo bravatas contra uma aluna do CIEP que fazia suas atividades na quadra. A aluna foi avisada pelas colegas e as ameaças da visitante aumentaram, o que fez com que a aluna conversasse com a professora e esta mediasse o conflito entre as duas. Após a conversa, a visitante foi embora gritando muito e prometendo acertar ‘as contas’ em outro momento dentro da própria favela na qual ambas são moradoras. O problema, pelo que se soube, era que a aluna do CIEP havia agredido e ofendido parentes da visitante, a qual teria ido até a VOMCN para tomar satisfações.

Muitos fatores podem explicar a presença e participação dos alunos na VOMCN, segundo as afirmações deles próprios e de seus pais. A presença pode se explicar por questões relacionadas à saúde, como o caso de uma mãe que havia inscrito, por orientação médica, seu filho de sete anos hiper-ativo.

“Meu filho é **imperativo**. O médico mandou eu colocar ele pra fazer exercícios e ai trouxe ele **pra qui**. Mas ele é muito novinho.”

Júlia, como ela mesma se apresentou a mim, tem 23 anos, está separada, vive com a ajuda dos pais e com os ‘biscates’ que faz como acompanhante de idosos, afirma ter o ensino fundamental completo, nasceu em Fortaleza, mas veio quando nova para o Rio de Janeiro, morar no bairro de Costa Barros, onde está até hoje, e disse ainda já ter colocado o filho na escola, sem dar maiores detalhes.

A observação que a mãe do garoto fez se refere ao fato de ele ter apenas oito anos de idade e sua mãe ter sido chamada à atenção pelo professor para o fato de que embora inscrito, ele ainda tem a coordenação motora frágil e precisa praticar outros esportes antes de ser colocado junto com garotos um pouco mais velhos. Na verdade, o professor criticava a falta de critérios do setor de matrículas da VOMCN que incluiu aquele garoto na sua modalidade e junto a outros alunos mais velhos.

Outros pais colocam seus filhos para que eles pratiquem atividades motoras, desenvolvam o corpo, ou mesmo ganhem resistência a doenças, ressaltando a imagem de que a prática esportiva previne doenças (Cechetto, 2004) e serve como barreira tanto para doenças oportunistas quanto para doenças crônicas. Isso pode ser caracterizado como parte de uma geração chamada de “geração saúde”, que entende a prática de exercícios como sendo de vital importância para a saúde do corpo. Isso está também muito representado na mídia, em geral, tanto em programas jornalísticos, quanto em novelas e programas de humor. Esse tipo de concepção valoriza aqueles que fazem exercícios físicos, lhes conferindo status de pessoa saudável.

Outras justificativas também foram dadas pelos pais para que tivessem inscrito seus filhos na Vila Olímpica.

Um pai entrevistado disse que suas filhas, uma de 10 e a outra de 12 anos, passam o dia brigando dentro de casa e como ele não permite que elas saiam à rua, por ter medo da violência ou da ação de outros tipos de delinqüentes na rua onde mora, depois que voltam da escola, aonde ele também vai levá-las e buscá-las, afirmou tê-las matriculado na Vila para que elas ‘parassem de brigar’ entre si e se respeitassem. O pai, um senhor de 55 anos, aposentado, morador do bairro de Rocha Miranda, disse que leva todos os dias as duas filhas para a Vila Olímpica e se sente um frequentador privilegiado. Embora reconhecesse a importância do espaço para atividades físicas de todas as idades, ele próprio não fazia outras aulas, se limitando, como disse, a assistir suas filhas, embora começasse a se entusiasmar para fazer aulas de natação. Curioso foi notar que durante a entrevista ao pai, as garotas praticavam fundamentos do vôlei, mas sem interagir uma com a outra e sem prestar qualquer ajuda, no sentido de rivalidade. Vale notar que o pai também dava broncas quando alguma delas errava os passes.

“Em casa elas não param de brigar. Aqui eu fico tranqüilo, mas se elas ficam brigando muito, eu ameaço e digo que não vou trazer pra cá. Aí sabe o que acontece, chefe? Elas choram, eu fico com pena e trago. Sou um babaca. Pode falar.”

Embora esse pai não permita que suas filhas fiquem na rua onde moram, o que limita a interação delas com vizinhos, ele não deixa de se socializar e interagir com seus vizinhos da mesma idade. Afirmando até mesmo que está convencendo a mãe de outro garoto a matriculá-lo na Vila e oferecendo inclusive carona ao mesmo. O medo aqui é da rua que passa a ser vista como local de perigo, como local onde não se aprende “nada que preste”, como local da ausência de respeito e de vulnerabilidade a todos os tipos de violências.

Outros afirmaram que, dentro de suas casas, as crianças não se comportam bem, são agressivas com as visitas e vizinhos e ficam apenas vendo televisão (que dizem não ensinar coisas boas) ou jogando em videogames e computadores dentro de casa, nas casas de vizinhos ou nas *lan houses* tão comumente encontradas recentemente pelos bairros populares do Rio de Janeiro.

Em alguns casos, os coordenadores e os professores revelaram pouca participação dos pais dos alunos, no sentido de acompanhá-los para as atividades. Seriam poucos os pais que levariam seus filhos para praticarem qualquer esporte, *in loco*. O que pode significar que o trajeto para a Vila Olímpica não representa risco, ou significaria ainda que os pais não podem levar seus filhos ao espaço por estarem trabalhando ou cuidando de outros afazeres.

A observação participante registrou alguns responsáveis assistindo aos filhos, mas com poucos “cornetando”⁶⁵, ou pressionando professores a fazerem algo a mais pelo filho, cobrando “atenção especial”. Embora um professor tenha revelado em entrevista que teria tido ‘problemas’ com um pai por conta de pressão para que seu filho se profissionalizasse no futebol.

O lazer pelo lazer, o esporte como atividade lúdica é uma resposta pouco dada por pais e alunos. Poucos alunos dizem que estão no projeto para se distrair, passar o tempo, conhecer outros colegas e praticar algum esporte.

A afirmação de que a presença na Vila se dá para a profissionalização existe e

⁶⁵ Termo para pais, parentes, vizinhos ou amigos que ficam incentivando os filhos e amigos das arquibancadas.

há alguns alunos que assim falam, porém não é a fala hegemônica. Essa explicação é apenas mais uma entre as outras já mencionadas. Isso não significa dizer que o sonho da profissionalização e da ascensão social pelo esporte em função da representação supervalorizada que se tem do futebolista de sucesso, e a representação subvalorizada do emprego formal, destino dos seus parentes e vizinhos, não estejam presentes no imaginário desses alunos.

Nesse sentido, um entrevistado concedeu a seguinte declaração:

“Eu não acredito que nenhuma criança no nosso país venha a praticar futebol e não tenha a consciência de que amanhã pode vir a ser um jogador de futebol. Claro que é um entre 1000, mas eles vêm com esse perfil, de ser um bom jogador de basquete, de ser um bom jogador de futsal, de ser um bom lutador de judô. Então quando a pessoa entra aqui, ela entra imbuída dessa vontade. Tem alunos do *tae-kwon-do* que já são pessoas notórias dentro de competições nacionais. E nós temos profissionais aqui muito gabaritados. Quando o aluno vê estes profissionais, ele quer abraçar o esporte com todas as forças”.

Outro funcionário, quando perguntado como os pais se colocam ante o fato de os filhos virem para a Vila à procura de profissionalização, deu a seguinte resposta:

“Quando o pai vem trazer o filho aqui para ele se tornar um atleta, ele vem aqui galgar uma condição, uma vaga em qualquer clube, já que aqui prepara tanto fisicamente quanto tecnicamente e quando ele achar que aqui ele já não tem mais aquele ponto certo, ele parte para clubes profissionalizantes. Dali é que ele vai saber se o filho tem condições ou não. Ele já demonstrou aqui, mas ali ele vai saber se vai seguir carreira ou não. Então, os pais

quando vêm pra cá nessa intenção, eles vêm imbuídos dessa condição. E é mais no futebol, né?”

E completa:

“Quando o pai parte para uma prioridade dessa, de que o filho tem que ser jogador de futsal, basquete, vôlei, é porque ele não conseguiu ser o que queria ser e quer que o filho faça o que ele não fez. O camarada ferrenho acha que poderia ter sido um jogador de basquete e não foi porque casou e, porque casou, perdeu todo esse alinhamento, então como nasceu um filho homem, ele acha que o filho vai ser o que ele não conseguiu ser.”

Mas esses diferentes e conflitantes discursos para justificar a presença deles na Vila, devem ser respostas ou repercussões dos discursos dos profissionais da Vila quanto às suas funções: a informação sobre a realidade da maioria dos clubes e dos futebolistas profissionais, mas principalmente o discurso recorrente de que a Vila nem só socializa e nem só profissionaliza, mas tenta fazer inclusão social. Tal mudança de perspectiva nos alunos pode ser o resultado do trabalho desses profissionais a partir do momento em que as crianças entraram na Vila. Pois antes de entrar e ter acesso aos profissionais, a motivação original poderia, perfeitamente, ser a profissionalização a qualquer custo.

Um professor da Vila é mais enfático quando indagado sobre a questão da profissionalização:

“Acontece, a maioria tem expectativa de que vai jogar em clube. Aí é todo um trabalho feito na cabeça dele de que não vai ser dessa maneira... hoje mesmo teve dois que vieram com esse papo, ai eu tenho que falar que ele ainda não está pronto, que tem que se concentrar no colégio, mas a expectativa é grande.

Eles querem ir para qualquer clube, mas a gente sabe que a maioria deles é flamenguista, mas pra onde falar que vai levar, eles acham legal.”

De qualquer maneira, um aspecto da VOMCN parece ser real para todos os que ali praticam atividades: a Vila está muito próxima às favelas e às comunidades pobres, mas é um espaço onde, por algumas horas, se foge à realidade das comunidades no seu entorno, ao se perceber boas condições de uso, boa qualidade no serviço prestado, mas acima de tudo, pela socialização que se tem dentro dali: noções como respeito, competição com regras em um local sem a presença e o arbítrio de traficantes e policiais corruptos. Além disso, a Vila Olímpica marca a presença do Estado oferecendo uma experiência positiva com atividades esportivas e de lazer ao contrário de outras experiências dessas populações com representantes do Estado: corrupção policial, baixa qualidade nos serviços de saúde, experiências negativas com a escola.

Por fim, mas não menos importante, é a revelação de alguns alunos sobre a reação de conhecidos deles ligados ao tráfico de drogas à sua adesão ao esporte e frequência na Vila Olímpica. Os traficantes teriam passado a hostilizá-los com acusações de que diminuía sua masculinidade, dizendo que Vila Olímpica “não era coisa de homem”. Para esses jovens traficantes, com outra formação subjetiva, ser homem é “segurar em armas”, “ter disposição para matar” e ganhar respeito com o uso delas. Em novo registro, na formação subjetiva que os prepara para enfrentar as armadilhas e seduções do crime organizado, os alunos constroem outra representação da masculinidade: ser homem não é usar armas de fogo, mas ser vencedor nos esportes, aprender a se dedicar, respeitar regras e outras pessoas, embora não estejam livres das seduções de vencer a qualquer custo.

São duas concepções de masculinidade que passam a fazer parte do contexto social em que crescem os jovens pobres nas áreas mais violentas da cidade. Uma se afirma pela imposição de armas, destruição da vida do “inimigo” da quadrilha rival, exibição de poder para impor suas vontades perante moradores e seduzir mulheres (Zaluar, 2004). A outra, não letal, afirma que ser homem é vencer nos esportes, às

vezes fora das regras, mas sem precisar ceifar a vida de seus adversários e rivais que não se tornam inimigos mortais. Ainda assim, a busca de símbolos de poder, também se dá no sonho do esportista de sucesso, com muito dinheiro e fama, e a conseqüente exibição de sonhados bens de consumo, que atrai igualmente as mulheres.

A Vila Olímpica Municipal Carlos Castilho (Alemão)

Cravada no começo da favela da Grotta, parte integrante do Complexo do Alemão no bairro de Ramos, está situada a Vila Olímpica Municipal Carlos Castilho (VOMCC), às margens da Estrada do Itararé, ao lado de uma antiga fábrica de roupas íntimas (*Poesi*) implodida em 17 de dezembro de 2008⁶⁶ para construção de novas casas que farão parte do conjunto de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em andamento na região, e do outro lado por um depósito da COMLURB. Ao lado da Vila Olímpica também há acesso para a favela da Aurora, de dimensão menor que a Grotta.

A VOMCC está inserida na área da Administração Regional do Complexo do Alemão (XXIX RA) que engloba 12 favelas⁶⁷ e o Complexo atravessa bairros como Ramos, Olaria, Penha, Bonsucesso e Inhaúma. Segundo o Censo de 2000⁶⁸, existem 65.000 moradores nesta RA.

Dados do portal Rio Como Vamos apresentam elevadas taxas para a região nas seguintes categorias: “morte total por intervenção legal” (9,6 mortes por intervenção legal - ação policial - por cem mil habitantes, por local de moradia), “morte juvenil por intervenção legal” (65,82 mortes por intervenção legal - ação policial - de homens de

⁶⁶ Cf. <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2008/12/17/estrada-do-itarare-sera-interditada-para-implosao-de-antiga-fabrica-587329155.asp>. Acesso em 29 de dezembro de 2008.

⁶⁷ Morro da Baiana, Morro do Alemão, Alvorada, Matinha, Morro dos Mineiros, Nova Brasília, Pedra do Sapo, Palmeiras, Fazendinha, Grotta, Vila Cruzeiro, Morro do Adeus.

⁶⁸ Fonte: Instituto Pereira Passos. Cf: http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/491_populacao%20residente,%20por%20idade%20e%20por%20grupos%20de%20idade.XLS. Acessado em 09 de março de 2009.

15 a 25 anos por cem mil habitantes nessa faixa etária, por local de moradia), “agressão a criança” (21,2 internações na rede pública de crianças de 0 a 14 anos por causas relacionadas a possível agressão, por 10 mil habitantes nessa faixa etária, por local de moradia), “auto de resistência” (40,30 mortes em confronto com a polícia, por cem mil habitantes, por local de ocorrência).

Itens como “mães adolescentes” (o segundo pior de toda a cidade, perdendo apenas para o Jacarezinho), “abandono total do ensino médio”, e, absolutamente, todos os indicadores de cultura também registraram números preocupantes.

O Complexo do Alemão registra altos índices de violência, apesar dos problemas encontrados para a coleta de dados, que ocorre em função de problemas no registro dos endereços dos moradores, ou seja, o residente do Alemão pode aparecer estatisticamente como um residente em um bairro formal; com isso, os dados cairiam nos bairros formais, os sobrecarregando e aliviando os índices sobre a RA do Alemão.

A Vila Olímpica dispõe de uma piscina, pista de skate, ginásio e quadras poliesportivas, salas de aulas usadas para esportes como capoeira, *tae kwon do*, karatê, *ballet*, entre outros, e uma pequena biblioteca na sala de reforço escolar.

A VOMCC funciona de terça a domingo, para atividades regulares, com ensino dos fundamentos dos esportes durante a semana, e recreativas durante o fim de semana. Ao longo dos 12 meses a VOMCC está aberta, sendo usada também como Colônia de Férias durante as férias de janeiro. Nesse espaço de tempo, segundo entrevistas, os alunos regulares não freqüentam a VOMCC em função de viagens para casas de parentes em outras regiões da cidade ou para outros estados. Outra explicação dada é que esses alunos não gostariam de ir à VOMCC apenas para fazer lazer ou atividades meramente recreativas porque consideram suas atividades mais ricas e superiores, não querendo ‘se misturar’.

Se a favela do Acari é famosa pela ocupação policial nos anos 1990, pelas “Mães de Acari” e por algumas músicas *funk*, a favela da Grota também não fica para trás: lá foi onde ocorreu o assassinato do jornalista Tim Lopes em 2002 que tentava filmar um concorrido baile funk nessa mesma comunidade.

A Vila tem uma coordenadora, que é a responsável por gerenciar o espaço e as

atividades, uma enfermaria para primeiros e pequenos socorros, uma área sócio-educacional, composta por pedagogos e psicólogos que recebem os alunos mais 'problemáticos', um setor de reforço escolar e funcionários que cuidam de tarefas mais burocráticas: preenchimento de relatórios, folhas de ponto, inscrições e informações a alunos, pais e responsáveis.

Qualquer pessoa pode se inscrever na Vila do Alemão, assim como na Vila de Acari, também pode vir de qualquer região da cidade, porém, se for menor de idade, além da autorização do responsável, precisa também comprovar matrícula escolar. Segundo a coordenadora, a VOMCC atende a 6.000 pessoas por ano, e conta também com muitos inscritos na terceira idade. Cada aluno pode se inscrever em quatro categorias em dias e horários diferentes, desde que haja vaga e disponibilidade de horário. Ainda segundo a coordenadora, as categorias mais procuradas são natação e futebol. E a natação é a mais procurada por ser bem recebida por pessoas de todas as idades e sexos, enquanto o futebol se limita a homens jovens.

Essa unidade também é financiada pela PCRJ, embora a administração caiba a uma ONG, que recebe esta incumbência por meio de licitação. Esse processo não impede, segundo dados coletados durante a pesquisa de campo, que haja interferência de políticos locais. Também não garante boas relações de trabalho com a ONG. Durante o trabalho de campo, por exemplo, os funcionários de limpeza e segurança registraram que estavam há três meses sem recebimento de salários.

O funcionamento da Vila é condicionado às condições de segurança ou (insegurança) do local. É rotina que a Vila não funcione em dias com forte troca de tiro entre traficantes e policiais. Algumas vezes o próprio trabalho de campo chegou a ser interrompido ou impossibilitado em função de violência. Vale lembrar que em 2007 e 2008 a Secretaria de Segurança intensificou ações de repressão ao tráfico, especialmente no Complexo do Alemão.

Em 2007, meses antes da realização dos Jogos Pan Americanos e em 2008, ano de início das obras do PAC, tais ações se intensificaram, prejudicando ainda mais o trabalho na Vila, e prejudicando também o trabalho de campo. Além de interrupção por trocas de tiros, também atestei que nos dias chuvosos as atividades realizadas ao ar

livre são interrompidas por questões de segurança.

Por outro lado, um fato saudado por todos, ironicamente, é a existência de um só comando de traficantes em toda a comunidade do Complexo do Alemão. Tal hegemonia do tráfico apenas pelo Comando Vermelho possibilita que os alunos de todos os bairros possam freqüentar a Vila Olímpica. Ao contrário da Vila de Acari, onde alguns alunos relataram dificuldades no trajeto.

Formalmente, há duas maneiras de se tornar professor da VOMCC: por envio de currículo à Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL) e posterior seleção, ou como professor de Educação Física da rede de escolas municipais do Rio de Janeiro.

A seleção via currículo e posterior seleção, nem sempre parece ser baseada apenas em critérios técnicos. Aspectos políticos parecem fazer parte desse processo. Segundo um informante, um vereador com reduto eleitoral na região, Jorginho da SOS, indicaria professores de educação física para fazerem parte do quadro da VOMCC. Esses mesmos professores seriam cabos eleitorais desse político, e, além disso, teriam uma espécie de dívida para com esse vereador, pelo fato de terem se formado na UNISUAM com volumoso desconto na mensalidade por conta de um acordo entre esta instituição de ensino superior e a ONG dirigida pelo vereador. Entretanto, as fontes que informaram esse fato, ressaltaram que não são todos os profissionais contratados que passam por esta indicação. Muitos se orgulhavam de ter um vasto currículo na área em que atuavam, como o de capoeira, *karatê* e *tae kwon do*, os quais foram entrevistados.

Outro aspecto é o que revela serem esses profissionais também moradores da comunidade do Alemão, uma vez que é ali onde está localizada a base eleitoral desse vereador.

De fato, durante as entrevistas gravadas, nenhum professor disse ter chegado ali por iniciativa do político local, mas afirmaram ter se formado na UNISUAM com bolsa de estudo e que teriam sido selecionados através de envio de currículo para a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. Outros professores, disseram também terem sido selecionados pelo envio de Curriculum Vitae para a SMEL, entretanto não tinham sua graduação na UNISUAM, embora morassem na região.

A existência de professores em duas condições: concursados da rede municipal

e contratados da ONG estaria gerando tensão entre professores. Um professor pertencente à rede municipal revelou:

“Nos espaços que eu circulo, não tenho visto nenhuma tensão. Particularmente, eu não tenho e nem tive nada, embora as circunstâncias favorecessem. Só depois eu fiquei sabendo que para cada professor concursado que vinha para cá, um era demitido. Mas no meu caso, conseguiram administrar a situação e ninguém foi demitido. Isso me faria muito mal e talvez eu nem viesse. Embora acredito que haja alguém que não pense assim.”

Em Campo

“Como é que é, professora? Cinco pras duas. Quero jogar bola, pô!”

Tal frase rompeu meus ouvidos durante trabalho de campo na VOMCC enquanto observava a chegada dos alunos para a aula de futebol no início de uma tarde muito ensolarada de 2008. Tratava-se de um aluno da VOMCC que lembrava à sua professora do tão esperado momento e tentava apressá-la para que desse logo o início das atividades. A frase foi marcante pois de alguma forma, punha em cheque não só a autoridade e o respeito do aluno pela professora, colocando-a não como educadora ou mestra, mas como prestadora de serviços, transformando a relação professor x aluno na relação cliente x consumidor, mas também os possíveis ensinamentos trazidos direta e indiretamente pelo esporte, como respeito e cooperação.

Os times de futsal que acompanhamos no campo eram majoritariamente compostos por garotos. Apenas em uma oportunidade pude constatar a presença de uma garota, e diga-se, em momento algum, registramos qualquer discriminação ou prática preconceituosa contra garotas que jogam futebol.

Isso não significa que os alunos sempre se respeitassem uns com os outros, ou que fossem sempre leais em suas jogadas. Ao contrário, durante várias ocasiões, professores dos mais diversos dias e horários e nas mais diversas atividades esportivas tiveram que punir um ou mais alunos, os excluindo momentaneamente da partida ou do dia de atividades. Em uma ocasião, um aluno teve que deixar a Vila Olímpica e foi informado de que só retornaria se pedisse desculpas para os professores.

No entanto, relatos de professores, nas entrevistas, mostram uma paradoxal e intrigante maneira para mediar conflitos com alunos mais rebeldes, pois saem da esfera de atuação da VOMCC e vão buscar respaldo e respeito fora do espaço para poderem dar continuidade ao trabalho. À primeira vista, buscar respeito e respaldo fora da Vila pode querer dizer buscar conversar com os pais, como se revelou recorrente durante o campo. Entretanto, isso não causaria estranheza.

O que revela a fragilidade do poder e prestígio dos profissionais envolvidos na VOMCC é o fato de que em alguns momentos, dois deles tiveram que conversar com os traficantes ou chefes de tráfico locais para que determinados alunos se acalmassem e passassem a respeitar as atitudes desses. O pedido, segundo eles, foi atendido e o aluno passou a se comportar melhor no espaço das aulas. Uma contradição em termos, pois o fato de buscar respeito em algo que é o contraponto da Vila, como estilo e alternativa de vida, para o que o projeto esportivo tenta construir uma barreira, prevenir. Uma vez que de alguma maneira, ao fazer isso, o professor está reconhecendo poder e dando legitimidade ao chefe de tráfico local e contradizendo o trabalho feito pela Vila Olímpica.

Durante a observação participante, atentamos muito para agressões entre alunos. Essas foram presenciadas em algumas ocasiões. E agressões observadas em partidas de futsal entre alunos que já praticam juntos há algum tempo, segundo os professores, e que ainda assim apresentam tensões. Em uma tarde ensolarada, enquanto um professor me dava entrevista, o outro expulsava um de seus alunos. Segundo o professor que expulsou, havia duas justificativas: agrediu um colega e desrespeitou verbalmente o professor que deu a ordem de parar a agressão. Nesse caso, a tática adotada pelos professores é a seguinte: na primeira vez, o aluno vai para

casa, e se nas próximas aulas, o desvio de comportamento permanecer, o aluno reincidente só poderá assistir às aulas trazendo o responsável até a Vila para que este seja avisado do comportamento do filho. Caso haja uma terceira reincidência, o aluno é expulso daquela atividade.

Um professor de futsal, há pouco tempo trabalhando na VOMCC, e ex-morador da região, revela usar dois discursos e duas práticas diferentes para reprimir comportamentos inadequados dos alunos. Segundo ele, os alunos mais “problemáticos” estariam entre os que têm entre 13 e 19 anos de idade:

“Eu tenho uma atitude diferente com relação aos mais velhos (13 a 19 anos). Eu procuro ser um pouco mais Anderson, ex-morador da comunidade, ser um pouco mais maleável, e ser menos Anderson, professor de educação física pra mostrar pra eles que eu também sou desta comunidade e também consegui romper esta estatística”.

Segundo os professores, a expulsão de alunos já aconteceu na Vila Olímpica, mesmo com todo o constrangimento de chamar o responsável do aluno para uma conversa com professores e coordenadores e com o aluno consciente da possibilidade de ser punido com a exclusão da Vila, um desses continuou se comportando mal e teve que ser excluído das práticas esportivas. Segundo os professores, a medida foi exemplar para que outros não repetissem o que o expulso fez e compreendessem que a Vila e o esporte exigem respeito à regras, à hierarquia e à autoridade.

A prática do futsal não necessariamente segue às regras internacionais, como impedimento, lateral, barreiras para cobrança de faltas, expulsões, cartões amarelos. Isto porque, o esporte é adaptado e de alguma maneira reinventado por essas atividades. Isso não ocorre apenas no futsal, mas no vôlei, no basquete, no futebol *society*. O que revela a capacidade de reinvenção e recriação.

Por que praticar um esporte? Que esporte?

Mente Sã em Corpo São!

O que pode levar um jovem a buscar a prática de um esporte na VOMCC? Diversas respostas se aplicam a essa pergunta. Uma verdadeira multiplicidade de fatores faz com que crianças e adolescentes participem desse empreendimento esportivo. Bem como são diversos os motivos que concorrem para a desistência.

Tal qual na VOMCN, alunos mais novos, e ainda que inicialmente levados pelos pais, podem ser inscritos por recomendação médica. Nesse caso, a principal procura é a natação.

Jaqueline, negra, 30 anos, no segundo casamento, dona de casa, no segundo casamento, moradora da Grota, com ensino médio incompleto, é mãe de dois filhos, de pais diferentes. O mais velho, com oito anos de idade, está na escolha municipal e o mais novo, de cinco anos, ainda está nas classes iniciais de uma escola privada local. Seu atual marido é classificado por ela como “moreninho”, ele trabalha como auxiliar de pedreiro, sem registro em carteira, e recebe em média dois salários mínimos por mês quando está em alguma obra e tem baixa instrução, os pais do marido também são negros com baixa instrução (embora ela não saiba precisar quantos anos de estudo). Em sua casa, só ela frequenta a VOMCC, onde além de assistir às aulas do filho mais velho, conheceu outras mães, moradoras de outras comunidades do Complexo do Alemão e também da comunidade em que vive. Ela nos explica porque razão colocou seu filho nas aulas de natação às quartas e sextas-feiras.

“Meu filho tinha muitos problemas nos pulmões. Toda hora tinha que correr com ele pro pronto socorro. Era bronquite, asma, pneumonia, ai um médico falou que ele tinha que fazer natação pra ajudar ele. Aí uma vizinha me falou daqui da Vila e que era de graça, aí eu coloquei ele aqui. O médico lá do posto falou que

esse era o esporte mais concreto. Comentei com uma vizinha e ela me falou disso aqui.”

Ela mesma diz ter se inscrito na Vila, embora não faça atividades regularmente, porque os horários não permitem e também porque diz nem sempre poder levar seu filho. Mas reconhece melhorias na qualidade de vida de seu filho depois que ele foi inscrito:

“Quando ele entrou, era mais calado, quietinho e tossia muito. Agora ta se soltando mais, tem mais amiguinhos e ficou melhor na escola.”

Embora não tenha dados mais concretos e parâmetros mais seguros para afirmar o avanço do filho mais velho, essa percepção é comumente atribuída às práticas esportivas. A saúde, sua prevenção, remediação ou mesmo conservação, é causa de acesso e adesão à Vila Olímpica.

Ao levar o filho para as aulas, ela passa a conhecer outras mães de diferentes comunidades do Complexo do Alemão. Nas conversas paralelas às aulas de natação dos filhos, relatos de troca de tiros, mortes de traficantes ou usuários de drogas com dívidas, ações brutas da polícia militar pelo “caveirão” são comuns. Mas para além das histórias tristes, as mães também tratam de assuntos de suas igrejas, do dia a dia dos maridos, namorados ou amantes e fazem muitas reclamações das escolas onde seus filhos estão matriculados. Tida sempre como um local inóspito, de baixa qualidade de ensino e de condições precárias, a escola é encarada pelas mães em suas conversas com a expressão: “é ruim, mas é pior sem”. Nessas conversas, informações sobre qual a melhor escola, o melhor posto de saúde, o que faz cada associação de moradores e seus representantes servem para compor o quadro de percepção sobre a comunidade, em resumo, a VOMCC possibilita que elas reforcem seus laços sociais.

Em nome do pai.

Entre as razões para a adesão à VOMCC, uma é a profissionalização. Uma entre outras, pois não podemos dizer que ela seja a única e nem a principal, e para fazermos qualquer afirmação séria nesse sentido, far-se-ia necessário um *survey* com alunos e seus pais. Mas durante o trabalho etnográfico, encontramos alunos cujo objetivo é a profissionalização.

Entre os alunos observados, chamou-nos a atenção, o caso de um aluno com 12 anos de idade que, diariamente, era levado pelo pai, apresentando-se sempre uniformizado, como um jogador profissional: chuteira, meião, camisa e short oficial do C.R. Botafogo. O pai, um ex-jogador do Botafogo, clube em que teria atuado com Josimar, tem formação escolar de nível médio, e hoje é pequeno comerciante na região, não sendo morador do conjunto de favelas do Alemão, mas do bairro de Ramos.

As expectativas do pai em relação ao filho são as de que ele faça uma carreira de mais sucesso que a sua, e embora não possa ser considerado como de baixa renda, a profissionalização do filho possibilitaria à sua família condições melhores de vida e o exercício de uma carreira onde ele mesmo não obteve grandes glórias. Vestido mais formalmente, com camisa de manga comprida, calça jeans, sapato bem engraxado, o pai assiste ao filho em campo, dando dicas, orientações, mas de maneira discreta, como se estivesse interessado em que apenas o filho as compreendesse. Ele entende que o espaço da Vila, além de socializar, também profissionaliza, pois conta com bons e dedicados profissionais, que ensinam os fundamentos básicos do esporte e ainda padrões de comportamento. E pensa que o fato de ser uma Vila Olímpica, remete à idéia de formação de atletas. Além disso, o fato de seu filho estar na VOMCC o expõe a maiores visibilidades, podendo ser “pescado” por olheiros e similares enquanto aprende os fundamentos e pratica o esporte de forma mais regrada e disciplinada. Não obstante, o pai busca fazer com que seu filho tenha uma alimentação adequada à de um futuro esportista. Aliás, não limita apenas a alimentação do filho, mas também seu comportamento: horário para dormir, acordar e restrição no acesso e prática de atividades que gerem desgastes físicos inúteis para a vida de um atleta. Ou seja, o pai

exige do filho um rigor disciplinar capaz de prepará-lo para a vida profissional, segundo sua concepção, o que o leva a ter certeza da inserção do filho no mundo esportivo. Além disso, o pai cobra resultados escolares também. Matriculado no sétimo ano do ensino fundamental em uma escola particular da região, o pai diz acompanhar de perto o filho na escola. Segundo ele, “ser jogador de futebol não quer dizer que não saiba ler, escrever e estudar”. O filho desse senhor, Daniel, parece aderir ao empreendimento que é incentivado e ‘administrado’ pelo pai. Demonstra disposição para as partidas, sem fazer o tradicional “corpo mole” e se mostra empenhado, entusiasmado e dedicado durante as atividades. Logo ao chegar, mesmo com os treinamentos já iniciados, é logo alocado em um dos times, demonstrando que os professores também encampam o projeto. O jovem tem como claro e certo o projeto desenhado pelo pai e repete o discurso. Pretende manter o ritmo de aulas na VOMCC, o padrão de alimentação e de rigor disciplinar para se tornar um atleta de alto rendimento. Quanto à escola, se diz um excelente aluno, afirma assistir a todas as aulas, ter boas notas e ter gosto por matemática. Uma certa dose de superioridade tempera suas relações com os outros alunos. Daniel diz que está treinando em conjunto com os outros alunos, mas se sente diferenciado, como se tivesse sido escolhido, predestinado, portador de um dom e tem quase como certa a sua profissionalização, basta como exemplo a indumentária diferenciada que usa para a atividade.

Entre os outros alunos, há um misto de ironia, admiração e desprezo, mas, em momento algum, demonstram agressividade, o que caracteriza respeito. Segundo os professores, essa relação para com os demais alunos nem sempre foi assim, se mostrando mais tensa logo que Daniel começou a freqüentar as aulas e tendo sido preciso maiores esforços para apaziguar os ânimos. Essas tensões podem ser explicadas pelo tom de superioridade que Daniel assume, tanto no que diz, como no que veste e na forma como se comporta corporalmente. Isso atrai as atenções, olhares, e uma certa dose de inveja pela atenção que os professores dispensam a ele e ao pai.

Pintinho, 12 anos, outro aluno, também aposta na profissionalização. Pardo, no Quinto Ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal da região, morador de uma das favelas do entorno, a Pedra do Sapo, sua mãe é nordestina e o pai carioca. A mãe completou o segundo grau e trabalha de faxineira e o pai como auxiliar de

padeiro. Pintinho mora na mesma comunidade desde que nasceu, tendo apenas se mudado de uma rua para outra. Sua mãe esteve na VOMCC apenas duas vezes: para efetivar sua inscrição (quando foi informado do espaço por um vizinho) e para perguntar aos professores que futuro ele teria como pé-de-obra. Nunca mais voltou e, segundo ele, pouco pergunta sobre suas atividades. O pai, disse Pintinho, pouco tempo tem, pois chega do trabalho pela manhã e durante o dia está descansando. Quando perguntado se os pais o incentivam mais na escola ou na Vila, responde que em ambas, mas sempre perguntam pela Vila.

Pintinho reconhece algumas conquistas na Vila Olímpica: fez amigos da própria comunidade que não conhecia antes, de outras comunidades e dos bairros (Ramos, Inhaúma e Olaria). Diz estar mais esperto na escola, até tendo sido elogiado pela professora e também entende que os professores da VOMCC ensinam “coisas da vida”, ou seja, o que seriam os conselhos, as noções e posturas que os professores passam como cidadania, cuidados com a saúde e “dicas” para o dia a dia.

Seu objetivo na VOMCC é abrir caminhos para uma possível profissionalização.

“Os tios daqui às vezes levam a gente pra treinar num clube. Um dia eu vou e vou me dar bem porque é a chance da minha vida”.

Note-se que quando perguntado em que posição queria jogar, não tenha citado nenhuma, para a pergunta sobre quais seriam seus ídolos, porém, não faltaram nomes: Romário, Adriano, Zico e Maradona. Ídolos de personalidades diferentes, e de épocas diferentes. Pintinho reconhece que não viu Zico e Maradona em campo, mas sabe que foram grandes jogadores. Mesmo sem ter claro em que posição jogavam, sabia que Zico e Romário foram jogadores do Flamengo, time pelo qual torce.

A chance de se profissionalizar para ele é a possibilidade de sair da favela e levar sua família. Sem perceber as limitações que a carreira de futebolista apresenta, Pintinho entende que ao conseguir a profissionalização através dos “tios” é seu dever e levar junto a família porque “são seus pais”, ou seja, “naturalmente” ele tem uma dívida

para com eles.

Sua vida, mesmo com poucos anos, é típica de morador de favela. Ouve tiros constantemente, tem familiares envolvidos no tráfico, já presenciou execuções e sabe que amigos mais velhos já perderam amigos em confrontos armados e agressões, além dos desaparecidos.

Para Pintinho, a escola é um lugar “maneiro”, mas os “tios” de lá faltam muito porque dizem ter medo de bala perdida (coisa que para ele é normal) fato que o desestimula pois isso prejudica as aulas e constantemente chega em casa mais cedo. Possui mais dois irmãos. Um, mais velho, que já trabalha como ajudante de empacotadora em um supermercado local e outro, com 10 anos, que “só estuda e solta pipa”.

Embora sua mãe não seja freqüentadora da Vila Olímpica e nem acompanhe seu filho, a Vila serve como espaço para que outras mães e pais imigrantes, bem como outras crianças filhas de imigrantes possam recompor suas redes sociais, fragmentadas pela chegada desses a uma nova cidade. Mesmo sabendo que boa parte dos imigrantes chegam às favelas através de contatos pré-estabelecidos com parentes, amigos ou conhecidos já estabelecidos aqui, sua rede social se fragmenta, tornando necessário, portanto, recompor a *network*, pois é através dela que se viabilizam novos empregos, informações sobre atendimentos de saúde, escolas, religiões, além é claro do conjunto de relações sociais, sejam de amizade, vizinhança ou outras. A Vila Olímpica pode ser útil a esse propósito, uma vez que sua função acaba ultrapassando apenas a esportiva.

Durante o trabalho de campo etnográfico, outras maneiras de descoberta e adesão à Vila Olímpica foram reveladas. Isso só se descortina por conta do trabalho de campo e em função de alguma fonte, de algum informante.

Trata-se de buscar alunos dentro das comunidades. Mas nesse caso, os alunos não chegam sozinhos, e nem por meio de alguma divulgação oficial, nem por vizinhos, parentes, amigos. Chegam, pois são convidados em meio a outros, como que se tivessem sido escolhidos em função de supostos talentos, habilidades e dons.

Funcionaria da seguinte forma: um membro da VOMCC vai até os locais onde se

dão as práticas esportivas das comunidades e lá ele faz as escolhas, selecionando alguns que ele julgue com mais habilidade. Na VOMCC, eles são treinados pelos professores que já estariam atentos a esse aluno, pelo fato de ele ter sido trazido, pescado, fisgado de dentro da comunidade.

Durante as atividades, caso o aluno demonstre desenvolvimento de habilidades, ou seja, que é capaz de apreender os fundamentos técnicos e se durante as partidas, seu dom e talento são revelados, isso pode valer um encaminhamento a um clube, escolinha ou centro de treinamento de caráter exclusivamente profissionalizante. A se confirmar tal indicação, aquele que indica receberia uma compensação pecuniária, a qual seria dividida entre esse e o professor que o treinou. Ou nem seria dividida, mas seria compensada como forma de aumento do prestígio desse professor para com esse funcionário (hierarquicamente superior na administração do espaço). Observe que não encontramos nenhum aluno a confirmar tais fatos, nem mesmo outros professores, portanto, devemos ter esse fato apenas como sendo a versão de um informante.

Em sendo verdade, a adesão do aluno à VOMCC ainda que não motivada por razões comuns (amigo, vizinho, avisos, divulgação local, etc) passa a ser feita em nome dos pais, pois a profissionalização como pé-de-obra, como já abordamos, remete a retribuição, ao dom e contra-dom entre pais e filhos. E nesse caso, as pressões familiares para profissionalização podem ser até maiores, em função da criação de expectativas mediante a “descoberta” de seus filhos por um “agente”.

Outros vínculos, chegadas e saídas

Sávio, 28 anos, negro, com baixa escolaridade (apenas quatro anos de estudo), fato atribuído à mãe pois diz que ela era “de igreja” e quando ela o soltou, ele não “quis mais saber de estudar”. Está inscrito na Vila, mas não foi iniciado na capoeira ali, mas em outro projeto social que seu Mestre participava também no Complexo do Alemão.

Candoblecista durante dez anos, atualmente parado por dizer que existe muita falsidade neste meio, está inscrito na Vila para praticar capoeira e sua matrícula na Vila

tem quatro anos, embora atualmente só esteja indo á Vila uma vez por mês. Seus pais estão vivos: a mãe trabalha como merendeira e o pai como operador de máquinas de reciclagem. Além disso, diz não ter mais a conta de quantos amigos perdeu em confrontos armados. Diz não ter emprego fixo, mas ser autônomo, e quando perguntado no que trabalha, responde que tem uma ‘birosca, uma tendinha, uma pequena mercearia’ na favela onde mora, a Nova Brasília, local que está desde que nasceu e de onde diz não ter vontade de sair. Sobre as constantes trocas de tiros e confrontos armados, diz estar muito acostumado e nem “ligar” mais, estar acostumado. Não é onde ele mora o local mais violento da Vila, mas sim, o onde a Vila está instalada, a Grotá.

“Aqui é muito moleque encrenqueiro. Lá pra lá é mais tranqüilo, tem meus amigos de infância. Aqui, se eu to passando e olho, eles perguntam ‘tá olhando o quê?’. Eles já conhecem a gente já desde pequeno e tem até como ter uma conversa. Com alguns, né? Quem sabe um dia eu queira me mudar, porque tenho uma filha e ela vai crescendo”.

Apesar dos problemas trazidos pelo tráfico, ele entende que conhecer os traficantes facilita a vida e o dia-a-dia na comunidade. Pois:

“Por conhecer a gente desde pequeno, às vezes tem até como ter uma conversa com alguns, né. Quando é o pessoal de fora, se chegar alguém e fizer uma merdinha, nem tem como falar. Querem te matar logo, nem tem nem desenrolo.”

Perguntado sobre o significado de “merdinha”, respondeu:

“Olhar para a mulher dos outros, a mulher passa e mesmo que ela te dê confiança, tu não sabe quem ela é, ai ela mexe contigo, ai tu vai mexer com ela, ela chega lá e fala que tu mexeu com ela e dá uma merda do caramba. Isso acontece quase todo dia.”

Entende que o espaço da Vila é muito importante, pois aprende regras, faz amigos e pode crescer como capoeirista. Por algum tempo, chegou a substituir seu Mestre de capoeira em outros espaços onde dava aula. Com linguajar muito peculiar, carregado de gírias pitorescas, ele navega entre estilos: se apresenta hora como bom aluno, atento, capaz de apreender os valores do esporte, mas também pode se apresentar como magoado e um tanto quanto revoltado por não ter recebido o grau de capoeirista desejado, mesmo reconhecendo que nunca deu bola para as gradações, o que evidencia, portanto, pouco esforço ou dedicação.

Mas afirma:

“Teve um aluno que por causa de um cordel que o Mestre não quis dar, ele entrou pro tráfico. Tu conhece ele, o Beizola, lá da Central. Por causa de um cordel, ele falou: ‘tu não vai me dar o amarelo, não?’ Meteu o pé e tá lá até hoje. Ele é muito cabeça dura, não quis esperar. O pai e a mãe dá tudo pra ele, sempre deu. Ele foi pela cabeça de amigos, não sei.”

Ao terminar a entrevista e comentar das dificuldades vividas por Sávio com um informante, o mesmo reage retrucando:

“Não dá muita idéia ao que ele fala não. Ele comete pequenos delitos: rouba celulares, carteiras, pequenas coisas. E ele não tem birosca nenhuma e quando foi me substituir, uma aluna me ligou dizendo que ele estava furtando celulares e pequenos

objetos.”

Isto seria o caso típico de um jovem de projeto, que adapta o seu discurso e o seu *self* ao que lhe é esperado, visando dar ao pesquisador as respostas que espera que este queira ouvir.

Outro jovem capoeirista entrevistado, Marcelo, 14 anos, morador da Fazendinha, pardo, estudante no primeiro ano do segundo grau, mora com a mãe e os irmãos em uma pequena casa. Inicialmente disse não conhecer o pai. Ao repetir a pergunta de outra maneira, disse que o pai os deixou quando ainda era pequeno e que não faz questão de manter contato, embora saiba quem seja e onde more. Sem timidez, diz ter perdido amigos e vizinhos em confrontos, acertos de contas e trocas de tiros com outros traficantes e policiais, ainda assim afirma ter muitos amigos no morro, onde “quase todo mundo” o conhece. Como sonho de carreira profissional, Marcelo almeja ser fuzileiro naval. Ao ser perguntado por mim se tinha perdido parentes, responde:

“Não perdi porque meu tio se mudou. Ele agora mora na Região dos Lagos, porque a quadrilha que entrou lá era de outra facção e ele teve que se mandar para não morrer.”

Ao comentar com meu informante sobre isso, ele responde:

“E quase que ele vai pro outro lado também. Só ficou porque conversamos com ele e explicamos as coisas, mas ele chegou a pegar em armas e a sair da Vila, sumiu, deixou de fazer as aulas. Tivemos que falar com a mãe dele e com uma tia que mora perto.”

Isto faz todo o sentido, pois ao ser perguntado sobre o que era importante para não entrar no tráfico, e porque ele não tinha seguido o tio, Marcelo responde:

“Ouvir sempre os mais velhos e os amigos de verdade.”

Se há amigos engajados na defesa das duas possibilidades, o que leva a escolha para um lado e não para outro? Formação familiar? Exemplos caseiros? Medo da morte? Desapego a bens materiais?

Iniciado na capoeira pela Vila Olímpica, disse ter se interessado na prática deste esporte porque alguns amigos da favela lhe falavam das aulas ali exercitadas e o levaram para lá.

É muito comum encontrar alunos que chegam ali levados por outros alunos em função de relatos excitantes em relação ao esporte, à socialização e à competições. Poucos destes atraem os pais.

Outra aluna de capoeira, diz ter descoberto este esporte em um núcleo do Projeto Mel perto de sua casa. Adriana, 17 anos, moradora do bairro de Ramos, negra, com o pai desempregado e vivendo de biscates e a mãe também desempregada, disse que além da capoeira, este núcleo do Projeto Mel também oferecia aulas de dança e futebol. Inicialmente interessada por capoeira, só passou a praticar depois de um tempo observando como era e tomando confiança na equipe e nos alunos.

Quando o núcleo do Projeto Mel fechou, ela seguiu fazendo capoeira no núcleo do professor Martins, no SESC de Ramos, e só veio a se inscrever na Vila Olímpica em julho de 2008. Afirma que freqüentar a VOMCC serve para distrair, desabafar, extravasar e que depois de um dia de aula, ela sai da Vila Olímpica tranqüila, disposta a encarar qualquer problema, mas com a cabeça renovada e não freqüenta em outros dias pois diz morar longe e ter que chegar à Vila Olímpica andando de onde mora. Adriana pensa em ser professora de educação física, motivada pelas aulas de capoeira e pelo seu próprio professor.

O professor de capoeira da VOMCC revelou que esta prática esportiva sofre perseguição e discriminação de seguimentos de religiões neopentecostais que entendem a capoeira como uma manifestação de religiões afro-brasileiras. Segundo

este professor, a capoeira seria condenada em cultos religiosos pelos pastores neopentecostais que, em alguns casos, teriam criado uma espécie de capoeira cristã. Este professor de capoeira, que prefere ser chamado de Mestre, trabalha há 30 anos na região, já formou dezenas de capoeiristas, e tem um vasto currículo no esporte. Revela-se indignado com o preconceito dos neopentecostais e entende que esta disputa seja de ordem econômica. Pois, fazendo parte da capoeira, o neopentecostal teria que comprar materiais, uniformes, pagar aulas, portanto, sobrando menos recursos para o dízimo. Esta tese foi confirmada pelos seus alunos. E dizem que ao colocarem músicas de capoeiras dentro de casa, são chamados de macumbeiros pelos vizinhos.

Os dramas e histórias tristes não são relatados apenas por alunos e seus pais. Professores também se colocam dentro deste corolário. Entre estes, está Roberto, negro, 38 anos, morador do Complexo do Alemão desde que nasceu, formado em Educação Física pela UNISUAM, filho de dois capixabas que vieram cedo para o Rio de Janeiro, tendo seu pai sido taxista e sua mãe dona de casa. Passou por quatro casamentos, e diz ter sido rebelde quando mais jovem. Pai de três filhos: duas meninas e um menino.

Não diferente dos alunos, também disse ter perdido vários amigos para o tráfico de drogas e se diz surpreso, apesar do longo tempo de moradia no Complexo, com a onda do *crack* que invade a sua comunidade e outras. Ele mesmo diz que no Jacaré, em determinado ponto, algumas meninas “fazem de tudo” para conseguir comprar essa droga. Sua visão sobre as drogas não é das melhores, e nem poderia ser diferente, em vista do que vamos revelar a seguir, mas entende que uma juventude viciada atrapalha o futuro do próprio país, pois viciados em drogas, não conseguiriam estudar, trabalhar, e até mesmo poupar suas economias.

“O futuro da sociedade são as crianças e adolescentes. E você tira uma boa parte que é viciada nas drogas fortes. Maconha é o cigarro normal para eles. E cada dia mais. Tem época que você chega ali e se eles não têm dinheiro para comprar drogas, eles

cheiram éter puro, redutor de tinta, acetona. O problema do crack é que o efeito dele é muito rápido, e por ser menos prolongado, eles usam mais, aí fica mais caro. Mas se estes viciados praticassem esportes, não iam correr esses riscos.”

Os laços de vizinhança lhe serviram de base para uma descoberta que, pelo seus comentários, parece ser bombástica em sua vida: a entrada do próprio filho do primeiro casamento para o tráfico de drogas. Apesar das diversas tentativas, como inserir o filho em um pequeno chaveiro que ele mesmo possuía em uma rua da comunidade onde mora, mas teve arrendá-lo pelo fato do filho ter abandonado o trabalho, também diz tê-lo ajudado a procurar outros empregos, e dialogar constantemente junto à mãe, a entrada para o tráfico parece ter sido inevitável. Nem os amigos de seu filho que foram assassinados em função de confrontos com outras quadrilhas de traficantes, ou com policiais, serviram para que seu filho negasse o caminho do tráfico. Diz ainda que não deixa faltar nada ao filho, mas em sua família há outros exemplos parecidos.

“O que tá levando ele pra isso é a amizade. Ele conhece os dois lados, o bom e o ruim, tem festa, a gente vai, final do ano é aniversário dele, a gente faz festa. E eu acho que a falta de um emprego mais fixo. Porque ali no chaveiro, por eu ser dono, ele acha que pode ir a hora que quiser, então ele acha que não tem responsabilidade. O que tá faltando pra ele é cair na responsabilidade. O problema dele é que ele quer andar junto. Tá lá o cara andando de fuzil e ele na garupa da moto. Se a polícia chega, dança todo mundo. Entendeu? O que tá levando ele a isso é as amizades e o emprego. Já conversei com ele que sou nascido e criado dentro da favela, conheço tudo que é bandido e não vou deixar de falar com ninguém, pelo contrário, um monte deles jogou bola comigo. E a outra coisa é que as meninas dão

muito mais valor a quem tá portando uma pistola, um fuzil, do que aos trabalhadores. É a onda dele”.

Nem mesmo a sorte não lhe serve de parâmetro ou sinal de alerta:

“Um dia eu comprei um móvel lá pra casa e pedi a ele para me ajudar a montar. Montamos, ficamos conversando, depois entramos na internet e quando vi já eram 2h da manhã. Dormimos. No dia seguinte, fui saber que quatro rapazes foram na casa da mãe dele, pra onde ele ia se não fosse montar o móvel comigo, e chamaram ele pra sair. No dia seguinte veio a notícia de que os quatro foram mortos em confrontos com a polícia pois foram para o Méier roubar, na volta passaram em alta velocidade por uma blitz, a polícia veio atrás, eles não pararam e aí tomaram tiro. Já perdeu um outro primo também, mas eu não sei o que ele quer ver mais.”

Mas, lembra Roberto, foram os vizinhos “de bem” que o avisaram do caminho que o filho estava tomando.

“Os amigos ligam pra mim e avisam que o meu filho tá assim, assim e assim. Toda hora um vizinho vem e avisa. Porque a gente faz isso, o que a gente não quer pro nosso filho não vai querer pros filhos dos outros. Na comunidade, as pessoas de bem costumam fazer isso. Teu filho tá andando com Fulano, você tem que saber e vão te dar uma idéia. Chama lá o cara e se não quiser acreditar, paciência, se quiser, beleza.”

Esse relato serve para percebermos o drama pelo qual passam pais, parentes e vizinhos de jovens que se aventuram pelo mundo do tráfico de drogas. Mas, ao mesmo tempo, mostrou solidariedade, reação ao tráfico e a dor por uma possível perda de um filho.

Neste ponto, temos aqui um exemplo claro de como a eficácia coletiva pode contribuir para a prevenção à violência e a redução da criminalidade (D'Araujo, 2003) Ou seja, o estreitamento de interações sociais e dos laços morais entre vizinhos, a predisposição para atuarem em conjunto na resolução de problemas da comunidade bem como a confiança mútua são elementos vitais no incremento da vida coletiva, cotidiana e no aprimoramento do sentimento de comunidade. São tais fatores que permitiram aos vizinhos acreditar que seria possível comunicar ao pai o ingresso de um dos seus filhos no tráfico de drogas e na criminalidade local. A partir disso é que o pai pôde tomar consciência do ocorrido, chamar seu filho para o diálogo e tentar demovê-lo da idéia. Mesmo demonstrando ceticismo em relação à “salvação” do filho, o pai pôde ser alertado e estabelecer um diálogo, conscientizando o filho sobre os riscos, dramas e preços da empreitada na qual está se inserindo.

Embora a Vila do Alemão também se caracterize pelo discurso da maioria dos professores entrevistados ressaltando seu aspecto social, tal qual a de Acari, ao entrevistar um professor de determinado esporte individual, ele mostrou outra tendência:

“Eu trabalho em Vila Olímpica há quatro anos. E em Vila Olímpica, você tem que pegar a criança que tava na rua, fazer aquele trabalho social, e uma porção de coisas. Só que o meu trabalho não é assim, ele é assim também. Por ser de uma linha de competição já desde minha época de garoto, eu procuro trazer isso pro atleta. Então quando eu cheguei na Vila Olímpica, eu descobri que aqui é um celeiro de atletas. Aqui é onde você descobre grandes atletas, porque através das dificuldades que eles têm lá fora, eles chegam aqui e às vezes superam. Aqui tem

atleta tri-campeão estadual do Rio, tem um que vai fazer exame de faixa preta semana que vem e é um dos mais técnicos do Rio de Janeiro, vem de comunidade carente, a casa é 3x3, de madeira e tinha tudo para se transformar em traficante. Fora outros.”

Um professor de natação relatou o caso de um ex-aluno da VOMCC que se diz grato à Vila e ao próprio professor, por ter sido aprovado em concurso público para o corpo de bombeiros após, entre outras coisas, ter sido aprovado na prova específica de natação. Segundo o professor, o aluno entende que foi graças às aulas e aos treinos que o aluno exercia até depois da hora de sua aula, que o possibilitaram a ingressar no Corpo de Bombeiros. Este mesmo professor tem uma trajetória peculiar: era segurança da Vila Olímpica de Acari, se interessou por Educação Física, cursou e terminou a faculdade, disse ter sido escolhido pela por ter enviado currículo para a SMEL e criou a modalidade *Aero Defense*⁶⁹, praticada em Acari e no Alemão, as duas unidades onde ele dá aulas.

Isso pode dar uma resposta à celeuma da utilidade dos espaços: profissionalizar ou socializar. Além de ficar claro que bons profissionais dos mais variados esportes podem ser encontrados nestes espaços, fica claro também que esta visão maniqueísta e limitada não dá conta de toda a complexidade que perpassa um espaço esportivo em comunidades carentes. Ele serve para profissionalizar como esportistas: no futebol, no basquete, no futsal, no vôlei, no *tae kwon do*, mas serve também para que aquelas práticas sejam utilizadas para o mundo do trabalho fora do esporte, como é o caso do aluno ingresso no Corpo de Bombeiros e relatado aqui. Sem falar nas possibilidades que se abrem para trabalhar como professor de educação física, mestre de capoeira, mestre de karatê, ou até mesmo *tae kwon do*.

Se o aluno da Vila Olímpica (seja a do Alemão ou a de Acari) não servir como esportista, professor, ou profissão paralela, ele terá tido contato com os fundamentos dos esportes modernos. E que por mais que permeados pela lógica do capitalismo

⁶⁹ Uma espécie de dança aeróbica que se combina com socos ao vento.

selvagem de vencer a qualquer custo, este aluno encontrará sempre razões, lições e referências para acreditar nos valores passados num espaço como este.

Se ainda em todo este quadro, é comum encontrar alunos que em conversas comigo, relataram profundo desgosto para com a escola e a educação formal. desesperança em relação ao futuro que a escola pode oferecer, tédio para assistir às aulas são alguns dos sentimentos passados pelos alunos, ao mesmo tempo, estes alunos da Vila reconhecem a importância de falar corretamente a língua quando algum deles comete um erro grave, ou quando demonstra dificuldades para contas matemáticas básicas, reconhecem ser portadores de direitos sociais e civis, causa direta dos discursos dos professores de valorização da cidadania, da lei e da ordem, fatos que re-valorizam a educação e a escola. Além do constante discurso de valorização do trabalhador, do respeito às regras, da vitória pelos próprios méritos.

Como vimos, os ganhos dos alunos, seus pais, professores e gestores do projeto, e de todos aqueles que transitam por uma Vila Olímpica vão muito além da esfera esportiva, ou seja, de suas experiências com os esportes. Englobam também ganhos na ampliação das redes sociais, na ampliação do horizonte profissional e de seu campo de possibilidades (que não apenas o esportivo), na descoberta da existência de novos valores sociais, na percepção de novas identidades, de novas e alternativas experiências de vida.

Ou seja, o impacto da Vila Olímpica também está presente no dia-a-dia de seus envolvidos.

Projetos Esportivos, Vilas Olímpicas e Práticas Esportivas

A interpretação desses dados pode ser facilitada pelos dados da pesquisa de campo feita anteriormente sobre um projeto esportivo desenvolvido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e que foi realizada entre 2004 e 2005. Durante a investigação sobre o Projeto Mel feito no NUPEVI, percorremos 30 núcleos onde se davam atividades esportivas, culturais e artísticas, espalhados nos mais diversos bairros da cidade. O MEL é o mais abrangente projeto esportivo governamental da

cidade do Rio de Janeiro, pois conta com mais de 200 núcleos espalhados por toda a cidade, ou seja, ele está presente em muitas praças e espaços públicos de esporte e lazer desta cidade, em um modelo matricial que o enraíza com mais eficácia nas vizinhanças. Durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de entrevistar os profissionais (membros das comunidades que são contratados como instrutores, apoios e coordenadores dos núcleos) que ensinam a prática de atividades esportivas, culturais e artísticas nestes, assim como entrevistamos pais de crianças matriculadas e também as próprias crianças.

Para fazer parte do Projeto Mel, os alunos deveriam estar oficialmente matriculados em escolas e portarem autorização médica para a prática do esporte e ter entre 8 e 21 anos de idade. Para o Projeto Mel ser instalado em alguma comunidade, ele deveria contar com o pedido formal da Associação de Moradores junto à Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, gestora do Projeto.

Foi constatado pela equipe do Nupevi que muitos núcleos contavam com dificuldades de infra-estrutura, também com falta de equipamento, mas, em linhas gerais, este projeto visa socializar e integrar crianças pelo esporte, arte e cultura. O esporte mais procurado e praticado pelos alunos era então o futebol que é praticado na quase totalidade por garotos.

Em grande parte, os profissionais revelaram que lidam com dificuldades que saem do plano apenas do Projeto Mel, como segurança pública, iluminação, falta de emprego dos pais dos alunos, carência material de muitos praticantes, dificuldades destes com educação básica e formal, e reflexos de violência familiar que ecoam nas quadras e campos onde se pratica o Projeto. Revelaram também que muitos destes alunos têm dificuldades de interagir quando colocados diante de momentos socializadores como o esporte e, sobretudo, o futebol: desrespeito às regras dos esportes, falta da noção de “equipe” e demonstrações profundas de violência dentro do campo. Revelaram também que através do esporte, muitos alunos passam a conhecer vizinhos, moradores próximos, tornaram-se menos agressivos e violentos,

Diante de alunos “problemáticos”, os profissionais diziam chama-los para “conversas” e, de alguma forma, tentar corrigi-los. Porém, quando a “conversa” não era bastante, e quando de nenhuma maneira o aluno mudava seu comportamento, ele era

convidado a se retirar (minorias, segundo os profissionais), como foi relatado por profissionais dos núcleos do Complexo do Alemão, Dique (Vigário Geral) e Jardim América. Curiosamente, as quadras do Alemão e do Dique tinham sofrido intervenção do projeto Favela Bairro e eram quadras em boas condições de uso. Todos eles, de maneira unânime, registraram que durante as atividades esportivas, culturais e artísticas transmitem valores “positivos” do esporte (estranho seria se reconhecessem o contrário). Entretanto, os valores inicialmente não associados ao esporte podem estar ocorrendo nas práticas esportivas fora das aulas, ou ainda passando despercebidas dos profissionais do Projeto.

Os profissionais também relataram que sofrem pressão por parte de alguns pais mais interessados numa possível profissionalização de seus filhos através do futebol, fator que não é pensado pelo projeto que tem a função principal de socialização. Este dado foi também confirmado por alguns pais em suas entrevistas, que até diziam pensar em mudar seus filhos de Projeto para que eles pudessem se profissionalizar. Entretanto, a maioria dos pais tem consciência da função do Projeto e apostam suas fichas na educação formal, mesmo relatando enormes problemas nesta área, e apostavam, sobretudo, na educação profissionalizante, o chamado ensino técnico.

Mas, mesmo que os pais de alunos não pressionem diretamente seus filhos para que se tornem craques do futebol e “salvadores da família”, esta pressão pode vir de outras fontes que estão associadas a uma lógica que permeia grupos e segmentos da sociedade no sentido de vencer na vida e de qualquer maneira, passando por cima de regras, normas, do sentido de equipe e dos chamados valores “positivos” transmitidos pelo futebol desde sua origem. Desta forma, para se destacar, se tornar visível e melhor que os demais, tudo seria válido na competição para conquistar “um lugar ao sol”.

Entretanto, não eram apenas experiências “negativas” em relação aos esportes que ouvíamos dos profissionais, alunos e pais. O projeto passa a ter papel na vida dos alunos pela socialização; por aprender a admirar e se identificar positivamente com o professor ou instrutor, fazendo ampliar seu campo de possibilidades profissionais, para um professor de educação física, por exemplo; por passar a entender a importância de fazer novos amigos, e por ver a importância de respeitar regras para não ser punido (como acontecia quando algum aluno agredia mais violentamente outro, por exemplo);

por perceber, através do esporte, que há outras esferas no mundo que não só o esporte, que não só o bairro, que não só a família: mas a tolerância, a noção de saber perder e vencer, a idéia de que o esforço é fundamental para alcançar vitórias, entre outras.

Conclusões

Apesar de toda a capacidade do esporte de inculcar respeito às regras e às normas, de socializar e ressocializar, de apontar possibilidades, de criar sonhos e expectativas, precisamos atentar para os imponderáveis da vida real. E tal qual no futebol - onde um “montinho artilheiro” pode decidir uma partida, tirando a vitória do time mais “competente” e passando-a para o time mais “esforçado” ou “com mais garra”, “mais raça” etc - também na vida, fatos imprevisíveis e incomensuráveis podem fazer a diferença, alterando, em definitivo, os destinos de muitos indivíduos.

Embora devamos estar atentos ao imponderável, a vida também corre em outras direções, quais sejam as controláveis, previsíveis e passíveis de políticas públicas ou sociais.

Os habitantes da cidade do Rio de Janeiro vêem acontecer em áreas como, por exemplo, o Aterro do Flamengo, em cujos campos se realizam peladas, disputadas entre trabalhadores de restaurantes e de hotéis da zona sul carioca. Ou, até mesmo, assistem, nos subúrbios pobres e degradados, a muitos jovens e crianças disputarem suas partidas de futebol sob o calor do asfalto, demarcando espaços apenas com pares de chinelos ou pedras. No Rio de Janeiro, inclusive, é comum às vezes, acontecer de a cidade parar para assistir a campeonatos de futebol ou mesmo de aeromodelismo. A cidade possui uma identidade particular construída para e com as mais variadas práticas esportivas, como as da praia, as do asfalto, as do ar, as do mar. Isso se reflete na quantidade de escolas públicas com quadras esportivas: mais de 50%, segundo dados do IPP. A cidade do Rio de Janeiro, em sua rica história, já demonstrou ter vocação para o esporte, como foi abordado no capítulo 5.

Conhecidos como celeiro de craques do futebol, de ídolos da música, de grandes escolas de samba e times relevantes no cenário estadual e nacional, a cidade - e o subúrbio - tem assistido a guerras entre quadrilhas de traficantes, entre as quadrilhas e os policiais, entre milicianos e traficantes na disputa territorial.

Tais guerras são alimentadas com o recrutamento de jovens - sobretudo pobres - que se “alistam” em favor de quadrilhas de traficantes. Esses - desejosos de obter meios para consumir os produtos da moda, para conquistar mulheres mediante a

“sedução” das armas e do dinheiro “fácil e rápido” - só fazem aumentar as estatísticas da violência e contribuir para a destruição de famílias, de redes sociais e das suas próprias vidas.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, alternativas e propostas para a prevenção à violência têm sido pensadas e trabalhadas pela universidade e por amplos setores da sociedade civil. E, embora nem sempre tais propostas sejam executadas ou adotadas por governos ou pela própria sociedade civil, é inegável a existência e consistência do debate. E mais! A constatação de ser o esporte um dos instrumentos mais utilizados e pensados para tentar frear o drama da violência que, há mais de duas décadas, assola essa cidade. Cidade cujas políticas oficiais de segurança oscilaram ora entre as excessivamente permissivas, não sendo surpresa o fato de que, políticas de prevenção sejam colocadas em segundo plano, sobretudo no âmbito, sobretudo, do governo estadual.

Aposta-se no esporte como uma alternativa, entre outras, para tentar conter a vulnerabilidade de parcela da juventude pobre – que pode ser seduzida pelo encanto das armas e poder dos traficantes. A aposta - se não bem trabalhada - pode se constituir numa armadilha, uma vez que há forte sedução também pelo mundo do esporte. Parece, portanto, que estamos diante de um remédio que - se prescrito e ingerido erradamente - pode ajudar a aumentar a doença do paciente ou mesmo a matá-lo. Isso porque, o sonho de saída da pobreza e o desejo de abandonar as regiões pobres e vulneráveis a essa guerra é, inegavelmente, perceptível na juventude pobre. Se não bem trabalhada, a possibilidade de frustração e revolta pela não profissionalização no esporte pode desencadear um “re-encantamento” pelo tráfico, perdendo-se assim, todo o investimento feito nesses jovens.

Deixei claro, no capítulo etnográfico, que esse discurso - feito pelos alunos - de aposta no esporte para salvação social e econômica pela tentativa de profissionalização é um entre outros discursos ouvidos nas Vilas Olímpicas. Mas há que se tomar cuidado e observá-lo atentamente para que o “remédio” não tenha o efeito indesejado.

O campo possibilitou captar outras apropriações, utilidades e efeitos encontrados pelos jovens para o esporte. A idéia, por exemplo, de se tornar professor de educação física - provavelmente inspirando-se na imagem de um professor da Vila - era uma das

opções. O uso do esporte como prevenção a problemas de saúde, ou por recomendação médica, também se tornou discurso comum nas entrevistas e durante a observação participante.

Igualmente na pesquisa de campo, foi possível captar a imensa criatividade de alunos e professores para reinventar ou reutilizar o esporte. Verificamos exemplos como o do aluno que através da natação se capacitou para se tornar bombeiro, ou ainda, do antigo vigia que se encantou pelo esporte, cursou graduação em Educação Física, se formou e ingressou, posteriormente, ingressou na Vila Olímpica como professor, criando ali inclusive, uma nova modalidade esportiva: a “aerodefense”.

Reutilizado e reinventado, o esporte funciona como abertura de novas possibilidades, expectativas e alternativas para a juventude freqüentadora das Vilas Olímpicas estudadas. Não podemos esquecer também que a indústria do esporte cria profissões e empregos indiretos entre aqueles que produzem o material a ser usado, as arenas onde os espetáculos esportivos serão exibidos, etc. Os entusiastas do esporte podem vir a descobrir uma variedade de ocupações e profissões para contribuir na difusão de suas práticas.

Um dos principais atos contributivos do esporte para essas comunidades, contudo, reside, inegavelmente, na transmissão de valores para a vida em sociedade. Valores que encerram a idéia do jogo em equipe, bem como a idéia de vencer - na vida ou no esporte - pelos próprios méritos e pela constatação de que o tempo e o esforço pessoal são fatores constitutivos do sucesso consolidado e robusto.

Os jovens moradores das regiões nas quais estão situadas a Vila de Acari e a Vila do Alemão - que são portadoras de estatísticas revelando todo seu caráter violento, com índices sociais revelando baixa escolaridade, expectativas de vida menores do que muitos outros bairros da cidade - podem encontrar, nesses projetos esportivos analisados, alternativas que produzem a socialização baseada em regras que prezam a tolerância, o aprendizado diante de derrotas e vitórias e a idéia de que vitórias são construídas com o tempo e através de perseverante trabalho.

As Vilas Olímpicas demonstraram ser, também, local para recomposição do capital social, da cultura cívica e da eficácia coletiva. Ou seja, múltiplas dimensões e usos desses espaços foram revelados pelo trabalho de campo.

Naquele momento, enquanto esperam os filhos terminarem suas atividades, mães trocam informações sobre os mais variados assuntos das suas localidades, formam opiniões a respeito deles e se mobilizam para enfrentar seu cotidiano, renovando forças, esperanças e amizades. Também é nesse momento que elas recompõem redes sociais, fragmentadas pela violência ou pela migração.

Sociabilidade que também ocorre com os esportistas (Zaluar, 1996), ao fazerem novos amigos – moradores dos mesmos bairros, ruas ou não – ajudando a ampliar o leque de amigos, fato que contribui para que eles percebam diferentes modos de vida, ampliando seu capital social.

Num mundo e numa cidade cujo tecido social vem sendo permanentemente esgarçado, a todo o momento, o sopro de esperança, dado por novas amizades, e a criação da confiança mútua que só a interação social pode trazer, faz (re)viver a sociabilidade tão ameaçada.

Uma característica do futebol no Brasil é o fato poder se apresentar com características extremamente familiares: torcer por um clube, querer retribuir o investimento de pais através da profissionalização no esporte, demonstram que o futebol também se joga em família, reúne a família, reforça o sentido de pertencimento e identificação também tão necessários na e para a convivência social.

Assim sendo, ressaltar a preservação dos espaços das Vilas Olímpicas, sua ampliação e uma atenção por parte de profissionais e empresários do esporte, desde que cultivando os valores do esporte, pode ajudar sim na prevenção à violência. Para isso, é preciso que as Vilas Olímpicas tenham estabilidade e garantias de continuidade, apesar da inconstância político-partidária porventura existente na PCRJ. Ou seja, é necessário que se estabeleça uma política de Estado e não de governo, evitando-se a necessária incerteza do regime democrático que faz partidos e políticos se alternarem no poder.

A tarefa não é fácil.

Sennett (2004) cita um estudo realizado na Grã-Bretanha, no qual se observou que parte dos jovens boicotavam suas próprias carreiras para que não tivessem que romper os laços com suas comunidades e com seus amigos nelas estabelecidos.

A imprensa, nacional e internacional, noticiou - amplamente no mês de abril de 2009 - o desaparecimento por alguns dias do jogador Adriano. Soube-se mais tarde que o famoso pé-de-obra fora “passear” na favela de onde é originário e rever amigos hoje ligados ao tráfico de drogas. Explicações das mais diversas foram lançadas na imprensa esportiva. Entre essas, a noção de que o jogador não estaria preparado para a riqueza, para a fama precoce e volátil, assim como para romper com os antigos amigos da Vila Cruzeiro. Como apontei nessa tese, durante o capítulo 2, a carreira de futebolista guarda algumas semelhanças com a “carreira” de traficantes de drogas. O que Adriano pode ter revelado é justamente a ligação que, tanto traficantes quanto jogadores, têm com o lugar onde nasceram e foram criados. Entre estes, a amizade não os impede de matar um amigo, caso este atrapalhe os negócios da quadrilha (Zaluar, 2004, Pereira, 2008)

Por mais que o esporte socialize, informe novos valores, cumpra seu papel na recomposição de todos os laços sociais e no processo civilizatório, haverá sempre a possibilidade do desvio, do livre-arbítrio.

Mesmo com todas as transformações que o esporte tem sofrido pelo fato de fazer parte de uma indústria (de entretenimento) cuja meta principal é o lucro - e não a ressocialização - os valores transmitidos pelo esporte moderno continuam sendo elementos chave para a transmissão de valores sociais, como tentei mostrar ao longo dessa tese.

Embora o esporte seja imprescindível – e deva servir como aliado das políticas públicas de prevenção à violência – é necessário deixar claro que o mesmo, isoladamente, não conseguirá se desincumbir de todas as responsabilidades supracitadas. Sabemos que, sem a entrada em cena de outros elementos, nenhuma salvação ou ressocialização será possível.

Sob essa ótica, o papel da educação formal (fundamental, média e superior) não pode ser menosprezado. Não basta que o acesso ao ensino fundamental seja universalizado. É necessário também que o ensino passe por uma reforma, para que a escola volte a figurar como um espaço não só de transmissão de conhecimento e de formação básica, mas também local de formação da cultura cívica.

Quanto às instituições políticas, observa-se que as mesmas precisam ser repensadas para chamar de volta a juventude. Para isso, não basta apenas mudar a roupagem de discursos, falando em “linguagem” jovem. É preciso que a política, de fato, seja atraente mostrando que também é capaz de representar os mais diversos interesses dos jovens, em uma sociedade complexa e moderna como a nossa.

Em relação à recuperação de áreas degradadas, é necessário que não se limitem a reformas, obras e paisagismo. É preciso, também, que essas reformas urbanas venham acompanhadas de todas as transformações citadas acima e que essas reformas urbanas apontem alternativas como o desenvolvimento sustentável, reformas que apostem na capacidade inventiva e criadora, estimulando o empreendedorismo para que a região seja recuperada economicamente, pois não se pode mais apostar no “não-lugar” (*shopping center*) como espaço de vida social e econômica. A se insistir apenas em reformas específicas e pontuais, violências como as agressões físicas entre os homens, continuarão ocorrendo em ruas, praças e locais de esporte e lazer dessa cidade.

É preciso que os projetos sociais, a escola e os demais setores da sociedade civil - como as associações vicinais, por exemplo - passem a “desmontar” a hipermasculinidade e o etos guerreiro como modos de afirmação de homens. É imprescindível que esse etos seja apontado como causa de malefícios à sociedade e à saúde - principalmente dos próprios homens que, por causa dele, morrem muito prematuramente, como demonstram as estatísticas oficiais e os dados da pesquisa de vitimização.

Os projetos esportivos e ressocializadores podem, afinal, ajudar a prevenir a violência? Inicialmente, creio que a resposta seja sim. Mas, como o futebol serve de metáfora para vários campos da vida, também servirá como resposta para essa pergunta. Se o esporte for pensado em conjunto com outros “jogadores” - como a escola, a família, as associações vicinais, a política, a sociedade civil - onde todos atuam como uma equipe, há chances reais (e essa tese tentou mostrar isso) de que ele possa servir como mais um jogador na prevenção à violência. Contudo, se jogar

sozinho, como um “fominha⁷⁰” que não toca a bola ou que despreza a equipe, o êxito será sempre limitado, ou mesmo, irrelevante.

Nesse sentido, o jogo terá que ser aberto e precisará contar não apenas com diferentes esferas - família, associações vicinais, escola e etc - mas precisará envolver diferentes “jogadores”. Ou seja, é importante que o diálogo seja estabelecido, e agentes de diferentes esferas de governo - municipal, estadual e federal - dialoguem. Também é preciso que ONGs e sociedade civil façam parte desse mesmo “time”. Pois um fato que não pôde ser constatado durante o trabalho de campo, foi a ausência de diálogo entre os projetos estudados e organizações que atuem nas mesmas áreas e com propostas, objetivando os mesmos fins.

“Virar o jogo” é possível. Para começar, será preciso ver o jovem pobre e vulnerável não como “bom selvagem inocente” e nem tampouco como “lobo do homem”, mas como ser dotado de vontades, de sonhos e de desejos que, nem sempre os mais lícitos, nem sempre os mais lúcidos. Apontar os pontos cegos, as ilusões, as trapaças, os “barcos furados”, especialmente em grupos nos quais os próprios jovens, interagindo entre si, possam entendê-los. Deve ser essa uma prioridade na socialização objetivada pelos projetos e instituições, encarregados de orientar os jovens para a vida em sociedade.

A “virada do jogo” dependerá do quanto os agentes envolvidos em políticas de prevenção à violência estarão dispostos a oferecer como contribuição, em nome do bem comum. A eficácia coletiva deve ser pensada como necessária não apenas para as comunidades, mas como fundamental para mobilizar tanto gestores e membros de projetos, quanto associações vicinais, sociedade civil e universidades.

⁷⁰ Fominha é expressão corrente no futebol para designar o jogador egoísta que prefere perder a jogada a tocar a bola a um membro da própria equipe.

Bibliografia

- ALABARCES, Pablo. **“Fútbol y Pátria – el fútbol y las narrativas de la nación en Argentina”**. Buenos Aires: Prometeo libros, 2002.
- ANDERSON, Perry. **“Zona de Compromisso”**. São Paulo: Unesp, 1996.
- ARCHETTI, Eduardo. **“Masculinities, Football, polo and tango in Argentina”**. Oxford, New York: Berg, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **“Comunidade”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____, **“Trabajo, consumismo y nuevos pobres”**. Barcelona, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **“Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia”**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BULLFORD, Bill. **“Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência”**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BURKITT, IAN. *Social Selves. Theories of Self and Society*. London, Sage, 2008.
- CAMARGO, José Márcio. **Política social no Brasil: prioridades erradas, incentivos perversos**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 18, n. 2, jun. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2009. doi: 10.1590/S0102-88392004000200008.
- CAMPOS, Andreilino. **“Do Quilombo à Favela”**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CANCLINI, N. G. **“Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização”**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. **“Diferentes, desiguais e desconectados”**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CARDIA, Nancy; ADORNO, Sérgio; POLETO, Frederico. **Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 47, abr. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

40142003000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2009. doi:
10.1590/S0103-40142003000100004.

CARTER, Stephen. **“Civility”**. New York: Basic Books, 1998.

CAVALIERI, Fernando e OLIVEIRA, Soraya. **“A Melhoria das condições de vida dos habitantes de assentamentos precários no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta dos 11 objetivos do milênio”**. In “Coleção estudos da cidade”, Rio Estudos, 2006:

http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1762_restudos%20234%20pesquisa%20aponta%20melhorias%20nas%20favelas%20do%20rio.PDF. Acesso em 14 de outubro de 2007.

CECCHETTO, Fátima. **“Violência e estilos de masculinidade”**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

_____ e MONTEIRO, Simone . **“Trajetórias Juvenis e Intervenções Sociais: Repercussões nas Práticas Sociais e em Saúde”**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 193-200, 2006.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA

CORDEIRO, Hésio. **Descentralização, universalidade e eqüidade nas reformas da saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232001000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Out 2007.

DAMATTA, Roberto. **“Carnavais, Malandros e Heróis”**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **“A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMO, Arlei Sander. **“Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”**. Tese de doutorado, UFRGS, 2005.

_____, **"Futebol e Estética"**. São Paulo Perspec. , São Paulo, v. 15, n. 3, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Out 2007.

_____, **"Horizontes Antropológicos"**

D'ARAUJO, Maria Celina (2003), **Capital Social**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
De MASI, Domenico. **"O Ócio Criativo"**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

ELIAS, Norbert. **"Os alemães, a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX"**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____ **"A Sociedade dos Indivíduos"**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **"Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilizing Process"**. Oxford: Paperback, 1993

FARIA, Vilmar. **"A Conjuntura Social Brasileira: Dilemas e Perspectivas"**. In: *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 33, julho de 1992.

FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. **Metrópole sustentável?: não é uma questão urbana**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 4, out. 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 dez. 2008. doi: 10.1590/S0102-88392000000400016.

GASTALDO, Edison. **"O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares"**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: v. 11, n. 24, 2005.

GIDDENS, Anthony. **"A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas"**, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____, **"A Terceira Via"**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2001.

_____, **"Para Além da esquerda e da direita"**. São Paulo: Unesp, 1996.

_____, **"Capitalismo e Moderna Teoria Social"**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

GIULLIANOTTI, Richard & Robertson, Roland (org). **Globalization and Sport**. Oxford, Blackwell Publishing, 2007.

GODBOUT, Jacques T. "**O espírito da dádiva**". Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. "**A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa**". Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GUEDES, Simoni Lahud. "**O Futebol brasileiro: instituição zero**". Rio de Janeiro: dissertação de mestrado em Antropologia Social / Museu Nacional – UFRJ, 1977.

_____, "**O Brasil no campo do futebol**". Niterói: Eduff, 1997.

_____, "**Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis**". O Brasil não é para principiantes: Carnavais, Malandros e Heróis 20 anos depois. Laura Graziela Gomes; Livia Barbosa; Jose Augusto Drummond (orgs.), Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____, "**Subúrbio: celeiro de craques**". In: DaMatta, Roberto (org) *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

HELAL, Ronaldo. "**Mídia, construção da derrota e o mito do herói**". (p. 149 a 162) in *Mídia, Raça e Idolatria. A Invenção do País do Futebol*. Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares, Hugo Lovisoló. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLAND, Sally & COURFIELD, Jonathan B. "**Managing Marginalised Masculinities: men and probation**". *Journal of Gender Studies*, Vol. 9, No. 2, 2000

HOLLANDA, Bernardo. "**A Festa e a Guerra**". Projeto de Doutorado: Exame de Qualificação, História Cultural, PUC-RJ, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "**O Pensamento Selvagem**". Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.

LOPES, J.S.L. "**Esporte, emoção e conflito social**". In: *Mana, estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

- MACDOWELL, Linda .“**The trouble with men? Young people, gender transformations and the crisis of masculinity**”. International Journal of Urban and Regional Research, v. 24: 1, 2000
- MAIA, Eline. **Esporte e Juventude no Borel**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, p. 192-206, 1999.
- MAUSS, Marcel. “**As técnicas corporais**”. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Epu/Edusp, 1974.
- MARQUES, César. “**Herdeiros do Tetra**”. Dissertação de Mestrado, FGV, 2006.
- MAUSS, Marcel. “**Ensaio sobre a dádiva**”. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Epu/Edusp, 1974.
- MELO, Vitor Andrade de. **Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Faperj/Relume-Dumará. 2001.
- MONTEIRO, Rodrigo. “**Torcer, Lutar, Ao Inimigo Massacrar: Raça Rubro Negra.**” Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- MURAD, Maurício. “**A violência e o futebol**”. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- _____ “**Dos pés à cabeça**”. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- NOVAES, Regina. **Juventude: exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso**. In Freitas, M.V. e Papa, Fernanda (orgs). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PEREIRA, Bresser. **Nação, Estado e Estado-Nação**. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.21.Na%C3%A7%C3%A3o.Estado.Estado-Na%C3%A7%C3%A3o-Mar%C3%A7o18.pdf>. Acessado em 10 de março de 2009.
- PUTNAM, Robert. “**Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália moderna**”. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- REIS, Heloísa Baldy dos. “**Futebol e Violência**”. São Paulo: FAPESP / Armazém do Ipê, 2006.
- RELATÓRIO DA ONU PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: em direção à realização das metas do milênio**. Nações Unidas, 2003.

RIAL, Carmen. **“A retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa”**. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política, Niterói: UFF, v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003.

RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mais do que pendurar as chuteiras: projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2003.

ROLIM, Marcos. **Guia para prevenção do crime e da violência**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/guias/a_pdf/203_guia_prevencao_crime_rolim.pdf. Acessado em 11 de fevereiro de 2009.

ROSALDO, Renato. **“Notes Toward a critique of patriarchy from a male position”**. In: Anthropological Quarterly, Vol. 66, No. 2, Constructing Meaningful Dialogue on Difference: Feminism and Postmodernism in Anthropology and the Academy. Part 1 (Apr., 1993), pp. 81-86.

SANTANA, M.A. e RAMALHO, J.R (orgs). **“Além da Fábrica”**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2003.

SASSEN, Saskya. **“The Global City”**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon e COSSÍO, Maurício. **“Juventude, educação e emprego no Brasil”**. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2007juventude.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2007.

_____, **“As Causas da Pobreza”**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SENNETT, Richard. **“Respeito. A Formação do Caráter em um mundo desigual”**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **“O Declínio do Homem Público”**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

_____. **“A corrosão do caráter”**. São Paulo, Record, 1999.

SILVA, MIGUEL VALE DE. **“Senhores de si”**. Lisboa: Fim de Século, 2000.

SOARES, A.J. **“História e Invenção de tradições no campo do futebol”**. Revista de Estudos Históricos, CPDOC, Rio de Janeiro, 1999.

SOARES, L.E. **“Futebol e Teatro – notas para uma análise de estratégias simbólicas”**. In: Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, s.e., 1979, julho/n. 33.

SOUZA, Rolf. **“A confraria da esquina. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca”**. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

SOUZA, Amaury de, LAMOUNIER, Bolívar. **O futuro da democracia: cenários político-institucionais até 2022**. Estud. av. , São Paulo, v. 20, n. 56, 2006.

THOMASSIM, Luiz, STIGGER, Marcos. **“Imagens etnográficas da participação de crianças em projetos sociais esportivos”**. VII RAM, Anais.

TOLEDO, L.H. de. **“Torcidas Organizadas de Futebol”**. São Paulo: ANPOCS, Autores Associados, 1996.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ZALUAR, Alba. **“O Esporte na Educação e na Política Pública”**. In **Educação & Sociedade, Ano XII, abril de 1991, número 38. pp.19-44.**

_____ **“Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas”**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **“Condomínio do Diabo”**, Rio de Janeiro, Revan/UFRJ, 1994.

_____. **“Cidadãos não vão ao paraíso”**. Campinas: Editora da UNICAMP e Escuta, 1996.

_____ **“Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil**. In: SCHWARCZ, L., NOVAIS, F. A. (orgs.). História da vida privada, v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 245-318.

_____. **“A máquina e a revolta”**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WISNIK, Miguel. **“Veneno Remédio”**. São Paulo, Cia. das Letras, 2008.

Websites visitados:

www.ibge.gov.br

www.observatoriodoesporte.org.br

www.esporte.gov.br/

<http://www2.rio.rj.gov.br/smel/default.asp>

<http://blogdojuca.blog.uol.com.br/>

www.globo.com

www.oglobo.com.br

www.folha.com.br

www.odia.com.br

www.iets.org.br

www.economist.com

www.guardian.co.uk

www.schwartzman.org.br

www.scielo.br

www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc

www.fifa.com

www.cbfnews.uol.com.br

www.rio.rj.gov.br/ipp

www.ipea.gov.br

www.suderj.rj.gov.br

www.who.int

www.datasus.gov.br

www.pnud.org.br

<http://www.esportesociedade.com/>

www.revistapiaui.com.br

http://asultimas.com.br/?page_id=8

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)